

**CHRISTIANE ISABELLE COUVE DE MURVILLE**

**CAMPS**

**SER E FAZER NA ESCOLHA PROFISSIONAL:**

**ATENDIMENTO DIFERENCIADO NA CLÍNICA**

**WINNICOTTIANA**

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo, como parte dos  
requisitos para obtenção do título de Doutor em  
Psicologia.*

**Área de concentração:** *Psicologia Clínica*

**Orientador:** *Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello  
Vaisberg*

SÃO PAULO

2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**SER E FAZER NA ESCOLHA PROFISSIONAL:  
ATENDIMENTO DIFERENCIADO NA CLÍNICA  
WINNICOTTIANA**

**CHRISTIANE ISABELLE COUVE DE  
MURVILLE CAMPS**

**BANCA EXAMINADORA**

---

(Nome e Assinatura)

**Tese defendida e aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_**

*Dedico este trabalho aos Artistas, aos Turistas, aos Políticos, aos Mendigos, aos Empresários, aos Jornalistas, aos Dentistas, aos Médicos e aos Professores, aos Detetives, às Mães, aos Pais, aos Vendedores, ao Espectro, ao Cowboy, ao Coronel, ao Piloto e à Aeromoça, ao Alpinista, ao Terrorista, ao Mágico, ao Jogador de Futebol... e a tantos outros jovens que participaram das dramatizações.*

## ***Agradecimentos***

Ao meu marido Roberto e aos meus filhos Marcelo e Ricardo, sempre presentes ao meu lado, incentivando-me ao longo da realização deste trabalho.

À Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello Vaisberg, minha orientadora, que tem me acompanhado com muito carinho, respeito e generosidade, oferecendo oportunidade de crescimento e possibilitando que este trabalho pudesse acontecer enriquecendo o meu viver.

À querida amiga Clarissa Medeiros pelas leituras cuidadosas dos meus textos e pelas sugestões preciosas que contribuíram para a elaboração desta tese.

A todos os amigos da “Ser e Fazer” com quem pude compartilhar momentos valiosos de estudo e de companheirismo e que colaboraram na realização desta pesquisa.

À querida amiga Astrid Sampaio Simão e sua mãe Martine que me ajudaram nas traduções.

## **SUMÁRIO**

<b>Apresentando a tese.....</b>	<b>p. 01</b>
<b>Vivendo no mundo contemporâneo.....</b>	<b>p. 08</b>
<b>Em busca de um “Ser e Fazer” criativo.....</b>	<b>p. 46</b>
<b>Objetivos e estratégias metodológicas.....</b>	<b>p. 76</b>
<b>Um enquadre diferenciado.....</b>	<b>p. 88</b>
<b>O acontecer clínico.....</b>	<b>p. 127</b>
<b>Revisitando o acontecer clínico.....</b>	<b>p. 139</b>
<b>Potencialidade mutativa – Transição entre Campos .....</b>	<b>p. 158</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>p. 165</b>
<b>Anexos</b>	
Terror no ar, no mar e na ilha.....	p. 177
Morte no museu.....	p. 181
Negociando com o governador.....	p. 183
Conversando sobre construções e desvendando ligações terroristas	p. 185
Liberdade X Autoritarismo .....	p. 188
A festa .....	p. 190
Cenas do cotidiano do trabalho .....	p. 192
<b>Referências .....</b>	<b>p. 196</b>

## **Resumo**

CAMPS, Christiane Isabelle Couve de Murville. **Ser e Fazer na escolha profissional: Atendimento diferenciado na clínica winnicottiana**. 2009. 204 f. Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

Este estudo tem como objetivo investigar psicanaliticamente a potencialidade mutativa de oficinas de teatro espontâneo no atendimento a adolescentes em fase de escolha profissional, que concebemos, winnicottianamente, como gesto espontâneo quando pode se dar de modo emocionalmente amadurecido e integrado. O trabalho foi realizado com sete estudantes de escola particular, durante duas semanas, em cinco sessões grupais de até três horas de duração. O acontecer clínico seguiu a configuração das oficinas "Ser e Fazer", que se caracterizam pelo uso de materialidades mediadoras, pela adoção do *holding* como intervenção essencial e pela prática de contínuo diálogo com o pensamento winnicottiano. Foram então elaboradas narrativas psicanalíticas, consideradas à luz do método psicanalítico, no sentido da busca de evidências de transformações dos campos psicológicos-vivenciais. A partir das análises, foi possível constatar a ocorrência de transformações significativas na experiência emocional relativa à escolha profissional, que podem ser atribuídas ao fato de os jovens terem podido utilizar transicionalmente um ambiente fundamentalmente sustentador.

## ***Abstract***

CAMPS, Christiane Isabelle Couve de Murville. **Being and Doing in the Professional choice: Differentiated Attendance in the Winnicott Clinic.** 2009. 204 f. Doctoral Thesis - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

This study aims at investigating on a psychoanalytical basis the mutative potentiality of spontaneous theater workshops in the attendance to adolescents at professional choice phase, which we conceive, on a Winnicott basis, as spontaneous gesture when it can happen emotionally mature and integrated. The work was conducted with seven private school students, during two weeks, in five group sessions lasting up to three hours. The clinical happening followed the workshops configuration "Being and Doing", characterized by the use of mediator materialities, upon the adoption of the *holding* as essential intervention by the continuous dialogue with Winnicott thought. Psychoanalytical narratives have been prepared in the light of the psychoanalytical method, in the sense of searching for evidences of transformations of the experiential psychological fields. As from the analyses, it was possible to notice the occurrence of significant transformations in the emotional experience related to the professional choice, which may be attributed to the fact that the young people were able to use on a transitional basis a fundamentally supporting environment.

## **Résumé**

CAMPS, Christiane Isabelle Couve de Murville. **Être et Faire dans le choix professionnel: Approche différentielle suivant Winnicott.** 2009. 204 f. Thèse de doctorat - Institut de Psychologie, Université de São Paulo, São Paulo. 2009.

L'objectif de cette étude fut d'analyser d'un point de vue psychanalytique le potentiel de transformation d'ateliers de théâtre spontané pour des adolescents en période de choix professionnel. Nous concevons, selon Winnicott, le choix professionnel comme geste spontané, quand il peut se faire d'une façon émotionnellement mûre et intégrée. Ce travail se réalisa avec sept étudiants d'écoles privées. Il dura sept semaines, à raison de cinq séances de trois heures chacune. L'expérience clinique a suivi la configuration des ateliers "Être et Faire", qui se caractérisent par l'usage de matérialités médiatrices, adoptant le "*holding*" comme intervention essentielle, tout en maintenant le dialogue permanent avec la pensée Winnicottienne. Nous avons élaboré des narrations psychanalytiques, qui ont été analysées à la lumière de la méthode psychanalytique pour chercher des évidences de transformations des champs psychologiques vécus. A partir de ces analyses, nous avons constaté l'apparition de changements significatifs dans l'expérience émotionnelle qui accompagne tout choix de profession. On peut les attribuer au fait que ces jeunes aient pu utiliser de façon transitionnelle un contexte fondamentalement de soutien.



## **Apresentando a tese**

Tendo como foco o universo de jovens de classe média que buscam um amadurecimento e uma definição em relação à carreira profissional, esta pesquisa investiga a potencialidade mutativa de um modelo de atendimento clínico diferenciado, que se caracteriza pelo uso do Teatro da Espontaneidade<sup>1</sup> e cujo paradigma intersubjetivo se fundamenta no pensamento winnicottiano.

Conforme observaram Greenberg e Mitchell (1994), Winnicott apresenta formulações acerca da emergência do *self* a partir da matriz relacional constituída pelo bebê e pela pessoa que cuida dele, fornecendo fundamentos para uma teoria do desenvolvimento emocional radicalmente diferente das teorizações de Freud e Melanie Klein. Enquanto estes autores se voltam para processos internos, que supostamente acontecem na interioridade psíquica, o ponto de referência de Winnicott encontra-se no campo relacional. Trata-se de um modelo de atendimento fundamentado em uma Psicanálise não pulsional, que considera o desenvolvimento emocional e as condições de experiência pessoal segundo linhas marcadas, ou não, pela autenticidade e criatividade no viver.

Para Winnicott (1962), o procedimento clínico adotado deve levar em conta as necessidades do paciente, cabendo ao analista oferecer um modelo de atendimento adequado à situação vivida e às questões apresentadas.

---

<sup>1</sup> Reconhecendo a genialidade inventiva de J.L.Moreno (1984), temos usado o Teatro da Espontaneidade a partir de uma perspectiva que se funda no diálogo privilegiado com o pensamento winnicottiano.

Perguntamo-nos, então, como deve proceder clinicamente hoje, um psicanalista que cuide da escolha profissional, mantendo-se fiel a uma perspectiva fundamentada em uma psicopatologia não pulsional e em uma concepção antropológica do homem como ser criador, a partir da qual a escolha profissional saudável deve ser concebida como gesto espontâneo. Embora observemos escolhas profissionais tardias, sem contar que em muitos percursos acontecem novas opções, esta pesquisa focaliza a primeira escolha feita na adolescência propondo um enquadre diferenciado que se caracteriza pelo uso do teatro da espontaneidade em uma perspectiva winnicottiana. Tendo em vista atender as necessidades dos jovens em processo de escolha profissional, esse atendimento clínico diferenciado oferece oportunidades de criação e encontro em um ambiente de *holding* capaz de garantir a experiência de autenticidade, presença e continuidade no viver. A partir de experiências como essas, entendemos que os jovens poderão, aos poucos, perceber-se capazes de gestualidade no mundo, desenvolvendo confiança em si suficiente para o enfrentamento dos problemas da vida. Aproximam-se, assim, de um viver criativo permitindo que uma escolha possa ser feita como gesto espontâneo e não como ação submissa e distanciada de si.

Aiello Vaisberg (2006b) identifica na obra de Winnicott a existência de uma teoria implícita do sofrimento humano original e inovadora, na medida em que o autor caracteriza um tipo fundamental de sofrimento humano que se relaciona a certa dificuldade ou impossibilidade de as pessoas se sentirem verdadeiras, vivas e capazes de gestualidade espontânea. Com isso,

eventualmente buscam diferentes estratégias defensivas diante de sentimentos como falta de autenticidade e afastamento de si. Essas questões, de cunho essencialmente existencial que permeiam o viver e possivelmente se acentuam na atualidade, acontecem em um ambiente dinâmico e instável, podendo ocasionar sentimentos de insegurança e fragilidade diante de rupturas sofridas, da instabilidade das instituições, da liquidez dos vínculos estabelecidos (Bauman, 2004).

Lembrando a observação de Bleger (1963) de que toda conduta humana<sup>2</sup> deve ser considerada no contexto em que acontece, somos, então, convidados a nos debruçar sobre o modo como o ambiente contemporâneo afeta as pessoas e, mais especificamente, os jovens quando em busca de uma definição acerca da profissão a seguir. Perguntamos, então, como deve proceder clinicamente hoje um psicanalista que cuida da escolha profissional, mantendo-se fiel a essa concepção antropológica do homem como ser criador. Preocupa-nos encontrar um modelo de atendimento que seja sensível às demandas da atualidade e que possa ajudá-los a alcançarem uma posição existencial mais madura, a partir da qual se sintam confiantes e estimulados em suas buscas profissionais, capazes de criação no mundo, apesar do ambiente marcado por mudanças, por um mercado de trabalho competitivo e instável.

No capítulo “Vivendo no mundo contemporâneo” abordamos questões relativas ao ambiente contemporâneo, que compõe o pano de fundo em que a

---

<sup>2</sup> Para Bleger (1963/1989), a conduta compreende toda e qualquer manifestação humana, e é unitária, acontecendo concomitantemente nos planos mental, corporal e do mundo externo, e podendo aparecer com maior ou menor ênfase em uma dessas três áreas.

vida acontece e as escolhas são feitas. Observamos como o ambiente da informação e também da transitoriedade e descontinuidade características do nosso tempo articulam-se a sofrimentos decorrentes de sentimentos de vazio, de afastamento de si, de falta de autenticidade, de desânimo ou superatividade e interferem no processo de escolha da profissão.

Em “Em busca de um “Ser e Fazer” criativo” estabelecemos uma interlocução com o pensamento de D.W.Winnicott, no sentido de explorar como as contribuições desse autor podem ser valiosas para nos aproximarmos da experiência emocional dos jovens nesse ambiente contemporâneo, bem como para sugerir possibilidades de intervenções clínicas em momento de busca de definição profissional, afinadas às necessidades atuais. Encontramos no fenômeno da ilusão fundamentos para um trabalho que focaliza a capacidade criativa, apresentando oportunidade de criação e encontro de possibilidades de ser no mundo, ajudando os jovens a se apropriarem de si, de suas escolhas e projetos de futuro. Valorizando a experiência inter-humana e o sentir, procuramos favorecer o movimento dos jovens em busca de seus reais interesses, o que nos afasta de intervenções que priorizam essencialmente processos de reflexão e análise de experiências, ou de propostas que colocam os jovens ou suas condutas no lugar de objetos sobre os quais nos debruçamos para ensinar, medir ou intervir.

Em “Definindo objetivos e estratégias metodológicas” retomamos o objetivo de pesquisar a potencialidade mutativa desse enquadre diferenciado empregando a Psicanálise como método de pesquisa e como encontro inter-

humano. Nesse sentido, esclarecemos o trabalho realizado, que incluiu a elaboração de “narrativas psicanalíticas”<sup>3</sup> que apresentam o acontecer clínico<sup>4</sup> e por meio das quais compartilhamos as lembranças e impressões da terapeuta acerca dos atendimentos realizados.

O capítulo “Um enquadre diferenciado” discorre sobre o uso do Teatro da Espontaneidade em uma perspectiva winnicottiana, como enquadre psicanalítico diferenciado. Seguindo o paradigma do Jogo do Rabisco (Winnicott, 1971) e levando em conta a concepção winnicottiana de psicoterapia acontecendo na superposição de áreas do brincar, são oferecidas oportunidades de criação coletiva de peças teatrais. Nesses encontros com os jovens, a analista dispõe de uma mala com acessórios e vestimentas variadas, convidando o grupo a criar personagens e favorecendo um “brincar de dramatizar”. Em um ambiente de *holding*, capaz de favorecer a experiência de continuidade de ser e de promover a emergência do gesto espontâneo, os jovens contribuem com os seus gestos, criando e encontrando personagens e situações diversas, expressando coletivamente os seus “rabiscos”. Transicionalmente, vivem situações brincantes que os aproximam de temas relacionados a esse momento de transição para o universo adulto do trabalho, trazendo em cena suas dúvidas e dificuldades.

---

<sup>3</sup> Tendo como referência o pensamento de Benjamim (1992), Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio (2003) propõem o uso de narrativas psicanalíticas em pesquisa, como podemos apreciar nos trabalhos de Ambrósio (2005), Granato (2004), Ferreira (2004) e Vitali (2004).

<sup>4</sup> Segundo Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio (2003), o acontecer clínico diz respeito a um encontro inter-humano em atendimento individual ou grupal, focalizando indivíduos ou grupos como unidade, em que não cabe a distinção entre sujeito e objeto, nem tampouco a dissociação da pesquisa da prática clínica.

No capítulo “O acontecer clínico” são apresentadas narrativas psicanalíticas de quatro peças de teatro espontâneo que foram criadas por um mesmo grupo de sete adolescentes de classe média que freqüentam escolas particulares na cidade de São Paulo. Ao longo do trabalho, apresentamos, também, algumas vinhetas clínicas intercaladas ao corpo do texto, com narrativas de dramatizações criadas por outros grupos de jovens.

Em “Revisitando o acontecer clínico” retomamos a leitura das narrativas apresentadas no capítulo anterior com o intuito de identificar campos psicológicos vivenciais não conscientes que remetem à questão da escolha profissional e ao contexto vivido por esses jovens que participaram da pesquisa.

Tendo em vista que o interesse deste estudo é investigar a potencialidade mutativa do enquadre que denominamos “Ser e Fazer na escolha profissional”, no capítulo “Potencialidade Mutativa - Transição entre Campos”, buscamos evidências de experiências transformadoras que, de acordo com a perspectiva winnicottiana, acontecem no sentido de superação de dissociações e do distanciamento de si. Esse capítulo traz, também, uma reflexão acerca da experiência vivida com os jovens em processo de escolha profissional, observando o quanto essa proposta de enquadre diferenciado parece fazer sentido para eles.

Os encontros brincantes com a mala, em ambiente de *holding*, permitem experiências muito vivas e intensas, que acenam para estados de ser mais livres e espontâneos, favorecendo, desse modo, um viver mais próximo de si e

uma apropriação pessoal a partir da qual a escolha profissional pode acontecer como gesto espontâneo.

No final, acrescentamos, a título de ilustração, alguns anexos com dramatizações de outros grupos de jovens, enriquecendo assim nossa aproximação do universo adolescente durante o processo de escolha profissional.

## **Vivendo no mundo contemporâneo**

Iniciamos este capítulo contextualizando questões que nos têm sido trazidas pelos jovens e que mostram o quanto o universo adolescente reflete a problemática da sociedade contemporânea, que abordamos em seguida. Destacamos aqui a descontinuidade e transitoriedade dos tempos atuais, buscando uma interlocução com autores, em especial com Winnicott, que nos ajudam não só a compreender esses aspectos como nos oferecem formas de contraposição, em busca da realização dos potenciais criativos dos jovens aqui em foco.

A adolescência é conhecida como um período de grandes transformações, compreendendo um processo de transição do mundo infantil ao adulto, uma passagem da dependência à independência. Além do desenvolvimento físico e da maturação sexual, essa fase da vida também inclui modificações do ponto de vista psíquico e social, e convida os jovens a reverem a imagem que formaram de si mesmos, as relações estabelecidas até então, seus interesses e sua participação no mundo. Essa trajetória rumo à inserção no mundo adulto, embora acompanhada de sonhos e expectativas de futuro, de esperanças e possibilidades de realizações, pode, no entanto, ser muito sofrida e vivenciada junto a sentimentos de insegurança, dúvidas e dificuldades.

Em minha dissertação de mestrado, intitulada “A hora do beijo: Teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana”<sup>5</sup>, realizei uma pesquisa cujo objetivo era estudar a fecundidade clínica de um atendimento institucional diferenciado em oficinas de teatro espontâneo para adolescentes, em uma escola da rede pública municipal da cidade de São Paulo<sup>6</sup>. Fazendo uso de uma mala contendo objetos variados, propícios à criação de personagens, aproximei-me do universo adolescente, favorecendo um brincar que consistia na construção coletiva de dramatizações. Num campo lúdico, capaz de sustentar o acontecer adolescente, os jovens representaram espontaneamente cerimônias de casamento, evidenciando interesse por esse tema, e permitindo que medos relativos à sexualidade, intimidade e compromisso pudessem ser vividos no grupo.

Uma dessas peças, que apresentamos a seguir, traz o casamento de um mendigo, evidenciando a preocupação desses adolescentes de escola pública em relação ao futuro e o medo de virem a se perceber pobres mendigos, excluídos da sociedade.

*Começaram a aparecer algumas personagens: um mascarado, um mexicano, o homem da capa amarela, Nelson da Capetinga<sup>7</sup>. Notei que os meninos foram os primeiros a explorar a mala e criar fantasias. Um grupo de*

---

<sup>5</sup> A dissertação, publicada em livro pela editora Casa do Psicólogo em 2004, refere-se a um atendimento realizado em escola pública.

<sup>6</sup> Nesse trabalho, o enquadre se oferecia como espaço que podia ser utilizado pelos jovens para a comunicação de questões que lhes pareciam importantes, não havendo nenhum direcionamento prévio de minha parte quanto aos temas a serem abordados.

<sup>7</sup> Personagem de programa de televisão que tem uma esposa muito bonita, cobiçada por todos os homens. Esse marido ingênuo nunca percebe o que acontece à sua volta, as tramóias dos outros homens interessados em conquistar sua atraente e sensual esposa.

*meninas resolveu também entrar na brincadeira. Começaram, então, a vestir uma colega de noiva. Enquanto as meninas aprontavam a colega noiva, os meninos experimentavam diferentes trajes. Eles se apresentavam uns aos outros, e a cada vez inventavam nomes diferentes; Gilbetino, Roberto, Rodrigo, José Alberto, Nelson da Capetinga...*

*Alguns garotos disseram que o Nelson da Capetinga seria o marido na 'noivinha' que estava se arrumando no canto da sala. Esse noivo também já tinha se apresentado como sendo o Rafael e o José Alberto. Um homem mascarado sai correndo atrás da noivinha. Ele diz que vai agarrá-la. Um clima de correria e agitação instala-se na sala por alguns instantes.*

*Enquanto isso, o noivo, Nelson da Capetinga, resolve virar mendigo. Ele se deita no chão da sala e os colegas atiram panos sobre ele. Um dos meninos diz que é o Rico. Ele fala: "Vai chegando o Rico... o rico chuta o mendigo... o mendigo tá pedindo um pão duro, ele não dá o pão duro... ele chuta mais uma vez o mendigo". O menino, enquanto fala, encena os maus tratos e os golpes desferidos contra o mendigo esticado no chão. O Rico ainda continua: "Não pode ter mendigo na rua... se vê um mendigo, chute... este aqui é um mendigo, aqui ó... é um mendigo". O mendigo volta a se levantar e se junta aos colegas.*

*Surge um outro garoto dizendo que é noivo também. São, então, dois noivos nessa história. O noivo mendigo pede para eu filmar o brinco dele. Aparece também um outro mendigo. Dizem que esse novo mendigo é namorado do noivo-mendigo. Este último não diz nada. Junta-se ao grupo de meninos mais um jovem que se apresenta como sendo o penetra da festa. Este*

*jovem conta que ele e o segundo mendigo vão à festa de casamento do noivo-mendigo e da noivinha. Todos acham graça, e o penetra diz que se chama Serginho Malandro.*

*O grupo resolve que está na hora de encenar o casamento. Chamam a noiva para a cerimônia, mas ela havia desaparecido, a menina no papel de noivinha tinha tirado a sua fantasia. Ela explicou que não queria mais fazer o papel de noiva. Uma outra menina disse, então, que seria a noiva e começou a se arrumar com a ajuda das colegas. Um menino diz que vai ser padre no casamento. Surge também um outro jovem apresentando-se como “madrinho” do noivo. Todos dão risada do engano do garoto que prontamente corrige dizendo que será o padrinho do noivo. O mascarado muda de vestimenta e diz que vai ser o pai da noiva. O segundo noivo desaparece no meio da multidão e permanece apenas o casal formado pelo noivo-mendigo e a nova noiva.*

*Abrem um espaço na sala, colocam uma mesa simulando o altar e o padre coloca-se atrás dela. Observo que quatro jovens estão prontos para entrar na Igreja: o casal de noivos, o pai da noiva e o padrinho do noivo. O pai da noiva segura o braço da filha, o padrinho coloca-se ao lado do noivo. Observo que os cônjuges mantêm uma certa distância um do outro. Os quatro entram juntos na Igreja, um ao lado do outro. Durante a trajetória deles até o altar, a turma permaneceu em silêncio. A noiva, um pouco incomodada com a falta de animação da platéia, entoou sozinha uma música: “tan, tan, tan, tan, tan...”. Contudo, meio sem graça, ela também logo silenciou. Os quatro aproximam-se do altar. Na frente do padre, mandam o casal ajoelhar-se. Os*

*noivos ignoram o pedido dos colegas e permanecem em pé. Pai e padrinho acompanham ao lado dos noivos toda a cerimônia.*



*Enquanto eu filmava o casamento, vários convidados faziam sinais de chifrinhos atrás das personagens no altar. O noivo aproveitou a filmagem para pedir, novamente, para que eu filmasse o brinco dele. Cutucam o padre para que ele comece a falar. A noiva pede as alianças e logo aparecem os anéis*

*para a cerimônia. Alguém da turma encarregou-se de providenciá-las. O noivo volta a insistir para eu filmar, dar um close, no brinco dele.*

*O padre pergunta para a noiva: “você aceita na hora da tristeza e da alegria, aceita o R. como o seu legítimo esposo?”. A noiva responde que sim. O padre faz a mesma pergunta para o noivo que também diz sim. O casal troca as alianças, cada um põe uma aliança no dedo do companheiro. O padre finaliza a cerimônia convidando os noivos a se beijarem. Nenhum dos noivos se mexe. A noiva reclama que seu véu está caindo, o noivo pergunta se já não acabou. A turma continuou insistindo e pedindo o beijo. Eles berravam: “beija, beija... selinho, selinho...”. O noivo vira as costas para a noiva e sai de cena. A noiva também se afasta do altar, saindo pelo lado oposto ao do noivo. A turma toda se dispersou na sala. Foi o final desse casamento.*

Nessa dramatização, encontramos um questionamento dos jovens acerca de quem são, do que têm e de quem querem ser no futuro, sugerindo um olhar para si mesmos que reconhece dificuldades e limitações, levantando dúvidas quanto a conseguir ou não realizar aspirações e o sonho de poder sustentar uma família, de arcar com as despesas do cotidiano da vida adulta. De modo contundente, são então trazidas as dificuldades concretas da vida, a dureza das condições enfrentadas no dia-a-dia por grande parte da população jovem, afetando as perspectivas de futuro, a possibilidade de realizar sonhos e a entrada no universo adulto. Observamos, também, a preocupação em perder o brilho, morrer e ser engolido por situações que podem levar à loucura, à perda

de si e da liberdade pessoal, bem como à inibição de um viver criativo, em função das condições e dificuldades encontradas.

A escolha de uma profissão, a inserção no mundo do trabalho, a possibilidade de manter-se financeiramente e o desejo de se desenvolver, apesar das dificuldades encontradas, apontam desafios da atualidade que acompanham os jovens nessa fase da vida, convidando-nos a pensar formas de ajudar a tornar a transição rumo à independência menos sofrida.

Em função das diferenças sociais existentes e do contexto em que os jovens se encontram inseridos, o processo adolescente pode acontecer de modo muito diverso, ocasionando diferentes necessidades, angústias e preocupações. Um adolescente que vai fazer uma escolha vocacional, que sabe que vai cursar uma universidade é, de fato, bem diferente de um estudante de escola pública que mora em uma favela ou vive em um abrigo da prefeitura (Camps, 2003).

Barus-Michel (2005) observa que não existe apenas uma adolescência e identifica pelo menos dois modelos de ser jovem no mundo hiper moderno. A seu ver, há crianças protegidas por pais dedicados, que tiveram um desenvolvimento feliz, viveram poucas frustrações e interdições e não conhecem esforço e privação. Mas há também jovens provenientes de meios desfavorecidos, que vivem a frustração, a humilhação social, a exclusão e a privação cultural no cotidiano, lutando pela sobrevivência em um ambiente de violência e delinqüência.

O termo adolescência não corresponderia, portanto, a um grupo homogêneo de jovens, sendo importante lembrar a estreita relação entre indivíduo e ambiente (Bleger, 1963/1989). Todo fenômeno humano deveria, portanto, ser abordado em seu contexto histórico, social, cultural, econômico e político, considerando o ser humano real e concreto, em sua dramática, na situação vivida. Encontramos em Bleger (1963/1989, p36) que:

Os seres humanos estudados em psicologia, seja de forma individual ou grupal, devem sê-lo sempre em função e em relação estreita com o contexto real de todos os fatores concretos que configuram a situação. Não é o mesmo referir-se ao homem da era industrial que ao da escravidão, e não é o mesmo, na era industrial, um período de crise e desemprego que outro de prosperidade. Tampouco são idênticas as situações de distintas épocas da vida de um mesmo indivíduo, nem as de suas distintas atividades, inclusive no curso do mesmo dia; não é totalmente o mesmo ser humano nem são as mesmas as condições exteriores.

Evitamos, pois, lidar com abstrações tais como a psique, a mente, o id o ego, o superego que remetem a concepções de homem que tendem a desconsiderar variantes sociais e culturais como fazendo parte do fenômeno estudado<sup>8</sup>. Nas palavras de Bleger (1958/1988, p.34):

O que a psicologia deve estudar é o homem concreto, e de nenhuma maneira abstrações. A única realidade é o homem, agindo como tal, e não se deve substituir essa totalidade por funções ou mecanismos que se convertem em entidades

---

<sup>8</sup> Bleger (1963/1989) esclarece algumas concepções de homem que permeiam o pensamento científico. Segundo ele, existe a concepção de homem natural que subentende a crença de uma essência originária do ser humano, que sofre a influência da civilização, do social compreendido como artificial. A concepção de homem isolado diz respeito a um ser não social, que precisa fazer um esforço para se relacionar com outros indivíduos. O autor também cita a concepção de homem abstrato, que surge a partir de uma visão de ser humano descontextualizado da situação real vivida, dando ênfase a entidades teóricas abstratas para tentar explicar o fenômeno humano, desconsiderando o contexto social e cultural em que este acontece, e que o influencia.

independentes; um ato, um acontecimento, se converte na psicologia, em uma relação de sensações entre si, e de relação com a memória, o juízo, a motilidade, etc... e desta maneira, se perde totalmente todo o conhecimento da dramática como acontecimento humano, de um sujeito total, para se tornar um jogo de instâncias, categorias, funções, mecanismos. E o acontecimento se dilui assim em uma elaboração nocional que desencarna, desumaniza e depersonifica totalmente o humano e a dramática.

Compartilhamos dessa visão a respeito da importância de se focalizar o fenômeno humano onde ele acontece, e entendemos, então, que devemos nos aproximar do universo adolescente no contexto da vida contemporânea. Nessa perspectiva, observamos que, de fato, os temas abordados pelos jovens em encontros de teatro espontâneo<sup>9</sup> pertencem à nossa época, referem-se a problemáticas de nosso tempo, da nossa cultura, que atravessam a vida de todos nós, sem remeter apenas à história pessoal de cada adolescente. Para Safra (2004, p.148), a questão trazida pelo paciente é

... peculiar à biografia do paciente e é, ao mesmo tempo, uma questão que atravessa toda a humanidade, mas com uma formulação peculiar para cada pessoa. Uma vez que sua questão seja explicitada, o analisando estará em trânsito, colocando o que o singulariza em devir.

Preocupados em encontrarem um parceiro, um emprego, em cursarem uma universidade, em garantirem o seu sustento e o de suas futuras famílias, com medo de se tornarem pobres mendigos, ou aflitos em face de uma possível gravidez na adolescência, os jovens reapresentam, então, de forma singular,

---

<sup>9</sup> A partir da experiência com jovens em instituição escolar (Camps, 2003), temos proposto oficinas de teatro espontâneo em outros ambientes, tais como com meninos e meninas de rua, com adolescentes em cursinho pré-vestibular, com alunos universitários, profissionais de saúde, em empresas e na clínica infantil em consultas terapêuticas familiares. Alguns desses atendimentos estão descritos em Camps e Aiello-Vaisberg (2002, 2003a, 2003b) e Camps, Medeiros e Aiello-Vaisberg (2005).

essas questões muito atuais e próprias de nosso tempo. Esses temas permeiam o pensamento da população de modo geral e afligem muitos adolescentes, desejosos de uma oportunidade de encontro, de uma experiência que os ajude a encontrar um caminho que lhes seja mais atraente e sintonizado às suas aspirações.

No entanto, é importante esclarecer que os jovens que participaram da presente pesquisa são estudantes de escolas particulares da cidade de São Paulo e, sendo assim, embora atravessados por questões semelhantes às dos jovens de escolas públicas, vivem em um contexto socioeconômico muito diverso que influencia os projetos de futuro.

Tendo em vista o interesse em desenvolver e investigar estratégias clínicas direcionadas à população jovem, realizamos, em outra ocasião, um atendimento em ambiente de cursinho pré-vestibular<sup>10</sup>, durante o qual também propusemos o Teatro da Espontaneidade. A peça criada no grupo trazia a personagem Ana<sup>11</sup>, que queria ser médica, embora seu pai, um coronel, já tivesse lhe arranjado casamento, e até acertado o dote.

*Ana, desanimada, apronta-se para o casamento, escolhe um vestido que lembra pouco o de uma noiva. O noivo tampouco parece empolgado com o casamento e se queixa de que ainda não viu a cor do dinheiro. A mãe de Ana, sempre enfeitada com roupas e adereços extravagantes, compartilha da opinião*

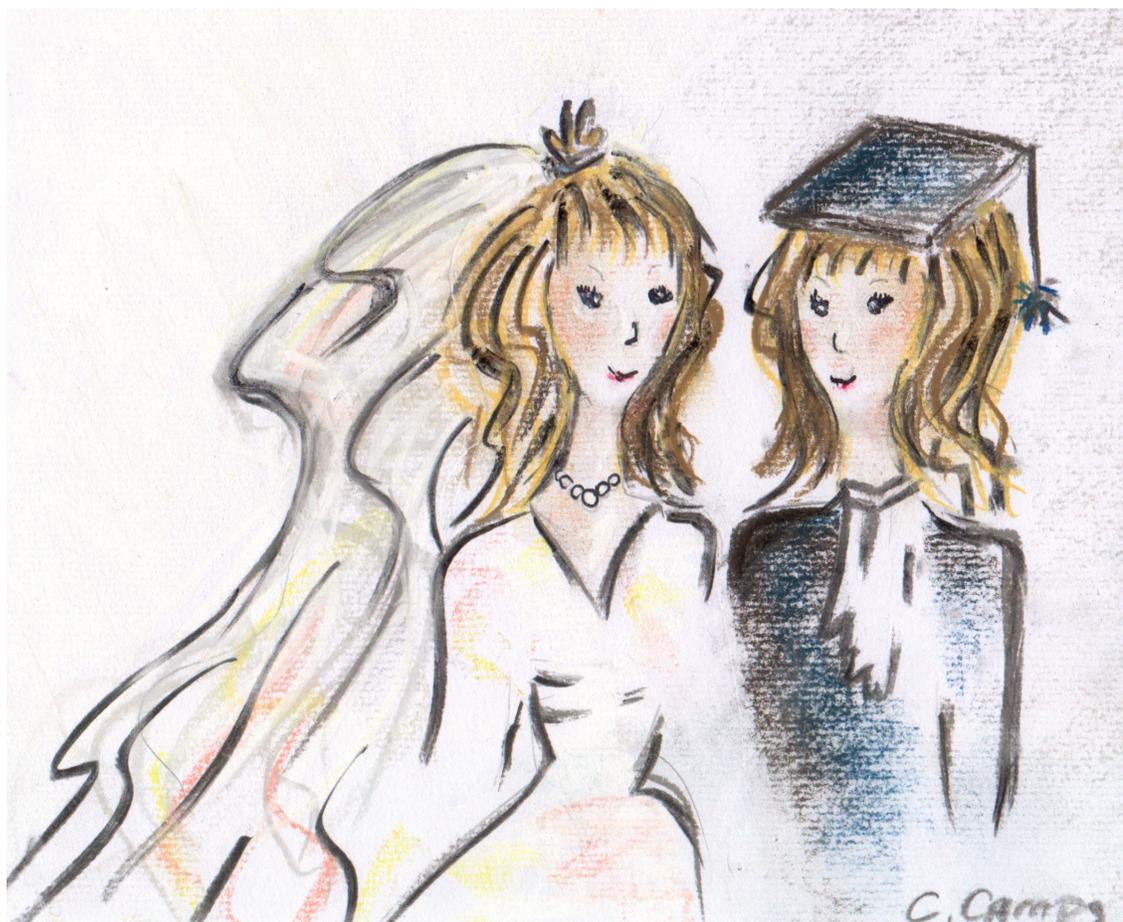
---

<sup>10</sup> Realizei esse atendimento conjuntamente com a psicóloga mestre pelo IPUSP Débora Amaral Audi.

<sup>11</sup> Todos os nomes de adolescentes empregados neste trabalho são fictícios. Alguns detalhes das dramatizações foram omitidos de modo a preservar a identidade dos jovens, sem, no entanto, prejudicar a compreensão do acontecer clínico.

do marido e explica que custa muito caro manter a filha em casa, que a moça traz muitas despesas.

Chegada a hora da cerimônia, o Sr. Coronel pede ao padre que apresse o casamento, pois sua filha não quer se casar. Mas o padre segue calmamente, perguntando ao noivo se aceita Ana em casamento. Antes que o noivo tenha a oportunidade de responder qualquer coisa, o Sr. Coronel coloca-se ao seu lado e o ameaça de morte, caso ele se recuse a se casar com a moça.



A noiva, diante dessa situação, diz que não quer se casar, explica que quer estudar e ser médica, e foge, sai correndo da Igreja. A mãe de Ana,

*escandalizada, acusa a filha de ser a desgraça da família, diz que não vai mais sustentá-la, que ela será deserdada.*

*Mas Sr. Coronel diz que tem de haver um casamento de qualquer jeito, pela sua honra. Pega, então, sua outra filha, que usava um chapéu de bruxa, e a coloca no altar ao lado do noivo. A mãe das meninas explica que esta outra filha não é bruxa, e troca o adereço da cabeça da filha por um mais condizente à situação. Ela ainda se vira para o marido e lhe pede para ser razoável, pois a menina é muito jovem, tem apenas cinco anos de idade.*

*O padre retoma a cerimônia e pergunta à jovem noiva se aceita se casar com o noivo ali presente. A menina hesita, não diz nem sim nem não, mas seus pais logo respondem por ela, falam por cima de suas palavras, todos batem palmas e o casamento é realizado. Quanto a Ana, fez faculdade de medicina, e se tornou médica, realizando, assim, o seu sonho.*

Nessa dramatização surge a preocupação em trilhar um caminho atraente e afinado com as aspirações pessoais. A peça evidencia o impasse entre poder buscar um viver que faça sentido para si, escolher uma carreira, ou acabar seguindo uma vida sem brilho, afastada de si mesma, atendendo às expectativas familiares ou a ditames morais, sociais e econômicos preestabelecidos.

No momento da escolha de uma profissão, parece que essas dúvidas e incertezas se tornam ainda mais presentes no universo adolescente, convidando o clínico a olhar de modo cuidadoso e atento ao que se passa no mundo contemporâneo.

## O ambiente da informação e o acontecer humano

Vivemos em um tempo que muitos denominam era da comunicação, ou mundo globalizado, em que tudo acontece de modo acelerado. Temos à disposição um conjunto tecnológico que nos permite acompanhar o que se passa do outro lado do planeta, divulgar dados de modo rápido e abrangente, interagir com pessoas que se encontram à distância. Podemos, por exemplo, conversar ao telefone com uma atendente, aparentemente situada na mesma região em que estamos, que nos responde em nosso idioma, mas, que, no entanto, encontra-se em outra cidade, ou mesmo em outro país. A comunicação é hoje imediata, *online*, permitindo e estimulando trocas de informações cada vez mais intensas, acelerando a atividade humana de modo geral.

No entanto, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico alcançado, podemos nos perguntar se as pessoas, de fato, estão conseguindo se comunicar. Atento às relações humanas estabelecidas na sociedade atual, Bauman (2004) observa a fragilidade dos laços criados entre as pessoas, a dificuldade de manterem vínculos duradouros, mostrando o quanto o homem atual, embora rodeado de muita gente, freqüentemente sente-se só, vivendo relacionamentos que carecem de profundidade e com a possibilidade de encontro e proximidade acontecendo de forma precária. Esse momento se apresenta, portanto, marcado mais pela abundância de informações e pela agilidade dos meios de divulgação do que pela qualidade da comunicação estabelecida entre as pessoas.

A informação se constitui como um elemento de fundamental importância nos dias de hoje, caracterizando a sociedade contemporânea e influenciando profundamente o viver humano. Para Lash (2002), trata-se de uma sociedade da informação que estimula relações em tempo real e à distância, comprimindo tempo e espaço. A mensagem, que surge como um paradigma dos meios de comunicação de nosso tempo, é curta, objetiva, comprimida do ponto de vista literário, sendo produzida para durar pouco tempo - um dia, no caso das manchetes jornalísticas, ou algumas horas, ou mesmo até apenas alguns segundos, quando se trata, por exemplo, da cotação de ações, ou da moeda.

O autor observa ainda que essa mensagem, sucinta e efêmera, característica de nosso tempo e apresentada de modo acelerado, contrapõe-se ao discurso, à narrativa, à poesia, à arte de modo geral, visto que impressiona as pessoas sem, no entanto, apresentar uma argumentação que a sustente, ou oferecer tempo e espaço para a reflexão. Ou seja, vivemos em um momento histórico em que o excesso de informação surge como uma característica marcante, que, paradoxalmente, compromete a reflexão e a crítica, estimulando a desinformação.

De fato, como bem aponta Lash (2002), temos à nossa disposição um volume enorme de informações que nos chegam diariamente, tantas que mal temos tempo de digeri-las, de refletir sobre os conteúdos que nos são apresentados. No entanto, o pensar e o refletir remetem a atividades relacionadas ao intelecto, ao raciocínio, a funções que, em geral, são entendidas como acontecendo basicamente no cérebro.

Em contraposição, aprendemos com Bleger (1963/1989) que a conduta humana é unitária e se expressa simultaneamente nas áreas simbólica, corporal e da ação no mundo. Portanto, qualquer conduta humana focalizada acontece concomitantemente nas três áreas propostas pelo autor, expressando-se, eventualmente, de forma mais acentuada em uma delas. O pensar e o refletir, por exemplo, remetem à área simbólica, mas também encontram expressão no corpo e na relação do indivíduo com o mundo, constituindo-se como condutas que não acontecem apenas no plano simbólico.

Bleger (1963/1989) observa ainda que tanto pode haver coincidência entre as áreas de expressão da conduta humana como contradição, esclarecendo que uma expressão em um dos planos, seja mental, corporal, ou da ação no mundo, pode acontecer de modo contraditório em relação às expressões nas demais áreas. Além da dissociação entre áreas da conduta, temos também a dissociação entre os campos ambiental e psicológico, sendo que este último compreende o campo da consciência. Quando, por exemplo, uma conduta não está em concordância com o campo ambiental de onde ela emerge, há dissociação entre os campos ambiental e psicológico, ocasionando uma perda de sentido de realidade. Em contrapartida, quando há concordância entre as estruturas do campo, pode-se ter uma imagem mais real do mundo e um melhor sentido de realidade. Para Bleger (1963/1989, p.33), “essas contradições entre as manifestações nas distintas áreas da conduta, que se apresentam de forma simultânea, correspondem ao fenômeno mais geral de

*dissociação da conduta ou divisão esquizóide*, cujo grau ou magnitude pode ser muito variável.”

Esse fenômeno também recebe uma atenção cuidadosa de Winnicott (1949/2000). Na dissociação, a pessoa ausentar-se-ia de si mesma e da convivência humana, buscando no isolamento ou no *falso self* uma possibilidade de tranqüilidade para seguir vivendo. Winnicott (1960/1983, p.135) esclarece os conceitos de *self* e *falso self*:

O *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Enquanto que o *self* verdadeiro é sentido como real, a existência do *falso self* resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade.

Entendemos que os conceitos de *self* e *falso self*, que surgiram a partir da clínica winnicottiana, dizem respeito a posições existenciais e não a entidades internas abstratas. O sentimento de *self* seria decorrente da experiência de unidade e continuidade no viver, enquanto o *falso self* aconteceria em casos em que essa sensação não tenha podido acontecer, levando a pessoa a desenvolver estratégias defensivas. São, portanto, organizações dinâmicas que acontecem ao longo do processo de maturação do indivíduo, sob a influência do ambiente, permitindo à pessoa sentir-se ou não ela mesma, verdadeira. Esse modo de entender *self* e *falso self* afasta-se de

uma teorização abstrata, diferenciando-se do conceito de ego ou do termo “eu”, como esclarecido por Safra (1999)<sup>12</sup>.

O diálogo com o pensamento desses autores nos permite observar que uma atividade humana pode acontecer de modo dissociado de uma vivência integrada e satisfatória, afetando o sentimento de realidade e de presença na experiência vivida. Para Aiello-Vaisberg (2002), essa impossibilidade de se sentir real e presente no viver se caracteriza como exclusão forçada do devir da própria existência, como banimento da convivência real inter-humana, sendo fonte de sofrimento e levando as pessoas a buscarem formas defensivas para com ele lidar.

Abordando o universo do trabalho, Camps, Medeiros e Aiello-Vaisberg (2004) observam que a *dissociação* pode ser encontrada no trabalho dito *taylorizado*, que subentende tarefas repetitivas, usualmente empregadas em linhas de produção de fábricas, levando o trabalhador a realizar ações de forma mecânica e alienada<sup>13</sup>, perdendo a autoria e o sentido daquilo que faz. Entretanto, o mesmo fenômeno de *dissociação* também pode ser observado em outros contextos. “É possível ausentar-se de si em um passeio, em uma conversa, em uma aula de pintura ou no cinema, não vivendo a experiência de

---

<sup>12</sup> Para Safra (1999), o ego diz respeito a uma instância intrapsíquica de caráter funcional, articuladora das demandas do id, do superego e da realidade, enquanto o termo “eu” remete a um campo representacional que possibilita a idéia de identidade.

<sup>13</sup> Na sociologia marxista, a alienação e o trabalho alienado são entendidos no contexto da desvinculação existente entre o operário e o produto de seu trabalho, que é sentido como um objeto estranho, representante de um mundo ao qual o operário não tem acesso. Esses conceitos também são entendidos na relação do operário com a sua atividade, vivida como estranha e não lhe pertencendo (Marx, 1844/1963). Sem confundir com o conceito desenvolvido na sociologia marxista, abordamos este fenômeno a partir da perspectiva da experiência emocional, em dimensões conscientes e inconscientes, remetendo à ausência de si na experiência vivida, a um afastamento do *self*.

lazer, mas passando por ela de modo mecânico ou dissociado” (Camps, Medeiros e Aiello-Vaisberg, 2004, p.51).

Qualquer ação humana pode acontecer de maneira dissociada. O pensar e o refletir, por exemplo, podem se dar de forma intelectualizada, como atividade desvinculada de uma experiência viva e carregada de emoções, acontecendo de modo dissociado, constituindo-se como um fazer sem sentido. Cabe, portanto, ficarmos atentos ao impacto do mundo da informação na vida humana como um todo, evitando, desse modo, um olhar para o fenômeno humano que o reduza ao pensar ou ao refletir. Caso contrário, corremos o risco de também nos limitar a uma esfera dissociada, intelectualizada, que se afasta do acontecer humano enquanto fenômeno que se constitui integrado à dramática<sup>14</sup> da vida.

Retomando as observações de Lash (2002), podemos dizer então que o mundo acelerado da informação não só influencia a possibilidade de pensar e de refletir como dificulta a fruição de uma experiência integrada e viva no contato com o mundo, com as informações apresentadas. Notamos que, em meio a um bombardeio de dados, as pessoas são chamadas a responder rapidamente aos estímulos sem que tenham tempo suficiente para pensar, refletir e vivenciar uma experiência nova.

---

<sup>14</sup> Bleger (1958/1988) enfatiza a importância de se focalizar a conduta humana em sua dramática, em termos de experiência vivida, levando em conta as condições concretas que se apresentam, o momento histórico, social, político e econômico, evitando deste modo abstracionismos que transformam o fenômeno abordado em entidades ontológicas.

## Na companhia de D.W.Winnicott

Encontramos em D.W.Winnicott alguns conceitos que podem nos ser úteis para pensarmos a respeito das repercussões desse ambiente da informação na vida humana. Debruçando-se sobre o desenvolvimento emocional infantil, Winnicott (1990) observa que, no início da vida, quando sujeita a uma experiência sentida como invasiva e ameaçadora, a criança tende a defender-se, retraindo-se da possibilidade de um movimento explorador ou submetendo-se ao ambiente que encontra à sua volta. A repetição de um padrão de reação a um ambiente sentido como hostil acaba dificultando o desenvolvimento do *self* e o movimento da pessoa no mundo.

Nessa perspectiva, podemos pensar o ambiente contemporâneo como invasivo, levando ao desenvolvimento de padrões de reações, que podem dificultar o sentimento de *self* ao longo da vida. Em face de uma estimulação constante, como a que observamos na sociedade contemporânea, o retraimento pode surgir então como tentativa de a pessoa proteger-se de um ambiente acelerado, difícil de acompanhar e que diariamente nos atinge com inúmeras informações novas. Sendo assim, o desinteresse, a alienação e a falta de informação (Lash, 2002) podem também estar relacionados a essa tentativa de preservação diante de um fluxo enorme de informações a que estamos todos sujeitos diariamente<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Em um contexto histórico diverso do mundo atual, Simone Weil (1941/1979) aborda o sofrimento vivido por operários em ambiente de fábrica e descreve o retraimento do

Outra possibilidade de preservação pessoal perante a estimulação constante decorrente das inúmeras informações que nos atravessam no dia-a-dia seria a pessoa buscar adaptar-se da melhor forma possível ao mundo, tentando acompanhar as mudanças, moldando seu próprio ser às demandas do ambiente. Nesse caso, em vez de a pessoa buscar sossego isolando-se, ou mantendo-se à distância das tantas informações apresentadas, encontramos um *false self*, um viver sem brilho que acontece seguindo referências externas, desvinculado do ser.

Como vimos na narrativa que apresenta o drama vivido pela personagem Ana, os jovens parecem preocupados em buscar um viver afinado às suas aspirações, em contraposição a uma vida desprovida de entusiasmo, pautada no ganho financeiro e em exigências da sociedade. Essa dramatização apresenta um ambiente hostil que dificulta o movimento da protagonista em busca da realização de seu sonho de estudar e de um dia tornar-se médica, acenando para um viver submisso que surge na personagem da irmã de Ana. Para Winnicott (1971/75), de fato, uma vivência desconectada de si promove sentimentos de vazio, de irrealidade e de futilidade, podendo ocasionar momentos de desânimo, de depressão e de falta de interesse.

Embora sujeitos a uma quantidade considerável de informação no dia-a-dia, curiosa e paradoxalmente, as pessoas parecem também buscar

---

pensamento para tentar dar conta da monotonia de um tempo que não lhes pertence, da imposição de um ritmo pré-determinado, da impossibilidade de se perceber na tarefa realizada. Nesse período industrial, quando em condições de pressão e se sentindo ameaçado em seu ser, aparentemente, o ser humano tendia a buscar formas para tentar se preservar de um ambiente sentido como ameaçador, que desconsidera o seu ritmo e o invade.

estimulação. É comum encontrarmos, por exemplo, indivíduos com fones nos ouvidos enquanto realizam suas tarefas. A música *tecno* da atualidade, com um ritmo de batidas acelerado e repetitivo, também ilustra essa busca por estimulação constante. O *videoclipe* é outro exemplo que, como proposta de filmagem, exhibe seqüências de cenas curtas e rápidas, mais causando impressões e sensações do que favorecendo a possibilidade de criação de um sentido em face do que é apresentado. Aparentemente, a possibilidade de criação de sentidos escapa facilmente diante de uma estimulação constante e da velocidade com que as informações se alternam, lançando as pessoas em um vazio de sentido, em uma relação desvitalizada no contato com o mundo.

Essa procura por intensidade, por experiências que possam ser sentidas no corpo, promovendo sensações e emoções, pode estar relacionada a uma necessidade de preenchimento, de sentir-se em contato consigo mesmo, vivo e real, a uma tentativa de dar conta de sentimentos angustiantes de vazio, de ausência de si e de perda de sentido diante das experiências vividas. O fato de o mundo contemporâneo oferecer esses estímulos constantes e a possibilidade de satisfações imediatas contribui para abafar a percepção de eventuais dúvidas e dificuldades vividas e de que precisamos de um outro para crescer.

É importante lembrar que, desde o início do desenvolvimento infantil, e ao longo da vida, há sempre necessidade de um ambiente inter-humano para o desenvolvimento da subjetividade e do potencial criativo inerente a cada ser humano (Aiello-Vaisberg e Machado, 2003). Focalizando os primórdios da vida do bebê, Winnicott (1971/1975) salienta a importância da presença humana da

mãe ao cuidar de seu bebê, indo ao encontro das necessidades da criança. O autor ressalta também a importância do olhar da mãe, capaz de perceber o filho como pessoa, como alteridade, fenômeno que influi decisivamente na possibilidade de a criança se perceber e formar um sentimento de *self*. Abordando a situação analítica, destaca ainda o quanto é fundamental que o terapeuta possa devolver ao paciente quem este é, em sua singularidade pessoal. Desse modo,

O paciente descobrirá o seu próprio eu (*self*) e será capaz de existir e sentir-se real. Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*) para o qual retirar-se, para relaxamento (Winnicott 1971/1975; p.161).

Tomando como referência a concepção de homem essencialmente criador de D.W.Winnicott (1971/1975), podemos dizer que as pessoas têm um *potencial criativo* que as estimula a buscar experiências que façam sentido, contribuindo para o seu desenvolvimento. No entanto, esse movimento natural em direção ao mundo pode ficar prejudicado em função de dificuldades encontradas ao longo da vida, da falta de um ambiente adequado ao desenvolvimento emocional. Isso comprometeria a possibilidade de *gesto espontâneo*, que é *self* verdadeiro e corresponde a um movimento autêntico de criação pessoal no contato com o ambiente, e a realização desse *potencial criativo* inerente a todo ser humano. Articulando tal perspectiva ao pensamento de Bleger (1963/ 1989), Aiello-Vaisberg e Machado (2003) apontam para a dimensão transformadora inerente a essa possibilidade de gestualidade no mundo, destacando a importância da experiência ilusória onipresente no início

do desenvolvimento infantil como fundamento para a possibilidade de ação concreta sobre o mundo.

Winnicott (1971/1975) desenvolve o conceito de *viver criativo* que subentende a preservação dessa possibilidade de *gesto espontâneo*, proporcionando um viver baseado no *self* verdadeiro, posição existencial que permite que a pessoa se sinta presente e real na experiência vivida. O *viver criativo* diz respeito à possibilidade de um fazer vinculado ao ser e vem acompanhado de um sentimento de autenticidade e presença, podendo estender-se a todas as áreas do acontecer humano.

A esse *viver criativo*, que está relacionado à possibilidade de uma apropriação criativa e singular do mundo, opõe-se um relacionamento de submissão à realidade externa (Winnicott, 1971/1975). Nas palavras do autor:

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que se ajustar ou exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida (Winnicott, 1971/1975, p.95).

Portanto, no contexto do pensamento winnicottiano<sup>16</sup>, essa submissão implica em perceber o mundo como algo que exige adaptação, algo ao qual devemos nos ajustar, comprometendo a possibilidade de gesto espontâneo, de

---

<sup>16</sup> Winnicott evidentemente não pensa a vida humana como basicamente regulada pelos princípios freudianos do prazer e de realidade, pois a concepção do gesto espontâneo e do brincar como constituintes do modo humano de ser superou essa dicotomia.

um viver baseado no *self* verdadeiro. Uma relação com o mundo em que o *viver criativo* fica comprometido favorece esse sentimento de inutilidade, de futilidade e de falta de brilho no viver.

O autor relaciona a possibilidade de expressão do *self*, de *gesto espontâneo*, às experiências vividas nos primórdios do desenvolvimento emocional, no contato com o ambiente. Segundo Winnicott (1960), esse ambiente pode ser sentido como invasivo, estimulando a adaptação e a formação de um falso *self*, influenciando o modo de a pessoa se relacionar com o mundo.

Descobrimos que os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, que não podem viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor do viver. Essa variável nos seres humanos está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade das provisões ambientais no começo ou nas fases primitivas da experiência de vida de cada bebê (Winnicott, 1971/1975, p.102).

É importante destacar que essa possibilidade de relação criativa com o mundo, de *gesto espontâneo*, compreende a integração do potencial humano com um ambiente sustentado (Winnicott, 1971/1975), sem se referir apenas à expressão de uma interioridade pessoal. Não podemos, pois, abordar o fenômeno humano de forma descontextualizada, sem levar em conta a situação concreta vivida, o momento histórico, político, cultural, e social em questão (Bleger, 1984). Tampouco podemos focalizar uma interioridade pessoal abstrata, independente e desvinculada das relações sociais que nos constituem e nas quais estamos imersos.

Não se trata, portanto, de uma visão simplista de oposição entre o interno e o espontâneo de um lado e as exigências sociais de outro, pois consideramos que também não existe uma interioridade isolada, visto que a possibilidade de espontaneidade, de gesto criador, não acontece de forma desvinculada do social.

No contexto da sociedade em que vivemos, ainda que a informação tenha o poder de promover benefícios e facilidades, quando apresentada de modo que desrespeita o ritmo das pessoas, pode agir, também, de forma desagregadora, ameaçando a possibilidade de estabelecimento de relações criativas com o mundo, dificultando a atribuição de sentidos às experiências vividas.

## **Nosso tempo como ambiente transitório e descontínuo**

A sociedade atual se caracteriza por um dinamismo intenso, que vem acompanhado de transformações constantes que desafiam o nosso ser e influenciam a nossa possibilidade de ação no mundo. De um dia para o outro uma informação torna-se obsoleta, surgem novas descobertas científicas<sup>17</sup>, o panorama político e econômico pode se alterar. Essa superatividade, na qual

---

<sup>17</sup> Podemos notar que o conhecimento se reproduz em ritmo cada vez mais acelerado, de modo que se tornou impossível acompanhar todas as novidades e reter tantos dados que nos são colocados à disposição. Torna-se, então, necessário, fazer recortes, definir áreas de interesse, visto que é impossível acompanhar o ritmo de produção de conhecimento.

estamos todos imersos, imprime um caráter transitório à nossa sociedade, o que pode ser observado em diversas situações de nosso cotidiano, como na moda que muda a cada estação, nos filmes em cartaz que se sucedem em ritmo acelerado sem que tenhamos tempo de acompanhar, na agilidade do mercado financeiro, na instabilidade dos negócios e também das carreiras, que, de repente, estão sujeitas a rupturas, a mudanças de percurso em função de alterações sociais, econômicas ou políticas ocorridas em nosso país ou no mundo de modo geral, e que nos afetam diretamente.

É, no entanto, nesse ambiente dinâmico, e em meio a transformações constantes, que o viver humano acontece. Sujeitas a situações diversas, tais como perda de emprego, dificuldades financeiras, mudanças no mercado de trabalho ou no panorama mundial, as pessoas se vêem também obrigadas a procurar novas atividades, outros caminhos e possibilidades para si mesmas e para suas famílias. O dinamismo e a instabilidade próprios do nosso tempo fazem parte de nosso dia-a-dia, instigando-nos a investigar como a transitoriedade e a agilidade de nosso mundo contemporâneo se apresentam na vida das pessoas e podem afetar o desenvolvimento emocional.

Ao estudar o indivíduo na sociedade atual, Beck e Beck-Gernsheim (2002) observam a desintegração de formas sociais pré-existentes, o colapso dos quadros de referência oferecidos até então pela religião, família, tradição, estado. Enquanto esses modelos estão se enfraquecendo, surgem novas demandas e restrições que são impostas aos indivíduos através do mercado de trabalho, de contingências políticas e econômicas, da situação familiar, de leis e

condições que amarram a vida cotidiana e definem o pano de fundo em que os planos de futuro, as escolhas e a ação humana acontecem.

Conforme a modernidade avança, o que antes era reservado à natureza, ou definido pela tradição e pelos costumes está se tornando parte integrante de decisões humanas e sendo progressivamente substituído, em maior ou menor escala, pelos indivíduos, que são, então, chamados a responder e decidir sobre suas vidas, abordando questões éticas, manifestando-se acerca de pesquisas e aplicações científicas<sup>18</sup>.

O dinamismo da atualidade e a mudança no quadro de referências apontado por Beck e Beck-Gernsheim (2002) exigem, segundo os autores, uma ação constante das pessoas em busca de atualização, na tentativa de desenvolverem condições e recursos para conseguirem atender necessidades e imprevistos que possam surgir. Enquanto havia uma ordem social mais estável, as rupturas e as mudanças podiam ser acolhidas pela tradição, pela família, pela força do estado ou pela religião, oferecendo às pessoas um respaldo seguro, ajudando-as a enfrentar eventuais imprevistos e a manter a continuidade da existência tal qual vinha acontecendo. Mas, desde que antigas referências, antes suporte do viver humano, começaram a cair em descrédito, as pessoas se sentem lançadas à própria sorte, podendo contar apenas com elas mesmas.

---

<sup>18</sup> Russ (1994) observa que o desenvolvimento de novas tecnologias propiciou um aumento brutal dos poderes do homem em áreas que antes não eram consideradas ao alcance de ações e decisões humanas. O homem passou a experimentar e inovar em um setor em que ele mesmo se encontra no centro, como objeto da nova tecnologia, suscitando um debate urgente sobre a ética contemporânea.

Para Sirota (1998), esse tipo de sentimento está relacionado à carência de oportunidades para se elaborar sentido para as experiências vividas. Também atento ao enfraquecimento dos modelos ideológicos e dos fundamentos socioeconômicos na atualidade, esse autor observa o sofrimento que acompanha uma crise do sentimento de existência.

Refletindo sobre o momento pós-moderno, Russ (1994) considera que a queda das ideologias, das crenças e das utopias, o desenvolvimento tecnológico e o triunfo do individualismo contribuem para um sentimento de vazio e de falta de sentido para as experiências vividas, abalando o sentimento de existência, comprometendo a existência de sonhos e lançando as pessoas em apatia, em um vácuo caracterizado pela ausência de perspectivas.

Esse sentimento de vazio, de vácuo<sup>19</sup> e de solidão, de falta de referências que ofereçam suporte ao viver parece desafiar a existência humana, exacerbando as dúvidas e incertezas quanto ao futuro, promovendo sentimentos de medo e desamparo. Nos dias de hoje, mergulhado em um mundo de superatividade, o indivíduo vive, paradoxalmente, como que em um estado de suspensão, de vazio, ao mesmo tempo em que encontra dificuldade em acompanhar as mudanças constantes a que está sujeito e em encontrar referências estáveis para o seu viver no mundo.

---

<sup>19</sup> Já em meados do século XX, Rollo May (1953/1971) observou que o problema fundamental do homem era o vazio, que ele relacionou a uma perda de sentido de si mesmo, a uma existência experimentada como rotineira, tediosa, baseada no que os outros esperam e pensam. O autor identifica a sensação de vácuo interior como resultado do sentimento de incapacidade de ação perante o vivido, de dificuldade de dirigir a própria vida e exercer influência sobre o mundo. O vazio e a futilidade experimentados acabariam levando ao tédio, promovendo a sensação de inutilidade e desespero.

A mídia parece ganhar espaço nesse contexto, ocupando uma posição de destaque, acenando com possíveis referências, contribuindo para a emergência de novos valores<sup>20</sup>, alterando regras e instituições, sendo capaz de seduzir, cercear o pensamento, manipular. Através de um programa de divulgação abrangente, tornou-se possível criar um produto, uma celebridade, promover o surgimento de novas necessidades e também de dependências.

Acreditando escolher seus caminhos e decidir sobre suas vidas, os indivíduos parecem enfrentar dificuldades cada vez maiores para criar o novo sem repetir o que já existe, visto que as informações, as marcas, os valores e costumes são fortemente influenciados pela mídia, comprometendo uma maior participação pessoal na apropriação do que é apresentado.

Esse ambiente de referenciais instáveis e dinâmicos favorece o sentimento de estar sozinho, tendo de dar conta das dificuldades que se apresentam ao longo da vida. A preocupação em se manter atualizado para garantir a sobrevivência de seu negócio, a permanência no emprego, o “ganha-pão” acaba levando as pessoas a tentarem acompanhar e se adaptar, da melhor forma possível, ao ritmo acelerado e às rupturas freqüentes a que estão sujeitas, atendendo às novas contingências do mercado de trabalho, do panorama socioeconômico e político.

---

<sup>20</sup> Assim como Heller (1970/1992), entendemos que o desenvolvimento de um valor em determinado momento da história está intimamente relacionado à atividade humana, sendo expressão resultante das relações e situações sociais. O desenvolvimento de valores não acontece de forma contínua, podendo ganhar ou perder importância conforme a época, ou até mesmo podendo permanecer existindo como possibilidade para ressurgir em outro momento.

Vivemos em uma cultura que acaba estimulando a competição entre as pessoas e fomenta o individualismo, dificultando a percepção do outro enquanto presença que nos humaniza, que compartilha um mesmo momento histórico, uma mesma comunidade, um mesmo destino. Embora seja difícil modificar uma cultura firmemente estabelecida, pensamos que um mundo melhor e mais justo somente poderá surgir a partir da percepção de que não estamos isolados e de que precisamos uns dos outros para viver. A situação do desemprego e da falta de oportunidades de trabalho, vivida por uma parcela da população a cada dia mais expressiva, evidencia um impasse a que estamos chegando e nos alerta para a necessidade de buscarmos alternativas que estimulem o estabelecimento de um olhar mais generoso em relação ao outro.

Torna-se, certamente, um desafio lidar com a competição e a instabilidade da vida contemporânea, o que leva muitos a tentarem ampliar suas possibilidades de atuação, a se manterem atualizados através de cursos, buscando maior qualificação e preparo para as atividades desenvolvidas no cotidiano. Observamos a emergência de profissionais altamente qualificados que esperam, com todo o preparo que conseguiram, garantir condições que os possibilitem driblar essa descontinuidade característica de nosso tempo e eventuais rupturas que podem surgir ao longo da vida, a qualquer instante e de modo inesperado. Para Beck e Beck-Gernsheim (2002), as pessoas vivem em uma liberdade precária, lançadas à própria sorte, sujeitas à transitoriedade das coisas, à instabilidade da sociedade, com dificuldades de acompanhar o ritmo

das mudanças e de controlar as rupturas que inexoravelmente ocorrem ao longo da vida.

Nesse contexto, como observou Sennet (1998/2002), ronda o medo de perder controle de si, ficando a vida emocional à deriva. Parece então existir uma tendência de as pessoas se envolverem em atividades aparentemente dissociadas, que não favorecem o sentimento de realização, de plenitude e de preenchimento pessoal e cujo valor e o sentido facilmente lhes escapam. Notamos indivíduos super atarefados durante a semana e que, quando encontram algum tempo para relaxar, sentem-se culpados por não estarem fazendo nada, ou vazios, perdidos de si mesmos, sem encontrarem atividades que lhes aqueçam o ser. Vivem preenchendo o tempo, seguem uma disciplina de trabalho, sem necessariamente terem um projeto de vida, um direcionamento para o que de fato querem ou buscam para si, sendo que, talvez, nem saibam ao certo onde estão e para onde estão caminhando, correndo o risco de sucumbir às demandas de um ambiente eventualmente sentido como invasor, que não respeita o ritmo das pessoas.

No trabalho, por exemplo, acontece de não se ter tempo para reflexão e questionamento das ordens recebidas, visto que as pessoas são pressionadas a cumprir as metas estabelecidas pela empresa. Essa pressão para se alcançar objetivos e responder rapidamente às questões, que surgem no cotidiano do viver e do trabalho, apresenta-se como uma forma sutil de controle sobre as pessoas, cerceando a liberdade de criação, a possibilidade de um viver criativo, dificultando mudanças. O indivíduo pressionado, com medo de perder o seu

emprego, ou, quem sabe, seduzido por um salário interessante, acaba sendo engolido pelas contingências do ambiente em que vive, eventualmente comprometendo o seu viver no mundo.

O mundo dinâmico contemporâneo, onde a experiência de constância facilmente se perde, apresenta-nos desafios relacionados a essa possibilidade de ser, de sentir-se vivendo de modo verdadeiro e singular, afetando a possibilidade de gestualidade, de movimento espontâneo.

É, no entanto, curioso observar que, justamente, em meio a uma sociedade que desafia o ser encontramos também um desejo crescente de as pessoas se sentirem autoras de suas vidas (Beck e Beck-Gernsheim, 2002). Tornou-se importante sentir-se vivendo de modo singular, de acordo com o seu estilo pessoal e de se perceber com a vida em mãos, com liberdade para decidir o modo como vivê-la e o caminho a seguir.

Retomando o pensamento de Heller (1970/1992), esses parâmetros valorativos como liberdade e realização pessoal e busca de singularidade no viver dão suporte e orientam as decisões e ações humanas na atualidade. Para a autora, os atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com a atividade valorativa, tornando realidade essa possibilidade de vida humana da qual fazemos parte. Esse desejo de autoria na própria existência, que surge como expressão e resultante de relações e situações humanas (Heller, 1970/1992), aparentemente, encobre o sentimento de se perceber cada vez mais alheio e impotente em face do que acontece na vida.

Paradoxalmente, essa busca de um viver marcado pela singularidade parece acabar estimulando ainda mais o indivíduo a lançar-se em uma superatividade que o envolve, arrastando-o em um círculo vicioso difícil de ser rompido. A própria pessoa se cobra resultados, sucesso, destaque. Um fracasso passa, então, a ser sentido como pessoal e não como um fenômeno que ocorre em um contexto mais amplo. A culpa e a responsabilidade por um eventual projeto malsucedido recaem sobre o próprio sujeito, que se sente incompetente, inadequado, afetando sua estima pessoal, por não ter conseguido realizar os seus planos e encaminhar a sua vida do modo como havia sonhado.

O surgimento desses sentimentos relaciona-se ao fato de vivermos em um ambiente que tende a colocar o indivíduo em evidência, ocupando o centro das decisões, responsável pela sua própria vida. Em outras épocas da história, a busca de autonomia e liberdade talvez não surgisse com tanta ênfase e como tão fundamental.

Parece, pois, que essa valorização e busca de autoria no viver, no contexto da atualidade, surge como um contraponto em face de uma necessidade de se ter que lidar com este fazer acelerado, que tende a nos roubar de nós mesmos, com essa descontinuidade ameaçadora, com o vazio eventualmente sentido em função de um fazer experimentado como sem sentido e desvinculado do ser.

## **A importância da experiência de continuidade**

Em contraposição a essa descontinuidade própria da sociedade atual, Winnicott (1956/2000) chama a atenção para a importância da experiência de continuidade de ser nos primórdios da vida infantil como sendo fundamental no estabelecimento de um sentimento de existência de si mesmo, de ser uma unidade que permanece no tempo.

A mãe que desenvolve este estado ao qual chamei de “preocupação materna primária” fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida... Dito de outro modo, a base para o estabelecimento do ego é um suficiente “continuar a ser” não interrompido por reações à intrusão. (Winnicott, 1956/2000, p.403).

A contribuição de Winnicott aponta para a importância de uma presença sensível e atenta às necessidades da criança, quando esta ainda se encontra imatura do ponto de vista do desenvolvimento de uma organização pessoal que lhe permita se sentir como sendo uma unidade. A percepção da presença contínua da mãe, ou de um ambiente que oferece suporte e segurança às experiências vividas nessa fase inicial da primeira infância, garante a possibilidade de a pessoa se sentir existindo no tempo, vivendo em um contínuo, sem ameaças à organização precoce, incipiente, que permite o sentimento de unidade. Existe, portanto, um meio protetor necessário e

indispensável para favorecer o desenvolvimento desse sentimento de ser uma unidade, um ser singular, uma individualidade.

A experiência de continuidade de ser, vivida na presença de outra pessoa, desenvolve no indivíduo o que Winnicott (1958/1983) denominou capacidade de estar só. Essa capacidade de estar consigo mesmo subentenderia uma maturidade emocional que compreenderia o estabelecimento do sentimento de *self*. Enfatizando a importância da presença de alguém capaz de garantir uma experiência tranquila, Winnicott (1958/1983, p.35) diz:

É somente quando só (isto é, na presença de alguém) que a criança pode descobrir sua vida pessoal própria. A alternativa patológica é a vida falsa fundada em reações a estímulos externos. Quando só, no sentido em que estou usando o termo, e somente quando só, é a criança capaz de fazer o equivalente ao que no adulto chamamos relaxar.

O desenvolvimento da capacidade de estar só e o estabelecimento de um sentimento de unidade oferecem, segundo Winnicott (1958/1983), melhores condições para suportar dificuldades e situações inesperadas encontradas ao longo da vida. O autor também esclarece que a possibilidade de gestualidade no mundo, de busca de novos caminhos e possibilidades está intimamente relacionada a essa experiência de continuidade de ser na companhia de um outro, que sustenta um viver no tempo e permite o estabelecimento da sensação de ser uma unidade.

Embora Winnicott (1958/1983) tenha focalizado a importância da experiência de continuidade de ser no início da vida do bebê, parece-nos

importante considerar que tal contribuição pode iluminar fenômenos que ocorrem posteriormente.

Ainda que o que aconteça nos primórdios de nossa existência seja reconhecidamente importante, nem tudo fica decidido, de uma vez por todas, na primeira infância. Assim, pensamos que vivências posteriores também interferem no estabelecimento e na manutenção de um sentimento de confiança e na capacidade pessoal de fazer um movimento singular em direção ao mundo.

Nesse sentido, o estudo dos estágios precoces do desenvolvimento emocional infantil permite iluminar outros momentos<sup>21</sup> em que entramos em contato com situações novas, convidando-nos a focalizar o delicado interjogo entre a influência ambiental e o viver da criança no início de sua vida. Winnicott (1990, p.149) esclarece que “a influência ambiental pode iniciar-se numa etapa muitíssimo precoce, determinando se a pessoa, ao buscar uma confirmação de que a vida vale a pena, irá partir à procura de experiências, ou se retraindo fugindo do mundo”.

Uma experiência de ruptura na continuidade de ser, vivida como uma invasão no início do desenvolvimento infantil, pode ser sentida como uma ameaça à organização ainda incipiente e vulnerável que favorece o sentimento de unidade (Winnicott,1990). Sentindo a sua unidade ameaçada, a criança

---

<sup>21</sup> Um exemplo interessante de como o pensamento winnicottiano acerca do estabelecimento da relação com a realidade pode iluminar outras situações humanas diferentes da experiência do lactente nos é dada por Aiello-Vaisberg e Machado (2005) quando propõem aulas práticas durante as quais os alunos são convidados a se aproximar de modo paulatino e protegido do mundo sofrido da psiquiatrização. Deste modo, os alunos podem acessar a realidade apresentada sem que sejam suscitados mecanismos defensivos capazes de comprometer o estabelecimento de um vínculo criativo com o que lhes está sendo apresentado.

acaba reagindo e buscando proteção, seja no isolamento, ou adaptando-se ao ambiente sentido como ameaçador e desagregador, capaz de abalar esse seu sentimento ainda tênue de existência enquanto singularidade.

As colocações de Winnicott acerca do desenvolvimento de um sentimento de ser uma unidade a partir da vivência de experiências de continuidade de ser no início da vida oferecem elementos para reflexão sobre o ambiente em que vivemos, que, como vimos, é marcado pelo dinamismo, pela transitoriedade e descontinuidade.

O pensamento do autor nos inspira a pensar que o vazio e a insegurança observados, bem como o vácuo citado por Russ (1994), apontam para um afastamento de si, para uma perda de referenciais pessoais que possam assegurar o existir no tempo, a permanência enquanto individualidade, unidade.

Esse desafio em lidar com o dinamismo dos tempos atuais certamente agrava-se quando as contingências que norteiam o viver se alteram, quando os referenciais externos estão sujeitos a mudanças constantes. No entanto, acreditamos que o maior desafio ainda está em a pessoa conseguir se manter em contato consigo mesma, vivendo em sintonia com o que de fato faz sentido para si e experimentando a sensação de ser uma unidade, apesar da descontinuidade vivida.

Ao observar uma pessoa envolvida em um fazer acelerado, tentando seguir o ritmo da contemporaneidade, torna-se importante perguntar então se sua atividade acontece acompanhada do sentimento de ser, da percepção de si mesma em um contínuo, como singularidade que permanece no tempo, apesar

da transitoriedade vivida. Winnicott (1967/1999, p.26) focaliza a precedência do ser sobre o fazer quando diz: “Ser, antes de Fazer. O Ser tem de se desenvolver antes do Fazer. E, então, finalmente, a criança domina até mesmo os instintos, sem a perda da identidade do *self*”.

Esse fazer abordado pelo autor diz respeito a uma atividade integrada ao ser, que se constitui como conduta não dissociada. Para que um fazer intimamente ligado ao ser aconteça, é fundamental que um sentimento de ser tenha se estabelecido previamente. Quando, eventualmente, em função de experiências de descontinuidade, essa sensação de ser uma unidade no tempo fica comprometida, o fazer no mundo também sofre conseqüências, podendo transformar-se em uma atividade experimentada como vazia e desprovida de sentido, dificultando ainda mais a possibilidade de vir a se sentir real, singular e integrado com o seu ser.

Porém, é importante lembrar que, mesmo diante das condições difíceis que a vida nos apresenta, exigindo muito esforço, dedicação, trazendo decepções, ocasionando frustrações, manter-se em contato consigo mesmo, presente, e não ausente da dramática vivida, é algo extremamente valioso. Inspiradas no pensamento winnicottiano, temos afirmado que a presença viva na própria dramática, ainda que sofrida, é a base para que alguma transformação possa vir a acontecer, não apenas do ponto de vista individual, mas também no âmbito coletivo e político (Camps e Aiello-Vaisberg, 2003b).

## **Em busca de um “Ser e Fazer” criativo**

Neste capítulo abordamos as dificuldades enfrentadas pelos jovens no momento da escolha profissional, sugerindo possibilidades de intervenções clínicas que contemplem o ambiente contemporâneo e estejam afinadas às necessidades atuais.

### **Falta de autenticidade no viver**

Considerando que, para a população de modo geral, enfrentar mudanças constantes e ter de dar conta do dinamismo e da instabilidade do contexto atual levantam dúvidas e suscitam angústias e preocupações, remetendo ao ser e ao fazer humano, vale perguntar como ficam os jovens, que, além de terem de enfrentar as mudanças próprias da adolescência, também vivem esses mesmos desafios do nosso tempo.

Atento às questões que costumam surgir na adolescência, Winnicott (1967/1999, p.7) observa:

Alguns adolescentes sofrem muito, e não oferecer ajuda pode ser crueldade. É comum que sejam suicidas aos quatorze anos, e é deles a tarefa de tolerar a integração de muitos fenômenos disparatados – sua própria imaturidade, suas próprias mudanças relativas à puberdade, suas próprias idéias do que é vida e seus próprios ideais e aspirações; acrescente-se a isso sua desilusão pessoal a respeito do mundo dos

adultos, que lhes parece essencialmente um mundo de compromissos, de falsos valores e de infinitas digressões em relação ao tema central. À medida que rapazes e moças adolescentes deixam esse estágio, começam a se sentir reais, e adquirem um senso de *self* e um senso de *ser*. Isso é saúde. A partir do *ser*, vem o *fazer*, mas não pode haver o *fazer* antes do *ser* – eis a mensagem que os adolescentes nos enviam.

Tendo em vista a preocupação dos jovens com o *ser*, com o estar em algum lugar e se sentir real (Winnicott, 1967/1999), esse nosso ambiente contemporâneo, dinâmico e instável, com situações sentidas como invasivas e ameaçadoras do *ser*, desafia ainda mais essa possibilidade de se sentir verdadeiro, traçando o seu caminho de modo singular e envolvido em atividades que fazem sentido para si, imprimindo um sentimento de realidade às experiências vividas.

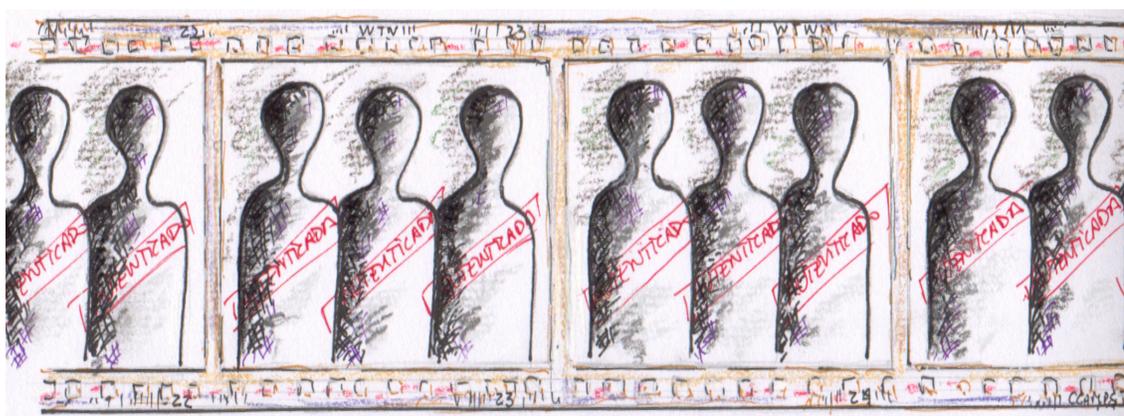
Em atendimento realizado em ambiente escolar<sup>22</sup>, com alunos do ensino médio, os jovens criaram em grupo a história relatada abaixo, que faz alusão a sentimentos de irrealidade e de falta de autenticidade no viver.

*Era uma vez um cara chamado “Cópia Autenticada”. Desde pequeno, ele tinha jeito para música. Um professor de “Cópia Autenticada”, ao perceber que ele era bom para música, resolveu dar a ele uma guitarra. “Cópia Autenticada” também tinha um cachorro, que um dia resolveu sair de casa alguns dias. Quando o cão voltou para casa, empunhava uma espada, e trouxe junto com ele um monte de outros cachorros.*

---

<sup>22</sup> Este atendimento, que tinha por objetivo trabalhar junto aos jovens do 3º ano do ensino médio a questão da escolha profissional, foi realizado em 2005, em uma escola particular de classe média. Essa história surgiu de uma brincadeira com o grupo em roda. Um dos participantes inicia uma história sobre alguma personagem à sua escolha, e depois os demais colegas, um a um, vão continuando a contar sobre a vida desta personagem trazida no grupo, criando assim em conjunto uma história.

*Surge também na história o Taz<sup>23</sup>, que entra em confronto com os cachorros, há uma luta violenta e a guitarra é destruída. Na verdade, isso tudo era um sonho - “Cópia Autenticada” havia sonhado que sua guitarra havia sido destruída. Mas, quando “Cópia Autenticada” acorda do sonho e olha para o lado, para a sua guitarra, percebe que havia uns arranhões e um buraco nela! Aí, passa uma manada de Zebus, que viram elefantes e acaba a história.*



Chama a atenção nessa história o nome da personagem, “Cópia Autenticada”, remetendo a uma pessoa que não é original. Essa personagem necessita autenticação, pois não tem valor por si mesma, não tem existência própria, é apenas uma cópia de algo que se encontra em outro lugar; assim, alguém de fora tem de lhe conferir credibilidade, tem de autenticá-la. “Cópia Autenticada” tem, no entanto, algo de bom, tem jeito para música e seu professor reconhece isso e lhe presenteia com uma guitarra. Mas essa guitarra é danificada em conflito de cachorros, envolvendo espada e furacão! “Cópia Autenticada” tampouco tem a impressão de ter vivido de verdade essa luta, talvez estivesse sonhando, mas o fato é que a guitarra ficou danificada. O seu

<sup>23</sup> Personagem de desenho animado que vem da Tasmânia e que é muito bravo e agressivo, que vem girando como um furacão e destruindo tudo por onde passa.

instrumento de expressão através da música foi quebrado, a sua possibilidade de mostrar o seu talento, de ser singular, parece que se perdeu nessa luta. Vem, então, a morte.

Essa história traz a tristeza de a pessoa se perceber pouco autêntica, sem possibilidade de expressão de singularidade, de *self*. Acompanha a narrativa a sensação de a personagem “Cópia Autenticada” não estar presente em certos momentos de sua vida e de estar sujeita a rupturas intempestivas, que roubam sua possibilidade de expressão pessoal, de vida. A morte parece surgir em decorrência de uma vida como “cópia autenticada”, em que o pouco da originalidade possível lhe é roubada. Nesse contexto, podemos pensar a morte como impossibilidade de expressão, como afastamento de si mesmo, ou também como ausência na própria existência.

Um relato como esse, que aponta para o sofrimento decorrente da impossibilidade de ser, estimula então a busca de estratégias clínicas capazes de favorecer e preservar a possibilidade de *gesto espontâneo*, de *viver criativo* do adolescente.

## **A importância do fenômeno da ilusão**

Destacando a importância do fenômeno da ilusão na vida do bebê, Winnicott (1970/1999) oferece pistas sobre como ajudar a favorecer essa possibilidade de gestualidade no mundo, de *self* em ação, que estimula o

sentimento de vitalidade e de presença no viver. A experiência de ilusão, vivida pela criança, de criar o que lhe é delicadamente apresentado pela mãe, ou cuidadora, é de fundamental importância no estabelecimento de um sentimento de confiança no mundo e em si mesma. A aparição de um objeto no momento oportuno permite à criança viver a experiência ilusória de criar o que já estava lá para ser encontrado. Essa ilusão de um objeto existindo dentro da área de onipotência permite à criança acreditar que poderá encontrar no mundo o que deseja, aquilo de que necessita. E, mais adiante, se tudo correr bem ao longo de seu desenvolvimento, poderá perceber os objetos à sua volta existindo independentemente da sua vontade e de seu domínio onipotente.

O fato de uma pessoa viver uma experiência de criação de algo, que surge justamente no momento em que ela está pronta para encontrá-lo, proporciona um sentimento de confiança na possibilidade de se dirigir ao mundo em busca de experiências. A vivência da experiência ilusória, em um momento adequado, quando o ambiente não é sentido como invasor, mas capaz de oferecer as experiências buscadas, desenvolve e reforça na pessoa a confiança em si e a crença em um mundo capaz de acolher seus movimentos, de proporcionar as experiências de que necessita. Essa vivência é fundamental na vida das pessoas e constitui a base para que um movimento singular em busca da vida, do que faz sentido para si, dos sonhos pessoais e do que possa acontecer.

Embora Winnicott (1952/2000) focalize mais detidamente o fenômeno da ilusão na vida do bebê, na relação com sua mãe, observa, também, que a

ilusão está igualmente presente na vida adulta - na arte e na religião. Roussillon (1999) propõe a expressão “apropriação subjetiva” do mundo, que subentende a criação, pelo indivíduo, do mundo que encontra ao seu redor, evidenciando a capacidade criativa inata do ser humano e sua possibilidade de realização enquanto ser criativo<sup>24</sup>.

Portanto, o fenômeno de ilusão, de encontro e criação de um objeto, acompanha-nos ao longo da vida, e está na base da possibilidade de uma relação criativa com o mundo. Importante citar novamente o exemplo de experiência ilusória de criação/encontro proporcionada por Aiello-Vaisberg e Machado (2005) em aulas práticas de psicopatologia. Através de prática transicional, foi possível estimular o estabelecimento de uma relação mais autêntica e criativa com o mundo do sofrimento psíquico.

Em meio a esse nosso mundo acelerado e volátil, torna-se fundamental promover oportunidades de experiência ilusória, de encontro/criação diante do que se apresenta. Desse modo, ajudamos a proporcionar uma experiência única de liberdade, estimulando a capacidade de criar e inovar, resgatando ou promovendo um viver autêntico, que compreende o sentimento de unidade, de ser no mundo. Abre-se, portanto, a oportunidade de realização de um gesto genuíno capaz de romper com as imposições da sociedade da informação, com

---

<sup>24</sup> Roussillon (1999) observa que Winnicott viveu este processo de “apropriação subjetiva” transformando e reinventando a Psicanálise ao seu modo. O autor também assinala que o fenômeno de encontrar e criar um objeto pode ser transposto para outras situações da vida como na relação mãe-bebê, mas também, por exemplo, na relação analítica, sendo tarefa do psicanalista oferecer-se e oferecer um *setting* analítico como objetos capazes de serem criados e encontrados pelo paciente.

o poder da mídia, tornando possível um olhar que transcende a informação sucinta e rápida.

Essa possibilidade de liberdade de ser e de criar está vinculada a um percurso de vida que subentende um desenvolvimento emocional, um amadurecimento que compreende a experiência de continuidade de ser em um ambiente sustentador e acolhedor do *gesto espontâneo*, a experiência de ilusão e a capacidade de estar só. Esse desenvolvimento pessoal permite a preservação da liberdade de ação e de criação no mundo, embora sigamos atravessados por uma quantidade enorme de informação e envolvidos em um ritmo acelerado de vida. É verdade que podemos experimentar situações capazes de abalar profundamente o nosso viver. No entanto, nas contingências da atualidade, tornou-se ainda mais importante favorecer o desenvolvimento de condições pessoais que ajudem a caminhar de modo mais tranquilo, em meio às dificuldades que inexoravelmente surgem ao longo da vida.

A adoção de estratégias defensivas perante situações de impasse dificulta a possibilidade de um movimento para além do sofrimento experimentado, perpetuando, desse modo, a condição vivida. A pessoa corre, portanto, o risco de ficar aprisionada a um modo de viver pouco autêntico, sentindo-se sozinha, ou sujeita à manipulação de outros, em um vazio sem sentido. Observamos aqui uma alienação na própria existência, apontando para uma exclusão do próprio devir, que acontece junto a uma interrupção do viver

criativo, agravando ainda mais esse quadro de exclusão, aqui entendida como interrupção da possibilidade de gestualidade<sup>25</sup>.

Mas é justamente nos momentos de dificuldades, que muitas vezes nos levam a ter de modificar nossos projetos, desafiando nossa crença no mundo e em nós mesmos, que o sentimento resultante da experiência ilusória de encontro/ criação e a percepção de si mesmo como sendo uma singularidade capaz de ação no mundo permitem buscar novas possibilidades para a situação enfrentada. Com isso, evita-se que a pessoa fique paralisada e capturada no sofrimento vivido, inaugurando movimentos para além das dificuldades sentidas (Aiello-Vaisberg e Machado, 2005).

Consideramos, então, fundamental propor programas direcionados aos jovens, cujo potencial transformador seja cientificamente pesquisado, permitindo desenvolver condições pessoais favorecedoras de um viver criativo, atendendo a esse ambiente de rupturas e a esse mundo dinâmico da informação no qual estamos inseridos.

Um olhar atento aos jovens parece realmente valioso, especialmente no momento da escolha de uma profissão. Os adolescentes, pensando se vão ou não fazer um curso superior, se vão ser *office-boys*, pedreiros, cozinheiros, se vão trabalhar em ambiente de fábrica, ou no mercado informal, que, às vezes, pode até estar relacionado a atividades ilícitas, estão sujeitos a muita

---

<sup>25</sup> Lash (2002) chama atenção para a exclusão decorrente da impossibilidade de acesso a um mundo globalizado, que permite usufruir o poder conferido pela informação, promovendo contatos com outros indivíduos de afinidades semelhantes em diferentes partes do planeta. Entretanto, parece-nos fundamental ficarmos atentos, principalmente, à exclusão decorrente da eventual interrupção da possibilidade de gestualidade no mundo, de movimento pessoal de encontro/criação, levando as pessoas a duvidarem da própria capacidade de criar, da possibilidade de trilhar caminhos mais adequados para si.

informação que circula através da mídia, sofrendo ainda, eventualmente, pressões para trabalhar, muitas vezes por terem de ajudar financeiramente a família.

Focalizamos, nesta pesquisa, os jovens de classe média que pensam em cursar uma universidade e que também se deparam com uma quantidade enorme de informação veiculada em revistas especializadas, nos cursinhos pré-vestibulares, em palestras abordando temas como profissão, escolha, cursos, mercado de trabalho, etc. Certamente as informações são importantes<sup>26</sup>, favorecendo um conhecimento acerca do que existe como carreira a seguir, das oportunidades no mercado, dos cursos oferecidos, das possibilidades de trabalho. No entanto, devem ser “apresentadas”<sup>27</sup> aos jovens no momento oportuno quando puderem ser criadas/ encontradas.

O que, de fato, encontra-se na base de uma escolha acertada, que faça sentido para o jovem, parece-nos ser, justamente, essa possibilidade de vivência da experiência de ilusão, que contribui para a confiança e a segurança em si mesmo e no mundo. Lembrando Winnicott (1970/1999, p.26), Ser, antes de Fazer. O Ser tem que se desenvolver antes do Fazer”. Esse Ser diz respeito a um sentimento de unidade e continuidade que nada tem a ver com uma

---

<sup>26</sup> Bohoslavky (1977/2003) salienta a importância do que ele chama de informação ocupacional, que compreende o fornecimento de informações relacionadas às carreiras, ocupações, áreas de trabalho, demanda profissional, etc. Mais recentemente, Uvaldo e Silva (2001) desenvolveram trabalhos propondo a inserção de uma disciplina na grade curricular escolar, para abordar o tema da escolha de uma profissão.

<sup>27</sup> A palavra “apresentar” está aqui empregada na precisa acepção que encontramos na obra de Winnicott (1971/1975). O autor fala de apresentação inicialmente no contexto da relação mãe-bebê, quando a mãe apresenta o seio no momento em que a criança está pronta para viver a experiência ilusória de encontrá-lo e criá-lo. Esta idéia de apresentação define o modo como se estabelece a relação do indivíduo com a realidade, remetendo à possibilidade de gestualidade espontânea na presença de um outro que oferece a oportunidade de viver a ilusão.

representação intelectualizada de si, que pode eventualmente servir como estratégia defensiva diante de sentimentos desconfortáveis, ameaçadores da integridade pessoal. A partir dessa posição existencial, torna-se possível o Fazer, que inclui escolhas. No contexto da escolha profissional, o jovem que desenvolveu esse sentimento de ser terá melhores condições para buscar com segurança o que de fato corresponde aos seus anseios mais profundos, podendo, então, fazer seu movimento em direção ao que lhe interessa, encontrando naturalmente, e por iniciativa própria, as informações que lhe são necessárias para seguir o seu caminho e realizar os seus sonhos.

## **O desafio da escolha no ambiente dinâmico da informação**

As escolas, os cursinhos pré-vestibulares, a mídia e a internet oferecem aos jovens uma gama enorme de dados a respeito do universo do trabalho, das profissões existentes, das possibilidades de cursos a seguir, do mercado, etc. Além dessas informações, aqueles que planejam fazer um curso superior, ao se prepararem para os exames vestibulares, também deparam com muito estudo, ampliando ainda mais a estimulação a que estão sujeitos.

A informação é sem dúvida um elemento fundamental nos dias de hoje, influenciando nossas ações, nosso viver, tendo, portanto, de ser considerada no

momento da escolha profissional. No entanto, precisamos estar atentos ao modo como essas informações e estimulações afetam os jovens justamente quando eles estão às voltas com a questão da escolha de uma profissão.

Também sensíveis ao impacto que o excesso de informação pode ter sobre os jovens, Lemos e Ferreira (2004, p. 54) observam que “o adolescente sente cada vez mais dificuldades em fazer escolhas, muitas vezes não por falta de informação, mas até mesmo por excesso, sem que estas, entretanto, estejam adequadamente integradas aos interesses, aspirações, etc.”.

Aparentemente, um excesso de informação e estimulação pode chegar a dificultar o processo de escolha, levando o jovem a buscar formas de se proteger em face desse enorme afluxo de conhecimento transmitido. Também a instabilidade das referências no mundo atual, as rupturas e mudanças constantes a que estamos sujeitos, que ameaçam o sentimento de continuidade no tempo, são desafios que dificultam traçar planos e interferem em nossas escolhas. Cabe ainda levarmos em conta o desenvolvimento de novas tecnologias, que aumentou consideravelmente o alcance das ações e decisões humanas, fazendo com que sejamos cada vez mais solicitados a responder, tomar decisões e escolher a respeito de tudo (Russ, 1994).

Em um ambiente como esse, em que muitos se sentem sozinhos e lançados à própria sorte (Beck e Beck-Gernsheim, 2002), parece que qualquer escolha ganha um peso maior, tornando-se um desafio que toca profundamente o Ser, visto que um eventual infortúnio, ou projeto malsucedido acaba sendo

atribuído ao próprio indivíduo, exacerbando sentimentos de fracasso e menos valia, esquecendo-se de se levar em conta o ambiente em que vivemos.

Nesse contexto, a alienação, o desinteresse, o isolamento, a desinformação, ou ainda a superatividade e a superadaptação, numa tentativa de acompanhar o ritmo da atualidade, podem surgir como formas de a pessoa tentar lidar com todo esse volume de informação disponível, com os desafios da atualidade. A adoção de estratégias defensivas como essas subentende um afastamento de si que pode dificultar ainda mais qualquer possibilidade de escolha, ocasionando também sentimentos de vazio, de futilidade, de depressão, de desânimo, de falta de interesse e sentido.

Levando em conta o contexto vivido, podemos nos perguntar o que poderia, nos dias de hoje, contribuir para que o jovem consiga fazer a sua escolha profissional como gesto espontâneo, de modo sintonizado com o seu ser, atendendo aos seus interesses mais verdadeiros. Quais são os elementos que oferecem a base para se fazer uma escolha profissional que traga satisfação e realização pessoal?

## **Teorias e práticas voltadas à escolha profissional**

Diversas teorias e propostas de práticas voltadas à escolha profissional surgiram ao longo do tempo, levando a diferentes classificações, como a de Crites (1974), que identifica três grandes grupos: as teorias não psicológicas, as

psicológicas e as gerais. As teorias não psicológicas incluiriam as teorias econômicas, a do acidente, a cultural e sociológica, atribuindo à escolha da profissão fatores externos ao indivíduo. As psicológicas focalizariam características e processo internos das pessoas, compreendendo as teorias traço-fator, psicodinâmicas, desenvolvimentistas e as baseadas em decisões decorrentes de análises racionais dos elementos envolvidos na escolha da profissão. As teorias gerais, reconhecendo a multiplicidade de fatores que influenciam a escolha profissional, considerariam tanto aspectos psicológicos como socioeconômicos (Crites, 1974).

Em nosso meio, temos Bock (2002), que organiza as teorias em tradicionais, críticas e além da crítica. As teorias tradicionais identificariam a existência de um perfil pessoal e de um profissional, sendo necessário conscientizar o jovem acerca de suas características e ajudá-lo a conhecer as profissões que existem como possibilidades para ele. Para o autor, as teorias psicológicas apoiar-se-iam nesse modelo de perfis diferindo apenas quanto à origem das características pessoais, que poderiam ser inatas ou construídas a partir das relações estabelecidas na infância e ao longo do crescimento, promovendo, em última instância, também um ajustamento do indivíduo à sociedade. As teorias críticas estariam comprometidas em denunciar aspectos sociais e ideológicos presentes nos trabalhos de orientação profissional fundamentados em teorias tradicionais que estariam reproduzindo a ordem social vigente sem qualquer questionamento.

Em sua teoria além da crítica, Bock (2002)<sup>28</sup> defende uma abordagem que ele denominou sócio histórica, que levaria em conta a multiplicidade de fatores envolvidos nos momentos da escolha profissional, reconhecendo que não há nem liberdade de escolha absoluta nem determinação social absoluta. Segundo essa perspectiva, esse momento de escolha ofereceria uma oportunidade de mudança da condição vivida<sup>29</sup>.

Apesar dos esforços feitos para se classificar as diferentes teorias de escolha profissional existentes, como observou Audi (2006), o campo da psicologia vocacional permanece polêmico, não se podendo eleger uma teoria como sendo capaz de contemplar a multiplicidade de fatores inerentes ao processo de escolha profissional.

Sem qualquer pretensão de propor uma nova classificação, podemos, no entanto, perceber dois tipos de intervenções em orientação profissional - uma de cunho essencialmente pedagógico, constituindo uma orientação profissional educacional, e outra de inspiração psicanalítica. A primeira estaria comprometida em ensinar o jovem acerca de suas características e capacidades pessoais e a respeito das profissões e carreiras existentes, transmitindo-lhe o máximo de informações possíveis sobre si e o mundo em que vivemos, de modo a fornecer uma bagagem de conhecimento que o ajude no momento da escolha da profissão.

---

<sup>28</sup> Baseado no pensamento de Vigotsky, Bock (2002) procura entender o indivíduo em sua relação com o ambiente de forma dinâmica e dialética, entendendo que o ser humano cresce, desenvolve-se e adquire suas habilidades a partir de processos de internalização.

<sup>29</sup> Bock (2002) prefere falar em condição humana ao invés de natureza humana visto que a idéia de natureza sugere uma visão de ser em potencial a se realizar, tendo uma essência a ser descoberta. Falando em condição humana, ele descarta a noção de habilidades, valores, aptidões e tendências inatas, pois estas seriam historicamente conquistadas pela humanidade.

Quanto às propostas de intervenção em orientação profissional inspiradas na Psicanálise, notamos que podem ser muito diferentes em função da vertente teórica seguida. Greenberg e Mitchell (1994) reconhecem dois modelos psicanalíticos que nos ajudam a diferenciar possibilidades muito distintas de trabalhos em orientação profissional, mesmo quando aparentemente tendo um mesmo referencial teórico. Os autores identificam em Freud (1980) o modelo de uma Psicanálise pulsional fundamentada na idéia de pulsão como origem para toda manifestação humana. Esse modelo difere daquele que encontramos em Winnicott (1945/2000), quando este apresenta suas formulações acerca do desenvolvimento do *self* a partir das relações estabelecidas no início da vida, na interação do bebê com a pessoa que cuida dele.

Referindo-se a Klein, Greenberg e Mitchell (1994) percebem que, embora empenhada em seguir os pressupostos freudianos, ela abre caminho para a Psicanálise relacional, ao dar a sua contribuição acerca da natureza das pulsões e da origem dos objetos. Para Klein, as pulsões são inerentes e inseparavelmente dirigidas a objetos, e estes não são simplesmente veículos para a gratificação da pulsão, surgindo a partir das observações das experiências com outros reais, que são internalizados e estabelecidos como objetos internos, tornando-se *um "outro" com o qual o bebê mantém relações intensamente pessoais*" (Greenberg e Mitchell, 1994, p. 92). Segundo Greenberg e Mitchell (1994), Klein distancia-se em sua clínica da metapsicologia freudiana, embora continue teorizando em termos do

incremento de conhecimento sobre si no sentido de tornar conscientes aspectos inconscientes.

Entre os trabalhos desenvolvidos em orientação profissional influenciados pelo pensamento kleiniano, destaca-se o de Bohoslavsky (1977/2003), que propôs abordar a questão da escolha da profissão a partir de uma perspectiva clínica, afastando-se de uma visão de homem como objeto de observação, diagnóstico, estudo e orientação. Para ele,

Quando se deixa de pensar no ser humano como *objeto* de observação e se o entende como um *sujeito* de comportamentos, ver-se-á, ao mesmo tempo, algo que é comum aos homens e deixaremos de nos preocupar com o que os faz diferentes (o engenho, as faculdades, as aptidões ou os interesses); perceber-se-á, nos homens, algo que, mesmo vago, poder-se-ia chamar, provisoriamente, de sua *capacidade de decisão*, sua *possibilidade de escolha* (Bohoslavsky, 1977/2003, p. 21).

Ao considerar a capacidade de decisão e a possibilidade de escolha dos jovens, Bohoslavsky (1977/2003, p.21) incorpora à tarefa de orientação vocacional uma dimensão ética. Segundo ele, “a ética surge do fato de que, ao considerar o homem sujeito de escolhas, consideraremos que a escolha do futuro é algo que lhe pertence e que nenhum profissional, por capacitado que esteja, tem o direito de expropriar”.

No entanto, para que uma escolha profissional aconteça de modo maduro, com responsabilidade e autonomia<sup>30</sup>, Bohoslavsky (1977/2003) identifica como essencial a possibilidade de o jovem que se prepara para fazer

---

<sup>30</sup> Bohoslavsky (1977/2003) fala de autonomia em relação aos motivos originais que deram lugar às identificações e quando estas perdem seu caráter defensivo poder-se-ia falar em identidade.

a sua escolha profissional tomar consciência do que existe de implícito em seu comportamento. Para o autor, uma escolha madura

... depende da elaboração dos conflitos e não de sua negação. É uma escolha que se baseia na possibilidade do adolescente de passar de um uso defensivo das identificações a um uso instrumental delas, ao conseguir *identificar-se* com seus próprios gostos, interesses, aspirações, etc. e *identificar* o mundo exterior, as profissões, as ocupações, etc. (Bohoslavsky, 1977/2003, p.66).

Para tanto, em seu trabalho, Bohoslavsky (1977/2003) focaliza as identificações, os desejos, as idealizações, os vínculos estabelecidos com os outros, os lutos a serem trabalhados, os movimentos de sublimação e reparação na relação com as possíveis ocupações a seguir. Ao longo do processo de orientação profissional, o jovem teria, então, a oportunidade de ampliar o seu conhecimento sobre si, aprendendo a escolher<sup>31</sup> e a decidir.

Bohoslavsky (1977/2003) também destaca como fundamental que o processo vivido no momento da escolha de uma profissão inclua o que chama de informação ocupacional<sup>32</sup>, aproximando o jovem da realidade que o cerca, do mundo do trabalho, das profissões e dos cursos que existem. A transmissão desse tipo de informação ajudaria o jovem a fazer a sua escolha bem como permitira corrigir eventuais imagens distorcidas acerca do contexto vivido. Bohoslavsky (1977/2003, p.142) considera que “a informação deva

---

<sup>31</sup> De acordo com Bohoslavsky (1977/2003), a orientação vocacional apresenta ao jovem uma oportunidade de ele aprender a escolher e a decidir, entrando em contato com o modo como ele enfrenta as situações novas, que exigem respostas, escolhas e tomadas de decisão.

<sup>32</sup> Para Bohoslavsky (1977/2003) a informação ocupacional diz respeito à transmissão de dados acerca dos estudos superiores, do acesso ao mundo adulto no tocante ao exercício das profissões, informações sobre carreiras, ocupações, áreas de trabalho, demanda profissional, mercado de trabalho...

desempenhar um papel pedagógico, no sentido de que o adolescente “deve ser ensinado” sobre todos os conhecimentos acerca do mundo ocupacional, suprimindo, desta forma, a deficiência de seus estudos secundários”.

Observamos que, mesmo propondo um trabalho clínico em orientação vocacional que considera a participação ativa dos jovens e sua capacidade de escolha, valorizando o vínculo e a comunicação estabelecidos durante os atendimentos, Bohoslavsky fala em aprendizado e aumento de conhecimento, tanto no sentido da aquisição de um maior saber sobre o mundo e as profissões como a respeito de si. Ele esclarece que os jovens trazem representações distorcidas da realidade, além de carecerem de conhecimentos sobre si, exigindo do orientador profissional exaustiva informação acerca do mundo educacional e profissional. Em função disso, o orientador profissional precisaria estar preparado para promover o aprendizado do jovem no tocante a essas informações, ajudando-o esclarecer eventuais distorções.

Segundo esse ponto de vista, que coloca o orientador profissional na posição de ensinar o jovem a escolher e a decidir, promovendo o seu aprendizado a respeito de si e do mundo, a intervenção em orientação profissional parece ganhar feições pedagógicas.

Para Aiello-Vaisberg (2004), as práticas psicanalíticas pautadas na interpretação, ou na tentativa de recuperar fantasias inconscientes, ou ainda que buscam, através de situações transferenciais, resgatar acontecimentos que não foram vividos, em última instância, sempre encobrem a intenção de

promover no paciente um aprendizado sobre si, conferindo, deste modo, um caráter pedagógico ao trabalho realizado.

Nessa linha, o acontecer da experiência inter-humana, na situação analítica, não é valorizado por si mesmo, mas como meio propiciador de uma aprendizagem. O que está, pois, em pauta é um método pedagógico, pois a interpretação, seja qual for o seu estilo, apresentar-se-á sempre como tentativa de constituição de um saber sobre si (Aiello-Vaisberg, 2004a, p.47).

A autora reconhece que recuperar o que deixamos de saber sobre nós mesmos pode ter efeito enriquecedor e liberar o indivíduo de sofrimento. No entanto, considera importante destacar que a possibilidade de mudança acontece na experiência inter-humana<sup>33</sup> do encontro analítico, que permite surpresa e apropriação pessoal da trajetória existencial vivida e não em função de um aumento de saber sobre si, que pode ocorrer de modo integrado ou dissociado. Nesse sentido, empenhados em promover um acréscimo de saber sobre si e sobre a realidade social que circunda os jovens, os programas destinados ao processo de escolha profissional apresentam um modelo de intervenção com feições pedagógicas, aproximando-se da orientação profissional educacional, visto que colocam o jovem na posição de alguém que precisa ser informado.

---

<sup>33</sup> Para Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio (2003), a produção de conhecimento e a clínica acontecem concomitantemente em um campo inter-humano em que o pensar, o sentir e o agir não ficam separados. Deste modo, as autoras distanciam-se de uma estratégia metodológica de pesquisa de inspiração positivista, que distingue o trabalho intelectual da intervenção realizada.

Atenta aos programas de educação em orientação profissional<sup>34</sup> que têm surgido nos últimos anos, Boursier (2001) percebe que as intervenções propostas estimulam essencialmente processos como reflexão, pensamento, análise de experiências, em vez de promoverem a exploração da criatividade dos jovens e oferecerem oportunidades de arriscarem novas atividades, de viverem experiências e de imaginarem novas soluções. Aponta, entretanto, que os profissionais que trabalham em orientação profissional aguardam o desencadear no jovem de um processo de engajamento, de mudança e ação, que não acontece em função da aquisição de um conhecimento a respeito de seus interesses, de suas motivações e competências.

Ao estudar o desenvolvimento emocional infantil, D. W. Winnicott trouxe contribuições fundamentais, em um modelo psicanalítico relacional, que podem nos ajudar a entender melhor como favorecer nos jovens esse movimento criativo, que compreende a possibilidade desse engajamento tão esperado no tocante à escolha profissional.

---

<sup>34</sup>Guichard e Guillon (2001) apresentam programas de educação em orientação profissional que se propõem a preparar os jovens a lidar com as contingências do mundo atual, que exigem um conhecimento a respeito de como administrar a própria carreira e enfrentar as dificuldades e as múltiplas transições que ocorrem ao longo da vida profissional. Já o nome “educação em orientação profissional” coloca em evidência esse caráter educativo que tem permeado muitas intervenções nesta área de orientação profissional.

## **Acompanhando os jovens no momento da escolha de uma profissão**

Na “Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação”<sup>35</sup> temos realizado pesquisas clínicas interessadas em investigar o potencial transformador de enquadres psicanalíticos diferenciados, capazes de atender as demandas de sofrimento que surgem na atualidade, a partir de uma interlocução constante e aprofundada com o pensamento winnicottiano. Levando em conta que existem diferentes possibilidades de intervenções clínicas, dependendo do caso, da necessidade do paciente, da situação vivida, temos desenvolvido diversos trabalhos em instituições como escolas, hospitais, empresas<sup>36</sup>, etc., ampliando, deste modo, a possibilidade de aplicação da Psicanálise para além do dispositivo tradicional concebido para o tratamento individual de pacientes neuróticos.

Concordamos com Bleger (1963/1989) que, ao invés de aguardar o adoecimento das pessoas para então tratá-las, cabe ao psicólogo ir ao encontro da população, propondo intervenções clínicas que favoreçam a saúde mental da comunidade. Buscamos, portanto, desenvolver práticas clínicas de caráter psicoprofilático, comprometidas em promover a saúde, em momentos de crise,

---

<sup>35</sup> A “Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação”, criada em 1992 pela professora Livre Docente Tania Maria José Aiello Vaisberg, oferece, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, atendimentos a crianças, adolescentes e adultos, em grupo ou individualmente, mediante a disponibilização de materialidades expressivas de caráter mediador, tais como flores, papel artesanal, tricô, fantoches, etc., favorecendo a expressão emocional dos pacientes.

<sup>36</sup> Alguns destes trabalhos podem ser apreciados em Camps (2003), Mencarelli (2003), Micelli-Baptista (2003), Camps, Medeiros e Aiello-Vaisberg (2005), Vitali, Aiello-Vaisberg, Bule e Gabai (2003) entre outros.

de mudanças, atendendo a demandas que nem sempre nos chegam de forma explícita e claramente formuladas.

Várias pesquisas têm sido produzidas nesse sentido na “Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação”, focalizando diferentes grupos, tais como profissionais de saúde, professores, funcionários de empresas, gestantes, idosos, universitários, pacientes com doenças graves, soropositivos para HIV-1<sup>37</sup>. A adolescência também tem despertado a nossa atenção, por se tratar de um momento de grandes transformações, que favorece dúvidas, incertezas, além de sentimentos de desconforto e inadequação, que geram apreensão, ansiedade, levando-nos a propor intervenções clínicas para jovens em escolas, cursinhos pré-vestibulares, com meninos e meninas de rua, com alunos universitários<sup>38</sup>. O estudo da psicopatologia psicanalítica, especialmente em sua vertente winnicottiana<sup>39</sup>, e a busca de enquadres psicanalíticos diferenciados incentivou-nos a realizar pesquisas versando sobre a adolescência e também sobre o tema do trabalho<sup>40</sup>, convidando-nos a nos

---

<sup>37</sup> Podemos citar Vitali e Aiello-Vaisberg (2006), Aiello-Vaisberg e Camps (2002), Mecarelli (2003), Micelli-Baptista (2003), Vitali (2004), Granato (2000; 2004), mas uma relação mais abrangente dos trabalhos da “Ser e Fazer” está à disposição no <http://www.ip.usp.br/servicos/serefazer/index.htm>.

<sup>38</sup> Citamos alguns trabalhos como Camps (2003), Vitali, Camps e Aiello-Vaisberg (2005) e Machado e Aiello-Vaisberg (2005).

<sup>39</sup> Trabalhos versando sobre o tema do sofrimento podem ser apreciados em Aiello Vaisberg (2006c), nos Cadernos Ser e Fazer: Trajeto do Sofrimento: Desenraizamento e Exclusão (2002) e Trajetos do Sofrimento: Rupturas e (Re)Criações de Sentido (2003).

<sup>40</sup> A Ser e Fazer desenvolve o projeto “Ser e Fazer no trabalho”, que investiga possibilidades de intervenções clínicas diferenciadas em ambiente de trabalho, que sejam capazes de favorecer um fazer integrado no trabalho, contribuindo para o sentimento de realidade e de presença na experiência vivida (Camps e Aiello-Vaisberg, 2003b), (Camps, Medeiros e Aiello-Vaisberg, 2004 e 2005).

debruçar sobre o que acontece, nos dias de hoje, no momento da escolha de uma profissão e da inserção no mundo do trabalho<sup>41</sup>.

Levando em conta o ambiente acelerado da informação sucinta e volátil em que vivemos, o dinamismo, a instabilidade e as rupturas que fazem parte do nosso tempo e caracterizam o meio em que as condutas humanas e a vida acontecem, perguntamo-nos como acompanhar e ajudar os jovens no momento da escolha de uma profissão. Como lidar com os sentimentos de vazio, de falta de sentido, de futilidade, de depressão e desânimo que temos observado na atualidade, ou ainda com a superatividade que ameaça roubar-nos de nós mesmos, e que também podemos encontrar entre os adolescentes?

O desenvolvimento de estratégias defensivas perante um ambiente que oferece muitos estímulos, a perda de referenciais pessoais que possam assegurar o sentimento de unidade e de existência no tempo, a dificuldade de criar sentidos em face do dinamismo que nos envolve e o comprometimento da possibilidade de fruição de um viver criativo no mundo são alguns dos desafios que se apresentam nos dias de hoje e precisam ser considerados quando queremos desenvolver ações clínicas capazes de atender as demandas de sofrimento características da contemporaneidade. No momento da escolha de uma profissão, os programas destinados aos jovens também devem levar em

---

<sup>41</sup> Embora trabalhando de forma totalmente independente do Laboratório de Estudos sobre o Trabalho e Orientação, LABOR, da Universidade de São Paulo, visto que chegamos ao presente trabalho pela via do estudo da psicopatologia psicanalítica em sua vertente winnicottiana e da busca de enquadres psicanalíticos diferenciados, guardamos com absoluto respeito e admiração os ensinamentos que começaram com a professora Maria Margarida Moreira Jorge de Carvalho (Magui) e com o professor Rodolfo Bohoslavsky, que felizmente têm sido mantidos por Yvette Piha Lehman, Maria da Conceição Coropos Uvaldo e Fabiano Fonseca da Silva.

conta essas questões, próprias do nosso tempo, e que podem tornar a adolescência ainda mais complexa.

## **Criando condições para a escolha**

De acordo com Winnicott (1971/1975), logo no início de sua vida, a criança vive em um estado de dependência absoluta. Ela é totalmente dependente dos cuidados físicos oferecidos pela mãe, ou pessoa responsável. Nesse primeiro estágio do desenvolvimento emocional, é importante uma adaptação sensível às necessidades da criança para que ela possa viver uma experiência de continuidade de ser no tempo sem precisar desenvolver eventuais estratégias defensivas diante de situações sentidas como invasivas, ameaçadoras ou às quais seria necessário submeter-se, e que rompem a experiência de continuidade, considerada como sendo a base para o estabelecimento de um sentimento de *self*.

De acordo com Winnicott (1967/1999, p.5), “é somente sobre uma continuidade no existir que o sentido do *self*, de se sentir real, de ser, pode finalmente vir a se estabelecer como uma característica da personalidade do indivíduo”.

Winnicott (1963/1983) destaca como fundamental a existência de um ambiente satisfatório, que seja capaz de favorecer esse sentimento de

continuidade e o progresso continuado dos processos de maturação<sup>42</sup>. Para ele,

Num ambiente que propicia um “segurar” satisfatório, o bebê é capaz de realizar o *desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas*. O resultado é uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de *self*, e finalmente resulta em autonomia (Winnicott, 1967/1999, p.11).

Embora Winnicott focalize mais detidamente o desenvolvimento desse sentimento de *self* na relação mãe-bebê, observa que o processo de amadurecimento emocional se dá ao longo da vida e compreende um movimento em direção à independência<sup>43</sup>.

De um estado de dependência absoluta, a criança passa então para um estágio que Winnicott (1967/1999) denominou dependência relativa. Aos poucos, a criança vai adaptando-se a eventuais frustrações e desconfortos, criando condições para, gradativamente, ir aproximando-se da complexidade do mundo e de seus desafios. Para que isso ocorra, a mãe deve apresentar o mundo ao seu filho em pequenas doses, o que evitaria a necessidade de a criança defender-se perante um ambiente eventualmente invasivo. A apresentação cuidadosa e sensível do seio, justo no momento em que o bebê está pronto para viver uma experiência ilusória de criá-lo e encontrá-lo, atendendo às suas necessidades, é elemento essencial nessa fase da vida.

---

<sup>42</sup> Para Winnicott (1963/1984), o conceito de maturidade deve ser considerado levando em conta a idade das pessoas e está relacionado à possibilidade de se sentir vivo e real.

<sup>43</sup> Winnicott (1963/1983) prefere falar em autonomia, pois observa que não existe, de fato, uma independência. Não existe um indivíduo isolado, totalmente independente e invulnerável. Somos influenciados pela nossa cultura, pelo ambiente que nos circunda e com o qual mantemos uma relação de interdependência.

Desse modo, a mãe permite uma experiência de ilusão que estimula a criança a fazer o seu movimento de criação e encontro diante do que se lhe apresenta. Essa experiência sutil e delicada inaugura a possibilidade de a criança fazer o seu movimento singular, lançando as bases para que o gesto espontâneo e criativo possa repetir-se outras vezes ao longo de sua vida, permitindo uma apropriação paulatina e pessoal do mundo.

Para Aiello-Vaisberg e Machado (2003), a vivência da experiência ilusória carrega em si uma dimensão transformadora, pois favorece o gesto espontâneo e a confiança na capacidade pessoal de ação no mundo, dando os fundamentos para que um viver criativo possa acontecer.

Essas observações fornecem elementos para pensarmos em como suscitar nos jovens este tão esperado desencadeamento de um engajamento no tocante à escolha profissional. Entendemos que a vivência da experiência ilusória, além de desenvolver o sentimento de *self* e de manter o jovem mais próximo de si e presente em seu viver, estimula seu movimento espontâneo, ajudando-o a apropriar-se de sua vida e do ambiente em que vive. Esses elementos nos parecem essenciais quando lidamos com um ambiente dinâmico como o nosso, em que as rupturas são freqüentes, e que, como vimos, a quantidade de informação veiculada transcende a nossa capacidade de apreensão.

Como diz Winnicott (1970/1999, p.23), é necessário primeiro a pessoa “existir, e ter um sentimento de existência, não na forma de uma percepção consciente, mas como uma posição a partir da qual operar”, para que ela possa

chegar a ser criativa. Algumas condições emocionais são necessárias para que se possa fazer um movimento criativo. A possibilidade de ação, que compreende a possibilidade de escolha, fica comprometida quando o jovem se encontra distanciado de si e da experiência humana compartilhada. Pois, para que uma escolha possa acontecer como gesto espontâneo, como ação de *self*, é necessário estar presente em sua dramática, mesmo se eventualmente sofrida. Interessa, portanto, desenvolver ações clínicas que, justamente, ajudem os jovens a alcançarem uma posição existencial a partir da qual possam escolher, aproximando-se de um viver criativo, mesmo quando passando por situações desafiadoras, que exigem respostas, escolhas, tomadas de decisões.

Nesse sentido, em momento de escolha profissional, as intervenções direcionadas aos jovens devem procurar oferecer oportunidades de vivência do fenômeno ilusório, de criação e encontro daquilo que se apresenta, em um ambiente capaz de garantir a continuidade da experiência vivida. A partir de experiências como essas, o jovem poderá, aos poucos, perceber-se capaz de gestualidade no mundo, ganhando confiança em si e no ambiente em que vive. Ao se aproximarem de um viver criativo, os jovens, naturalmente, acabarão participando do processo de escolha que estão vivendo, indo em busca do que os encanta. Então, não será mais necessário informá-los a respeito das possibilidades das profissões, dos cursos a seguir, etc., pois eles mesmos estarão motivados e prontos para buscar, entre as tantas informações que lhes chegam, o que lhes interessa e faz sentido.

Nessa perspectiva, deixamos de propor intervenções clínicas cujo objetivo seja informar o jovem a respeito de si e do mundo do trabalho e nem tampouco procuramos ensiná-lo ou treiná-lo a escolher e a tomar decisões. Olhamos para o jovem acreditando em sua capacidade criativa, apresentando-lhe oportunidades de criação/encontro que estimulem o viver criativo, ajudando-o a apropriar-se de sua vida, de suas escolhas e de seus projetos de futuro.

Tomando como base teórica uma Psicanálise relacional, aproximamos-nos da dramática vivida por aqueles que nos procuram em busca de uma orientação acerca do caminho profissional a seguir, afastando-nos de uma vertente psicanalítica que procura entender o comportamento humano em termos de instinto pulsional, inconsciente recalcado, mecanismos de defesa ou de reparação de objetos internos, remetendo a entidades abstratas acontecendo no psiquismo dos jovens.

Reconhecemos também que a ênfase na dimensão representacional, trabalhando com as imagens que os jovens formaram a respeito de si<sup>44</sup>, identificando seus interesses e motivações, e atualizando suas representações acerca da realidade que os circunda, corre o risco de manter o trabalho em orientação profissional muito próximo de uma dimensão intelectualizada, distanciada do *self* verdadeiro, dificultando ainda mais a possibilidade de uma

---

<sup>44</sup> Bohoslavsky (1977/2003) fala em “identidade ocupacional” e em “identidade vocacional”. A “identidade ocupacional” referir-se-ia à representação que o jovem constrói a respeito de uma profissão, no que diz respeito a como, onde, com quem acontece o exercício dessa profissão. A “identidade vocacional” estaria ligada ao porquê e para quem da escolha de uma profissão, remetendo a motivações pessoais e à imagem que o jovem estabelece a respeito de si mesmo.

escolha afinada com o ser, podendo até levar o jovem a trilhar um caminho *falso self*.

No ambiente dinâmico em que vivemos, marcado pela transitoriedade e descontinuidade, sentir-se vivo, real e autêntico é o que pode oferecer as bases para que uma escolha venha a acontecer como gesto espontâneo. Essa possibilidade de escolha como ação criativa subentende uma maturidade<sup>45</sup> emocional que acontece em momentos diferentes para cada um, cabendo acompanhar de perto o movimento do adolescente em busca de autonomia, respeitando o seu ritmo, o seu tempo, sustentando a indefinição até que uma escolha possa ser feita.

Ao abordar o modo como se estabelece a capacidade ética nas pessoas, Aiello-Vaisberg (2005) emprega o termo capacidade remetendo à existência prévia de certas condições pessoais para se poder lidar criativamente com os acontecimentos que surgem, sem se sentir invadido ou ameaçado em sua continuidade de ser. A respeito do termo capacidade, a autora esclarece que:

Permite distinguir presença ou ausência de condições para lidar com ocorrências ambientais. Algumas ocorrências que, em presença de certa capacidade, resultariam num movimento de criação/encontro, seriam, na sua ausência, movimentos invasivos.

Ou seja, quando já existe a capacidade, algo que é apresentado, poderá ser

---

<sup>45</sup> Na obra winnicottiana a idéia de maturidade está relacionada ao *self*, à possibilidade de se sentir vivo, real e capaz de gestualidade espontânea. Esse termo vem sendo empregado de modo distinto, por exemplo, por Neiva (2002), que chega a propor uma escala para medir a maturidade do jovem para a escolha profissional, a EMEP. Safra (2005) esclarece que o modo de abordar o humano ou aspectos do ser humano a partir de testes ou questionários que se propõem a observar de forma objetiva o fenômeno humano estudado subentende, do ponto de vista epistemológico, um modelo de pesquisa do tipo sujeito-objeto, colocando os jovens, ou seus comportamentos, no lugar de objetos sobre os quais nos debruçamos para observar, medir, intervir.

criado/encontrado. Por outro lado, tudo o que irrompe independentemente da capacidade presente, será vivido como invasão ambiental (Aiello-Vaisberg, 2005, p.17).

Nessa perspectiva, podemos também falar em capacidade para escolher uma profissão de modo afinado com o ser. Essa capacidade subentenderia um estado de *self* que permitiria fazer um movimento criativo de escolha diante do que se apresenta, sem se sentir ameaçado ou invadido. Essa capacidade de escolher, no entanto, não se alcança de uma vez por todas, mas, como diz Aiello-Vaisberg (2005, p.23), “precisa ser continuamente reconquistada no transcorrer dramático da vida de cada um”.

## **Objetivos e Estratégias Metodológicas**

Considerando a importância de se desenvolver práticas psicológicas por meio das quais seja possível ajudar os jovens em processo de definição profissional, o objetivo desta pesquisa é investigar a potencialidade mutativa do enquadre diferenciado que denominamos “Ser e Fazer na escolha profissional”. Para tanto, realizamos um estudo de caso focalizando um único grupo composto por sete adolescentes de classe média, vindos de diferentes escolas particulares da cidade de São Paulo. A partir de seis sessões grupais de até três horas de duração, que aconteceram em ambiente de consultório, durante um período de duas semanas, apresentamos quatro dramatizações criadas no grupo em uma seqüência temporal, não correspondendo, no entanto, a sessões que ocorreram imediatamente uma após a outra.

Tendo em vista que nos inspiramos na Psicanálise winnicottiana do *self*, o conjunto de procedimentos adotados nos encontros com os jovens, que se organiza como enquadre diferenciado, focaliza as dificuldades e os sofrimentos decorrentes da inibição do potencial criativo, da falta de espontaneidade e autenticidade no viver. Entendemos que, no momento da escolha de uma profissão, essa dificuldade de gesto espontâneo e de ação criativa no mundo, que está relacionada à ausência de confiança em si e em um ambiente sentido como pouco acolhedor do movimento pessoal, compromete a possibilidade de

escolher e de encontrar um caminho singular, afinado com o ser, que faça sentido na vida do jovem.

Como observam Aiello-Vaisberg e Machado (2003), esse sentimento de sentido da vida é experiencial, não se restringindo a uma dimensão representacional. Em função disso, os procedimentos clínicos adotados, segundo essa perspectiva teórica, buscam favorecer a expressão do gesto espontâneo como um todo, sem se limitarem a uma atividade intelectual eventualmente dissociada do viver humano. Para as autoras, é através do estabelecimento de uma relação criativa com o mundo, da ação pessoal de criação diante do que surge à nossa frente, que podemos nos encontrar.

Quando produzimos algo que realmente expressa o que queremos ou sentimos, dizemos habitualmente que “tem a nossa cara”. Em ambos os casos, quando recebemos ou produzimos algo com a “nossa cara”, sentimos imensa satisfação pessoal, sentimo-nos vivos e reais. Em outras palavras, continuamos a encontrar o mundo e a nós mesmos quando nos expressamos em gestos espontâneos, quando fazemos coisas que carregam em si um sentido existencial importante para nós, quando o que fazemos espelha o nosso ser. Quando praticamos uma ação criativa sobre o mundo, temos a oportunidade de ir ao encontro do mundo e de nele nos encontrarmos. Essas importantes experiências, que têm lugar pela vida afora no espaço potencial, conferem senso de vida real à passagem do tempo da existência de cada um (Aiello-Vaisberg e Machado, 2003, p. 85).

Levando em conta essas observações, temos que vivências fundamentadas no sentimento de onipotência de criar e encontrar algo que “tem a nossa cara” favorecem mudanças tanto do ponto de vista pessoal, pois permitem alcançar esse sentimento de existência singular no mundo e de

sentido para a vida, como também no âmbito da vida concreta. Nossa proposta de intervenção clínica em momento de busca de definição profissional pretende favorecer o alcance de uma posição existencial mais madura e autêntica, a partir da qual possa surgir naturalmente um movimento em busca de interesses.

Para esclarecer o conceito de enquadre, recorreremos a Bleger (1967/1975), que o considera como um conjunto de elementos constantes, dentro do qual o processo terapêutico se dá, mas também como instituição em que os comportamentos acontecem. O enquadre se constitui como instituição a partir de relações estáveis, que mantêm normas e atitudes ao longo do tempo, podendo oferecer sustentação ao desenvolvimento humano e servir como depositário da parte psicótica e indiferenciada da personalidade, estados mais primitivos do desenvolvimento emocional de fusão com o mundo.

Segundo esse ponto de vista, não cabe reduzir o enquadre a um conjunto de normas e contratos, pois são estabelecidas funções diferenciadas para os participantes, no caso os pacientes e o terapeuta, nem subordinar-se a objetivos pré-definidos de “cura”, que dependem da perspectiva do profissional. O enquadre característico do dispositivo padrão de atendimento individual, em ambiente de consultório, não é o único sob o qual é possível praticar Psicanálise e usar o método psicanalítico (Aiello-Vaisberg, 2004b).

Na realização desta pesquisa, empregamos o método psicanalítico, de modo a nos aproximarmos da dramática vivida por jovens que estão à procura de uma definição no tocante ao caminho profissional a seguir. Como destaca Bleger (1963/1989), a Psicanálise, assim como as demais ciências humanas,

estuda o fenômeno humano. A atenção está voltada para a experiência emocional que acompanha as condutas humanas, sendo estas essencialmente unitárias e devendo ser abordadas no contexto do acontecer humano concreto do encontro entre as pessoas, levando em conta a situação vivida e considerando o momento histórico, social, cultural e político no qual se inserem.

Enquanto método interpretativo, a Psicanálise considera que toda e qualquer conduta humana, por mais estranha e bizarra que possa parecer, tem sentido emocional e pertence ao acontecer humano<sup>46</sup>. Como destaca Aiello-Vaisberg (2005, p.12), esse pressuposto, que está na base do método psicanalítico, constitui a ética que define a atividade psicanalítica, inaugurando, “uma forma peculiar de encontro inter-humano, que se pauta pela busca e cultivo de uma postura maximamente acolhedora e não judicativa. Trata-se, pois, de uma prática fundamentalmente ética num sentido que preconiza um respeito radical à alteridade”.

Como método peculiar e como encontro inter-humano, a Psicanálise permite uma comunicação que nos aproxima da dramática vivida, do fenômeno humano enquanto experiência emocional. De acordo com essa perspectiva, a produção de conhecimento e a clínica acontecem simultaneamente, em um campo inter-humano, em que o pensar, o sentir e o agir não ficam dissociados (Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio, 2003).

---

<sup>46</sup> Em 1928, em a “Crítica dos Fundamentos da Psicologia”, Georges Politzer (1928/1994) aponta o caráter inovador de Freud (1900) ao defender a idéia de que toda manifestação humana tem sentido.

Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio (2003) diferenciam o plano metodológico, que é interpretativo, por atribuir sentido a toda manifestação humana, do plano interventivo, que, quando inspirado na clínica winnicottiana, comprometida com sofrimentos decorrentes de sentimentos de dissociação, de ausência de si, de despersonalização e de desrealização<sup>47</sup>, realiza-se por meio do *holding*<sup>48</sup>. Embora o *holding* apareça na obra de Winnicott (1945/2000) como elemento essencial capaz de garantir a sensação de continuidade de ser, mais especificamente no início do desenvolvimento emocional infantil, notamos que esse conceito acompanha o pensamento do autor ao longo de sua prática clínica, mostrando-se valioso, também, em outros momentos da vida.

Aiello-Vaisberg (2004c) observa que o *holding*, como um modo sensível e particular de ser e de estar na presença do outro, pode acontecer de diversas formas; através do olhar, da conversa, do silêncio, podendo incluir “até uma conversa aparentemente interpretativa, mas usada para dar sustentação” (Aiello-Vaisberg, 2004c, p.127).

Em nossos atendimentos, valorizamos, portanto, o acontecer da experiência inter-humana, em um ambiente de *holding* capaz de favorecer a experiência de continuidade de ser e a emergência do gesto espontâneo. Assim sendo, nossas intervenções buscam oferecer oportunidades de vivência da

---

<sup>47</sup> No fenômeno da despersonalização a pessoa sente-se desvinculada de seu corpo, como se não o estivesse habitando, apontando para uma cisão entre psique e soma, enquanto que na desrealização há perda da noção do que é espaço e tempo compartilhado (Winnicott, 1945/2000).

<sup>48</sup> Alguns autores acreditam ser importante discriminar os aspectos de *holding*, *handling* e apresentação de objeto. No entanto, no contexto deste trabalho, optamos por empregar o *holding* de forma mais ampla, como tem proposto Aiello-Vaisberg (2006b), como cuidado à continuidade de ser e sustentação do acontecer clínico, compreendendo que o *handling* e a apresentação de objeto só podem acontecer em ambiente de *holding*.

experiência ilusória de criação e encontro, permitindo surpresa e integração de aspectos de *self* que possam estar ainda dissociados (Aiello-Vaisberg, 2004c)<sup>49</sup>. Privilegiamos procedimentos pautados na experiência vivencial<sup>50</sup> e no sentir, ajudando a constituir um espaço de comunicação entre todos, que nos aproxima da experiência emocional vivida pelos jovens nesse momento de escolha profissional, ao mesmo tempo em que favorece o movimento dos participantes no sentido de uma maior espontaneidade, autenticidade e maturidade no viver. Temos, portanto, que nossos atendimentos baseiam-se no *holding*, enquanto a presente pesquisa apresenta uma reflexão teórico-clínica a partir da intervenção realizada.

Como destaca Safra (2005), a pesquisa que, do ponto de vista epistemológico, situa a investigação em um contexto intersubjetivo procura explicitar e revelar o que acontece na relação entre as pessoas. Esse modo de fazer ciência se distancia da idéia de procurar alcançar uma verdade a ser validada a partir de evidências decorrentes de fatos observados e coletados, reconhecendo que todo fenômeno humano ultrapassa qualquer tentativa de apreensão e de redução. Para o autor, o critério de avaliação de um trabalho

---

<sup>49</sup> Não se trata, portanto, de uma clínica interpretativa de aspectos desconhecidos, inconscientes, do paciente, que acredita que o sofrimento é decorrente de falta de conhecimento sobre si, e que considera a aquisição de conhecimento o elemento fundamental capaz de trazer bem-estar e ocasionar mudanças.

<sup>50</sup> Na “Ser e Fazer”, temos desenvolvido enquadres clínicos diferenciados, nos quais disponibilizamos diferentes materiais mediadores, tais como: polpa de papel, flores, velas, cartas e fotografias. Esse fazer clínico que privilegia o registro vivencial nos distancia de uma clínica essencialmente fundamentada em um registro verbal, evitando assim que o trabalho se mantenha em um nível superficial de *falso self*. Entre os diversos atendimentos realizados na “Ser e Fazer” podemos citar Gil e Aiello-Vaisberg (2007), Vitali (2004), Ambrósio (2005) e Camps (2003) entre outros que podem ser apreciados no <http://www.ip.usp.br/serviços/serefazer/index.htm>.

realizado segundo essa perspectiva epistemológica passa a ser a própria prática social, a intervenção proposta, que produz modificações na sociedade.

Aiello-Vaisberg (2006a) considera que a avaliação do potencial mutativo de uma intervenção clínica deve levar em conta o objetivo que se busca atingir, o qual deve estar afinado com a visão psicopatológica subjacente à referência teórica adotada. Portanto, temos de considerar a noção de saúde emocional que acompanha esse referencial, que, no caso do contexto de atendimentos inspirados no pensamento winnicottiano, encontra-se relacionada à possibilidade de se alcançar um viver mais espontâneo e autêntico, superando eventuais estratégias defensivas que ocasionam a organização *falso self*. Para Winnicott (1967/1999, p.10):

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidades pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência, ou autonomia.

Acompanhando o pensamento do autor, nossa proposta de enquadre clínico diferenciado busca favorecer um viver mais espontâneo e autêntico a partir do qual seja possível criar e encontrar caminhos profissionais como expressão do *self*, ocasionando esse sentimento de estar vivendo a sua própria vida.

Para investigar a eficácia clínica desta nossa proposta de intervenção, entendemos com Aiello-Vaisberg (2006a) que devemos ultrapassar um exame

meramente sintomatológico e focalizar a questão da autenticidade como superação da dissociação defensiva. Para tanto, operando segundo um paradigma intersubjetivo, seria apropriado acompanhar de perto o que acontece durante os encontros com os jovens, levando em conta os depoimentos e os testemunhos dos adolescentes.

Ainda segundo a autora, o trabalho clínico inclui um tipo de avaliação sutil e delicado, que privilegia a sensibilidade e a percepção interpessoal da psicanalista presente, que acompanha atenciosamente o desenvolvimento gradual da uma maturidade emocional e de uma integração pessoal que possibilite o movimento do jovem em busca de uma atividade profissional afinada com seus reais interesses, com o seu ser.

Nosso trabalho valoriza o acontecer clínico, que apresentamos na forma de “narrativas psicanalíticas” elaboradas a partir dos atendimentos dos jovens. Essa sistemática é adotada tendo em vista documentos dos atendimentos realizados na “Ser e Fazer”, independentemente destes virem, ou não, a ser utilizados como material de pesquisa. Compartilhamos a experiência vivida nos encontros com os adolescentes, apresentando impressões e sentimentos que os fatos relatados nos causaram. Entendemos que as narrativas que nascem do encontro clínico, permitem buscar uma compreensão psicanalítica assentada no viver humano, mantendo juntas clínica e teoria e evitando, deste modo, uma abordagem intelectualizada, objetivante e dissociada do fenômeno humano estudado.

Para Devereux (1967/1977), o observador altera sempre os dados observados, e é através da “narrativa psicanalítica” de um acontecimento clínico que podemos nos aproximar do fenômeno humano. Isso seria impossível, por exemplo, a partir de uma gravação, que na tentativa de apreender objetivamente o ocorrido, deixaria escapar a dimensão humana, que mais nos interessa focalizar. O autor inclui o observador no campo da pesquisa, pois compreende que a subjetividade é o melhor caminho para se chegar à objetividade, reconhecendo que todo reducionismo oferece uma objetividade apenas ilusória.

A pesquisa acontece, então, em um campo inter-humano, em que não existe um ser passivo sobre o qual nos debruçamos para fazer uma investigação. A contratransferência surge como aspecto fundamental de pesquisa a ser considerado e trabalhado de forma produtiva na investigação clínica realizada (Deveureux, 1967/1977). Diante de um fenômeno humano, experimentamos sempre ações contratransferenciais que interferem, afetam, deformam a nossa ação, percepção e interpretação em face do acontecimento.

Deveureux (1967/1977) também destaca que existe a contratransferência neurótica, que pode se manifestar de duas formas - como reação em face da dificuldade de suportar o fenômeno observado, ou como isolamento afetivo, banalizando o observado. Na contratransferência científica, seria possível conciliar esses dois pólos da contratransferência neurótica de forma produtiva na investigação realizada.

A pesquisa psicanalítica<sup>51</sup> inicia-se com a ida a campo, aproximando-nos da experiência humana que queremos investigar (Silva, 1993). Nesse primeiro momento, procuramos manter uma posição de receptividade e de curiosidade, buscando deixar de lado conhecimentos prévios a respeito do tema que pretendemos focalizar. Reconhecendo os desafios que se colocam nos dias de hoje, no momento da escolha de uma profissão, aproximamo-nos da dramática desses jovens, em um enquadre psicanalítico diferenciado, mantendo-nos abertos para a experiência por acontecer.

Procurando não distinguir a investigação da intervenção clínica, e que acontece em campo inter-humano, oferecemos oportunidades de encontro e criação favorecendo a aproximação de si e a gestualidade espontânea. É importante lembrar que o acontecer clínico nunca é afetado pela intenção de pesquisa, ou seja, os jovens foram atendidos em função de suas necessidades, da mesma forma como teriam sido se este estudo não estivesse em curso.

Em um momento seguinte, retomando as lembranças e os sentimentos vividos na experiência com os jovens, e também os registros clínicos que sempre fazemos após cada encontro, independentemente do material ser ou não usado em pesquisa. Foram elaboradas, então, narrativas que apresentam o acontecido nos encontros, trazendo impressões e reflexões acerca da vivência com os jovens, à luz do pensamento de D. W. Winnicott e Bleger, autores que têm nos acompanhado ao longo da realização da pesquisa.

---

<sup>51</sup> É importante ressaltar que entendemos que a pesquisa psicanalítica nunca difere daquilo que fazemos quando atendemos pessoas individualmente ou em grupos.

Essa interlocução acontece segundo o conceito de *uso de objeto* proposto por Winnicott (1971/1975). Como destaca Aiello-Vaisberg (2004d), este é o momento em que o pesquisador deve usar a teoria de modo criativo, estabelecendo com ela uma relação que permita a articulação pessoal dos achados da pesquisa aos pensamentos de autores consagrados, evidenciando liberdade de criar e inovar.

Tendo em vista que o interesse desta pesquisa é o estudo da potencialidade mutativa desse enquadre diferenciado, recorreremos a Bleger (1963/1989) na busca de evidências indicadoras da ocorrência de experiências mutativas ao longo dos encontros com os jovens. Retomamos as narrativas buscando identificar campos psicológicos não conscientes compreendidos como lugar imaginário-vivencial e não meramente representacional, remetendo a determinantes lógico-emocionais que influenciam as condutas e constituem o contexto emocional no qual a escolha da profissão pode acontecer como gesto espontâneo ou como reação submissa.

No contexto vivido pelos jovens que participaram deste estudo, entendemos que, numa perspectiva winnicottiana, as experiências mutativas dizem respeito à superação de dissociações e à aproximação de si, de seu modo particular de ser, de sentir e pensar acerca do momento vivido, de seus interesses e profissões a seguir. Tal possibilidade de integração pode ser vista como transformação dos campos psicológicos vivenciais que encontramos ao

longo dos atendimentos<sup>52</sup> e que podem ser compreendidos como o fundamento dramático a partir do qual as peças de teatro espontâneo acontecem. O trabalho clínico reflexivo começa, então, com a tentativa de captar esses campos ao longo das dramatizações, acompanhando o movimento dos jovens.

Lembrando que estamos inseridos em um contexto maior de produção de conhecimento, e que fazemos parte de um movimento coletivo, em contínuo devir, que ultrapassa a produção individual, sabemos que não conseguimos esgotar a possibilidade de criar e encontrar outros campos. Assim sendo, a interlocução entre colegas e pesquisadores constitui um espaço de discussão fundamental que permite o surgimento de novos sentidos e significados ao material vivido nos encontros com os jovens, tornando a pesquisa ainda mais rica e produtiva.

Esse modo de pesquisar, fazendo uso de narrativas psicanalíticas, também convida o leitor a vivenciar uma experiência de criação/encontro em face do que lhe é apresentado. Em um último momento, oferecemos a pesquisa como elemento a ser criado/encontrado e transformado pela alteridade do leitor, abrindo-se, dessa forma, para novas contribuições que possam enriquecer o nosso saber a respeito do fenômeno humano abordado, ampliando o conhecimento relacionado às possibilidades de cuidados que podemos oferecer aos adolescentes, no momento da escolha de uma profissão, levando em conta os desafios da atualidade.

---

<sup>52</sup> Encontramos em Tachibana (2006) pesquisa que também busca evidências indicadoras de ocorrência de experiências mutativas por meio da identificação de campos psicológicos vivenciais em atendimentos direcionado a gestantes que sofreram aborto espontâneo.

## **Um enquadre clínico diferenciado**

Na “Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação” temos nos inspirado no pensamento winnicottiano acerca do brincar para propor enquadres psicanalíticos diferenciados, segundo o estilo clínico Ser e Fazer, modalidade de prática clínica desenvolvida há alguns anos na Universidade de São Paulo. Esses enquadres psicanalíticos diferenciados constituem-se como mundos transicionais (Aiello-Vaisberg, 2004b) em que são apresentadas diferentes materialidades expressivas, tais como flores, polpa de papel, linhas, lã, parafina, que, naturalmente, introduzem o lúdico nos atendimentos. Fazendo arranjos florais, velas, confeccionando papéis artesanais de diferentes texturas e cores, costurando, bordando, em um ambiente sustentador da continuidade de ser, cada participante tem a oportunidade de experimentar momentos de descontração e criação diante do material apresentado.

Em nossos atendimentos, toda intervenção se fundamenta no *holding* como cuidado à continuidade de ser, sendo que buscamos oferecer um ambiente de confiança, em que cada participante possa se sentir à vontade para arriscar o seu movimento pessoal, aproximando-se de si. Entendemos que essa vivência de gestualidade espontânea e criativa está intimamente relacionada à possibilidade de a pessoa vir a se sentir autêntica, real e presente em sua vida<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Neste serviço, os registros clínicos são feitos sob forma de narrativas psicanalíticas podendo dar origem a diversas pesquisas.

No trabalho que temos desenvolvido com adolescentes, já há alguns anos, em escolas, cursinhos pré-vestibulares, universidades e em consultório particular, temos empregado o Teatro da Espontaneidade em uma perspectiva winnicottiana como um desses enquadres psicanalíticos diferenciados<sup>54</sup>. Tomamos como paradigma o Jogo do Rabisco de Winnicott (1971) e levamos em conta a concepção do autor de psicoterapia como superposição de áreas do brincar para propor o Teatro da Espontaneidade, de modo a favorecer a criação coletiva de uma peça teatral. Cada participante, a sua maneira, contribui com o seu rabisco, criando personagens e situações variadas encenadas no grupo. Expressando coletivamente os seus rabiscos, os jovens se aproximam transicionalmente de temas e questões que os ocupam no momento.

Para tanto, em um momento oportuno durante a sessão, quando sinto que eles estão mais preparados para brincar de forma mais solta e despreocupada, apresento aos jovens uma mala com vestimentas e acessórios variados<sup>55</sup>; abro-a em um canto da sala e dela vou tirando véus, chapéus, luvas, cintos, bijuterias, lenços, casacos, etc..., chamando a atenção para uma ou outra peça interessante, como um xale diferente, luvas bem compridas, uma peruca extravagante, procurando colocar em evidência aquelas que costumam agradá-los, como óculos escuros, luvas de esquiador, um colete esportivo....

---

<sup>54</sup> Camps (2003) e Camps e Aiello-Vaisberg (2005, 2006a e 2006b) apresentam de forma mais detalhada alguns desses trabalhos realizados com jovens, em contextos diferentes, usando o Teatro da Espontaneidade em uma perspectiva winnicottiana, evidenciando a fecundidade desse enquadre diferenciado.

<sup>55</sup> Em atendimentos individuais, a mala também pode ser apresentada ao jovem, convidando-o a explorar as vestimentas, os acessórios e as inúmeras possibilidades de combinações do material apresentado. Nesses casos, costumo propor uma brincadeira de mímica durante a qual criamos e representamos diversas personagens e ocupações para o outro adivinhar.

Para facilitar o primeiro contato com esse material, visto alguns desses acessórios e ofereço aos jovens uma bolsinha, uma tiara, uma capa, que primeiro coloco em mim e depois sugiro que eles os experimentem.



Proponho então, em um primeiro momento, que deixem em suspensão por algum tempo a questão da escolha da profissão e que brinquem livremente com os objetos oferecidos, criando personagens e dramatizações. Noto que, aos poucos, os jovens, cada um ao seu modo, aproximam-se da mala e começam a experimentar, a brincar com as inúmeras possibilidades oferecidas pelos materiais. De modo geral, eles aderem naturalmente à proposta, embora, eventualmente, aconteça de alguns adolescentes se mostrarem menos à vontade para explorar os objetos ou menos preparados para brincar.

Nessas situações, lembro de Winnicott (1971/1975), quando diz que, se o paciente não pode brincar, algo precisa ser feito para ajudá-lo a se tornar capaz de fazê-lo. Demoro-me, então, um pouco mais, propondo brincadeiras<sup>56</sup> que ajudem a criar condições para que o brincar no grupo seja possível, estabelecendo um ambiente suficientemente confiável e acolhedor em que os jovens se sintam à vontade para participar da construção de um rabisco coletivo em forma de peça teatral. Se necessário, experimento mais alguns acessórios, explorando mais longamente com o grupo as possibilidades de combinações oferecidas pelos objetos contidos na mala e criando personagens como, por exemplo, um repórter, que, com um microfone em mãos, brinca de entrevistar os jovens e procura saber o que acontece no grupo, quem são eles com aquelas vestimentas.

Naturalmente, os jovens acabam criando personagens e cenas, contribuindo, cada um ao seu modo, com o seu rabisco, criando e encontrando um drama carregado de sentido para os participantes do grupo.

Com suas vestimentas e acessórios, de fato, a mala oferece um universo de combinações, visto que um mesmo objeto pode ser usado de diferentes formas ou combinado com outros acessórios de maneiras variadas. Um véu, por exemplo, pode ser usado para criar a personagem de uma noiva, bem como para envolver um bebê; pode também virar um saiote, ou ainda como preenchimento de seios postiços. Esse universo de combinações que se

---

<sup>56</sup> Existe uma vasta literatura sugerindo atividades lúdicas diversas que podem ser usadas como inspiração para atividades que favoreçam a comunicação e o brincar no grupo (Silva, 2000; Yozo, 1996; Spolin, 2001; Monteiro, 1994; Civitate, 1998 e 2001; Fritzen, 2000a e 2000b).

apresenta diante dos jovens deixa transparecer o caráter amorfo<sup>57</sup> desse material, aspecto fundamental das oficinas “Ser e Fazer”. No contato com a mala, os jovens também têm a oportunidade de moldar, ajeitar, agrupar os diversos objetos apresentados, encontrando em meio a esse material de qualidades amorfas as combinações que reconhecem como criações que agradam, encantam e têm a ver com eles.

Lembrando as oficinas de papel artesanal de Ambrósio (2005), durante as quais, a partir da polpa de papel amorfa são encontrados e criados diferentes papéis com cores, formatos e texturas variadas, também nos encontros com os jovens cada participante encontra e cria, em meio às vestimentas e acessórios apresentados e ao universo de possibilidades já existentes a serem encontradas, as suas personagens, os seus papéis, os seus dramas.

Empregando flores como materialidade mediadora, em oficinas de arranjos florais com pacientes portadores de esclerose lateral amiotrófica, Vitali (2004) observa que a amorfia não é uma qualidade inerente à materialidade apresentada, mas pertence ao campo do encontro, em que transicionalmente são produzidos os arranjos florais. Nesse sentido, a flor pode ser entendida como transicional, como um “concreto *rabisco formless*, que possibilita o nascimento de arranjos” (Vitali, 2004, p. 90). A mala com suas vestimentas e acessórios também pode ser compreendida como *rabisco formless* por

---

<sup>57</sup> Para Winnicott (1971/1975, p.54), a amorfia relaciona-se “aquilo com que o material se assemelha, antes de ser moldado, cortado, ajeitado e agrupado”.

justamente proporcionar um brincar transicional, que possibilita a criação de dramatizações.

A oportunidade de experiência de manuseio de um material com características amorfas, que encontramos nas oficinas “Ser e Fazer”, constituindo-se como matéria-prima do brincar, favorece, segundo Winnicott (1971/1975), a comunicação emocional que pode levar ao gesto criativo. Consideramos valiosa essa afirmação, que indica os fundamentos de nossos atendimentos, baseados em um brincar com uma materialidade *formless*, em ambiente de *holding*.

Lembro-me de um grupo que muito rapidamente aderiu à proposta das dramatizações, mostrando-se muito animado e empolgado, relembrando brincadeiras do tempo de criança, como fingir-se de índio ou de Indiana Jones. As meninas brincavam de “mamãe-filhinho”, de casinha, de professora. Alguns diziam que faziam cabanas, que brincavam de médico ou ainda que se imaginavam em trilhas de aventura ou em mundos misteriosos. A partir dessa conversa inicial sobre brincadeiras infantis, senti que poderia apresentar a mala. De fato, logo surgiram diferentes personagens, entre as quais um piloto de avião, uma marinheira, um mágico... Ajeitamos a sala para fingir que estávamos em um avião, apareceu uma aeromoça, uma prancheta virou bandeja para servir os passageiros, um jovem escondeu-se na mala, debaixo da mesa, dizendo que era um terrorista no bagageiro do avião, o piloto ajeitou-se em sua

poltrona, e pronto, o cenário da nossa primeira dramatização<sup>58</sup> já estava montado.

A partir da experiência com a mala, os jovens freqüentemente sugerem outras atividades como, por exemplo, brincar de mímica. Certa vez, um grupo propôs brincarmos de mímica de filmes. Um de nós pensava em um filme e fazia uma mímica para os demais colegas do grupo adivinharem, usando, se quisesse e precisasse, algum objeto da mala. Essa brincadeira acabou transformando-se em brincar de fazer mímicas de atividades profissionais. Cada um dos participantes do grupo criava uma personagem com as vestimentas e se apresentava para o grupo. As personagens representadas no grupo costumam ser muito variadas - os jovens se vestem de médico, advogado, engenheiro, apresentador de programa humorístico, babá, garçom, roqueiro, atriz, modelo, cirurgião, cigana, fantasma da ópera, bailarina, pintor, fazendeira, freira, padre, psicólogo, dentista, etc.. Cada grupo traz um conjunto muito diverso e peculiar de personagens.

Eventualmente, proponho dividir o grupo em pequenos subgrupos, que, em duplas ou trios, representam cenas do cotidiano do trabalho para os demais participantes adivinharem. Essas cenas configuram-se como pequenas dramatizações, às vezes muito divertidas, que lembram os desenhos animados antigos, mudos, em que apenas os gestos e a movimentação dos atores no cenário indicam o que acontece<sup>59</sup>. Nesses casos, costumo ficar à disposição

---

<sup>58</sup> A narrativa completa dessa dramatização que chamei de “Terror no ar, no mar e na ilha” encontra-se na página 177.

<sup>59</sup> Algumas dessas pequenas dramatizações encontram-se à disposição do leitor na página 192.

dos subgrupos para entrar em cena em algum papel que consideram importante para complementar a apresentação da situação que querem transmitir. Evidentemente, esse tipo de convite para participar da cena criada é significativo do ponto de vista transferencial; no entanto, considero importante lembrar que o fundamental nesta clínica é o *holding*, que demanda abertura e disponibilidade para estar presente de modo pleno no acontecer clínico.

Outra atividade que surgiu em um dos grupos como proposta de alguns jovens diante da possibilidade de brincar de dramatizar foi a de, um por vez, escolher uma profissão e o grupo criar uma dramatização a partir dessa escolha do colega, procurando moldar-se, da forma mais fiel possível, ao que o colega imaginava como sendo a história do profissional que escolhera representar. Então, para ajudar a criar o cenário para a história desse profissional, perguntei ao jovem que escolheu representar essa personagem como era a vida desse protagonista, onde trabalhava, o que fazia nas horas de lazer, como se relacionava com a sua família e com os amigos, se e como viajava, de carro, ônibus, avião, e para onde gostava de ir, ou sonhava em ir, qual a sua remuneração, qual o seu objetivo de vida... Desse modo, facilmente a história desse profissional foi sendo criada, surgindo um cenário em que os demais colegas do grupo puderam criar seus papéis baseados nas informações dadas pelo colega.

Esse jeito de brincar com a mala me faz pensar em um seriado antigo de televisão, em que ao protagonista do dia era dada a oportunidade de viver, em uma ilha da fantasia, os seus desejos e os seus sonhos. De modo semelhante,

nessas dramatizações em que cada um se torna protagonista de uma história criada no grupo, surge a oportunidade de viver sonhos, desejos, curiosidades, esquisitices, em ambiente protegido.

Todos querem, em algum momento, ser protagonistas da história encenada. E quando não há tempo para todos representarem as suas histórias em uma mesma sessão, retomamos essas dramatizações nos encontros seguintes. Já vi grupos pedirem para repetir essa mesma atividade, mudando as profissões encenadas, oferecendo a todos nova oportunidade de brincar de representar outros papéis profissionais<sup>60</sup>.

Nos primeiros dias, os jovens exploram mais a mala, experimentam diferentes acessórios e vestimentas. Mas, ao longo de nossos encontros, esses objetos se tornam menos necessários e importantes para a criação das personagens e das dramatizações. Os jovens, eventualmente, pegam um único acessório para caracterizar uma personagem, para usar durante as dramatizações, como um par de óculos, uma luva, um chapéu, pois não necessitam de muito mais para brincar de dramatizar. A simples presença da mala em um canto da sala já é um convite à dramatização, indicando a possibilidade sempre presente de brincar.

Sinto que brincar de dramatizar vai ganhando importância no grupo, parecendo até que, a partir de um dado momento, os jovens já chegam com essa expectativa de atividade. Sugerem frequentemente que retomemos

---

<sup>60</sup> As narrativas de três dramatizações criadas desse modo, cujos protagonistas foram, respectivamente, uma artista plástica, uma representante de uma empresa de carros estrangeiros e um engenheiro, estão nas páginas 181 a 187.

dramatizações anteriores e criam situações que naturalmente levam a uma encenação.

Em um atendimento grupal em ambiente escolar, direcionado a adolescentes, durante o qual propus o Teatro da Espontaneidade nessa perspectiva winnicottiana, os jovens, depois de alguns encontros, falavam das dramatizações como sendo a “nossa brincadeira” (Camps, 2003), mostrando o quanto eles haviam se apropriado da proposta como criação deles, como algo de especial que havia surgido em nossos encontros.

Com os jovens que participaram desta pesquisa também aconteceu de as dramatizações se tornarem a “nossa brincadeira”, sugerindo que essa proposta de produção conjunta de peças teatrais pode ser sentida como criação do grupo, favorecendo um sentimento de união, de cumplicidade e proximidade.

Os jovens chegam a se apropriar do atendimento como uma experiência em que também se sentem criando o momento, sugerindo brincadeiras, propondo dramatizações, usando a sessão, a mala e a mim, conforme as suas necessidades do momento. Assim como ofereço sustentação para o brincar que acontece no encontro, sinto que o grupo também se constitui como um suporte para o terapeuta. Ao longo dos encontros, em muitos momentos, tenho a impressão de que o grupo ganha vida própria. Os jovens imprimem o seu jeito, propõem as atividades, enquanto eu os acompanho nesta jornada de

aproximação de si e do que faz sentido em suas vidas, como o Therapon<sup>61</sup>, que acompanha o herói em sua empreitada arriscada.

Procuo manter-me bem próxima aos jovens, em uma sintonia fina que respeita o estilo pessoal e o ritmo de cada um, acreditando em sua capacidade criativa. Silva (1993) fala da confiança que o psicanalista deve ter no que ela chamou de eterno movimento da vida:

Como no consultório, também na pesquisa o psicanalista deve abrir mão de conhecimentos prévios nascidos do contato com o paciente ou com a teoria, e abrir-se ao novo, ao desconhecido que se manifesta nessa ocasião particular. Para se contrapor ao medo de que nada de novo surja, ou à necessidade imperiosa de mostrar eficiência, há que se acreditar no eterno movimento da vida, na natureza sempre pulsando em direção à representação, e ficar tranqüilo de que um sentido sempre acabará por se fazer, porque é da ordem do humano que assim aconteça. (Silva, 1993, p. 22)

Embora Silva (1993) focalize essa confiança em relação ao surgimento de um sentido para o que acontece no contato com o paciente, penso que também é válido pensar nessa confiança em relação à vitalidade do grupo em poder trazer o que é importante e faz sentido no momento. Lembrando que o 'piquenique' é dos jovens (Winnicott, 1965/1994), brinco com eles, participo das dramatizações, seja representando algum papel que me sugeriram fazer, ou criando uma personagem que considero adequada ao momento, ou ainda acompanhando o grupo ao longo da dramatização, atenta às necessidades de cada um, cuidando para que a experiência vivida transcorra com tranqüilidade, oferecendo sustentação para que os jovens possam se sentir confortáveis para

---

<sup>61</sup> Em entrevista com Maria Emília Lino da Silva, Fabio Herrmann esclarece que o Therapon é aquele que cuida, serve, trata do outro, do herói, sem ocupar posição inferior, nem tampouco tornando-se uma figura de destaque, pois a atenção permanece sempre voltada para a expressão e o desenvolvimento do outro (Silva, 1993).

arriscar seus movimentos e nos brindar com seus gestos espontâneos e criativos.

Como no Jogo da Espátula de Winnicott (1941/2000), busco então proporcionar um ambiente confiável, em que os jovens possam viver uma experiência completa, no sentido winnicottiano, que inclui a aproximação, o envolvimento e o desapego, em ritmo próprio, sem ser imposto de fora para dentro.

As dramatizações são divertidas e animadas, parece que voltamos a ser crianças por alguns instantes, brincando muito, criando cenas, fingindo situações inesperadas. Se o avião está caindo, brincamos de chacoalhar nas cadeiras, simulamos as viradas bruscas. Se há algum perigo, fazemos de conta que estamos apavorados, subimos nas cadeiras, gritamos. Imaginamos monstros juntos, matamos os monstros, vivemos intensamente cada momento da dramatização, caímos no chão, rolamos, pulamos. Fazemos dos objetos da sala o que necessitamos para a nossa história - o divã pode virar um barco, uma ilha, ou um carro onde todos estão empoleirados, apertados, brincando de se espremer, de se empurrar...

O ambiente costuma ser de divertimento, de alegria e satisfação de expressão pessoal. São momentos preciosos e inesquecíveis de vivência de liberdade e de contato consigo mesmo e com os demais participantes do grupo, que, acredito, ficam gravados em cada um, servindo como lembrete de um estado de ser em que puderam ser eles mesmos, em que se sentiram fruindo um viver criativo, em um ambiente onde seus gestos eram bem-vindos.

Criando personagens e dramatizando cenas variadas, brincando de ser soldado, astronauta, cozinheiro, prostituta, empresário, bailarina, etc., os jovens conversam sobre a vida. Em meio a essas dramatizações, eles experimentam diferentes formas de ser e estar no mundo, novas formas de se relacionar com os outros, e pensam em que tipo de adulto querem ser.

A seguir, apresentamos então uma dramatização que ilustra esse questionamento dos jovens acerca de quem são e quem querem ser.

*Um jovem se veste de alpinista, ele usa luvas, colete, gorro. Ele conta que já foi a muitos lugares, no Everest, e que é bem famoso. Ele até perdeu um dedo congelado. O alpinista mostra a sua mão com um dedo a menos e conta que sua mão também ficou torcida em função do frio intenso. Usando uma peruca preta, uma das meninas veste-se de mendiga e se senta no chão, na rua, segurando um copinho à sua frente, pedindo dinheiro aos que passavam. Outra jovem diz que é perua, ela usa peles e jóias, fala que é a mãe da mendiga, que a teve quando muito jovem e nem sabe quem é o pai da criança. Na época, ela era pobre, não tinha como cuidar da filha, então, abandonou-a na rua. Mas, agora, ela se sente muito arrependida, sofre com isso, e chora, diz que quer procurar a filha, mas não sabe por onde a menina anda.*

*Do outro lado da sala, um jovem veste-se de turista, ele e o alpinista encontram-se em um avião. O turista estava indo para o Tahiti e o alpinista para a Ásia, mas os dois acabam se encontrando no mesmo avião, que, inesperadamente, pousa no Brasil. Chegando ao Brasil, um funcionário da polícia federal os recebe pedindo os documentos, os passaportes. O alpinista*

*apresenta os seus e diz que está tudo em ordem. Ele pode entrar no país. Quanto ao turista, ele já vem conversando em inglês, diz que não tem documento nenhum, que não esperava parar no Brasil, e discretamente passa na mão do funcionário da polícia federal uma nota de R\$ 10,00, acrescentando que contava com ele para resolver a situação, que estava tudo resolvido. O turista foi entrando no país, passando de modo seguro e decidido pelos funcionários aeroportuários. A situação, que pegou o funcionário da polícia federal de surpresa, acabou ficando por isso mesmo.*

*O turista e o alpinista passeiam pelas ruas da cidade e encontram a mendiga pedindo dinheiro. O turista vai puxando uma nota de R\$ 50,00 do bolso. Notam que ele dá mais para a mendiga do que para o funcionário da polícia federal. Este conta que se enganou e que acabou dando mil dólares para a mendiga. A mendiga fica feliz, diz que deixou de ser mendiga, que ficou rica e vai mudar de roupas.*

*Enquanto isso, a perua e mãe da mendiga passeia pela cidade. Ela vai a uma exposição de artes, mas se sente muito sozinha, está infeliz, pensa em se atirar pela janela do prédio onde mora. Ela sobe no parapeito da janela e está pronta para pular quando o turista e o alpinista a vêem. O alpinista conversa com ela, diz que vai jogar uma corda para socorrê-la. Ao lado do alpinista, o turista fala para a mulher parar de enrolar e se jogar logo!... O alpinista conversa com a perua, e ela fala de sua tristeza de não saber onde a filha está. Sensibilizado com a história da mulher, ele se compromete em ajudá-la a encontrar a filha e a acompanha, então, a um investigador particular renomado.*

*Quando eles entram na sala do investigador, este se joga aos pés do alpinista, beijando os pés dele, dizendo que é fã dele, que o admira muito. Combinam que, em troca dos serviços prestados, o alpinista dará a sua luva assinada, e mais especialmente, a sua luva da mão torcida, que é mais valiosa. O investigador, emocionado, agradece muito e pendura orgulhosamente a sua nova aquisição na parede, atrás de sua escrivaninha.*

*Especulam sobre como encontrar a menina, a mãe-perua descreve a filha como fofinha, falando “gugu-dadá”, ela mostra uma foto da menina quando bebê. O investigador diz que precisa colher material da mãe para fazer teste de DNA, diz também que eles terão de pagar hospedagem para ele em todos os lugares que for procurar a filha. Ele diz que vai começar pelo Tahiti. A mãe retruca dizendo que não acredita que a filha esteja fora do país, não pensa que seria o caso de ir ao Taiti para isso.*

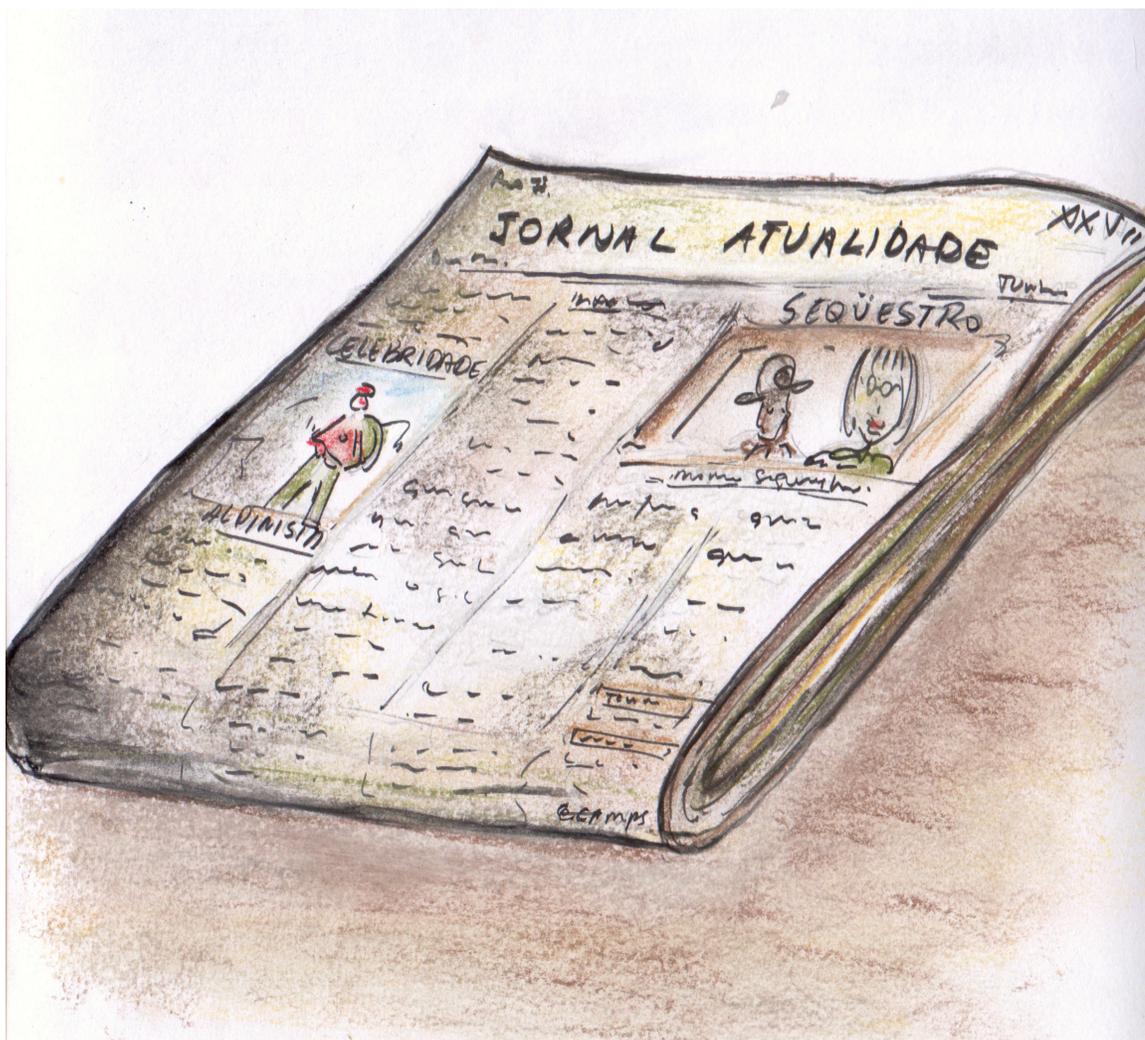
*Enquanto o grupo pensa em como fazer para encontrar a menina, lembro daquele programa de computador que, colocando uma foto de criança, apresenta possibilidades de aparência da pessoa no futuro. O investigador acha boa idéia usar esse recurso e se pergunta como ele não havia pensando nisso antes. Ele me olha fazendo jeito de indignado, cara de desprezo, e pergunta quem eu sou e o que eu estou fazendo ali. Certamente, ele não gostou do meu palpite, por ter trazido uma possibilidade de solução para o impasse. Explico que sou repórter, seguindo o alpinista famoso, tirando fotos, buscando informações jornalísticas. Fica combinado que eu sou a assessora de imprensa do alpinista e que meu trabalho é promovê-lo, fazer matéria em que ele apareça*

*em destaque, mostrando seus feitos bondosos, construindo uma imagem positiva dele perante o público. O alpinista aproveita para pedir mais fotos dele, mostrando o quanto está envolvido nessa busca da menina.*

*Descobrem a menina em uma galeria de arte. O alpinista e o investigador aproximam-se dela e jogam um pano preto em cima dela, cobrindo a sua cabeça e o seu corpo. O momento é de agitação, não dá para entender direito o que está acontecendo. Mas por que abordaram a menina desse jeito? Eles a carregam para fora da galeria, e dizem que raptaram a menina, que a colocaram em um cativheiro!... Eles viraram bandidos!... O investigador, disfarçando a voz, liga para a mãe da menina, dizendo que raptaram a filha dela. A mãe não percebe que está falando com o investigador, e também não desconfia que o alpinista esteja envolvido no rapto da filha. Ambos, alpinista e investigador, combinam dividir o dinheiro do resgate. No diálogo com a mãe, o investigador-bandido pede dinheiro, a mãe oferece um milhão, ele diz que é pouco, que tem que ser mais, ela fala que só tem dois milhões. Mas, o investigador ameaça cortar a orelha da menina. Ele pede mais. Ela oferece 10 milhões e diz que é tudo o que tem, que vai dar tudo para salvar a filha. O investigador diz que quer 20 milhões e que, se não entregar logo a grana, a menina vai morrer. A mãe tem de entregar uma sacola com o dinheiro no Copacabana Palace, no quarto 420.*

*A mãe se desespera, ela não tem tanto dinheiro e pede conselho ao alpinista, que oferece seu colete. O colete vale muito e pode ser vendido para levantar fundos para o resgate. Afinal, ele receberia o dinheiro de volta assim*

que ela pagasse!... A mãe fica muito agradecida, vende o colete para ajudar a juntar o dinheiro do resgate.



A mulher leva a sacola com o dinheiro para o hotel indicado. O recepcionista do hotel pergunta o que ela deseja e se oferece para levar a sacola até o quarto. Mas ela não quer deixar a sacola de dinheiro com o recepcionista do hotel, quer levá-la pessoalmente. O recepcionista desconfia,

*diz que não pode deixá-la entrar assim, com uma sacola em um dos quartos do hotel. Afinal, sabe lá o que pode ter dentro da sacola!... E se tiver uma bomba? A mulher explica que é dinheiro e abre a sacola na frente do funcionário do hotel, que arregala os olhos diante de tamanha fortuna. Rapidamente, ele chama um outro funcionário do hotel para acompanhar a senhora até o quarto desejado. Eles sobem até o quarto e a mãe-perua acaba deixando a sacola com este outro funcionário do hotel, que a acompanhou e que, na verdade, é o próprio investigador disfarçado. O investigador pega a sacola e sai satisfeito. Ele e o alpinista se encontram para dividir a grana.*

*Felizmente, a jovem é solta e reencontra a sua mãe. As duas se abraçam, a mãe pede desculpas, a filha se diz sentida por ter sido deixada, a mãe explica que ela vivia em uma situação muito difícil. A filha pergunta pelo pai. A mãe diz que não sabe quem é o pai. A filha acaba desculpando a mãe por tanta falta que sentiu dela. Mãe e filha, agora novamente sem dinheiro, decidem trabalhar de garçonetes. Perguntam para a mãe se, já que está sem dinheiro, vai de novo deixar a filha. A mãe diz que, hoje, a filha está crescida, não dá tanto trabalho, é mais fácil, e elas poderão trabalhar juntas. As duas mulheres continuam amigas do alpinista e se sentem muito gratas em relação ao que ele fez para que se reencontrassem. As duas posam para fotos com o alpinista que ajudou a encontrar e resgatar a menina.*

*Com essa história de ter ajudado a mãe a encontrar a filha, o alpinista ganhou muito prestígio junto ao público. Com a divulgação feita pela sua assessora de imprensa, ele ficou com uma imagem de pessoa boa e sensível,*

*que ajuda os outros e que ajudou no resgate da menina seqüestrada. Assim, ele ficou ainda mais famoso, surgiram grandes oportunidades, ele virou celebridade. Novamente, ele posa para fotos com a mãe e a ex-mendiga. Ele pede para a sua assessora de imprensa tirar novas fotos deles todos juntos.*

*Senti então uma certa repulsa, um desconforto diante da hipocrisia do momento. Que situação mais horrível e repugnante! O alpinista bandido continuava posando de bacana com as moças, ingênuas, desinformadas, enganadas. Elas mal sabiam com quem estavam se relacionando. E todos o consideravam um herói. Graças à imprensa, ele ficou com essa imagem de herói, que não corresponde ao que de fato aconteceu.*

Essa dramatização reapresenta claramente histórias que acompanhamos nos noticiários, remetendo à violência sofrida nos dias de hoje, a relações pouco sinceras, a negociatas, a desencontros, à busca de projeção e de enriquecimento a qualquer custo. Os jovens reproduzem o cenário da atualidade, o ambiente em que vivemos, em que tudo acontece de modo muito rápido e inesperado, evidenciando a instabilidade de cada situação vivida a todo instante. Em meio a essa exuberância de acontecimento, parece, no entanto, que pairam questões tais como: que tipo de adulto quero ser? Que tipo de relações quero estabelecer na vida com as pessoas? Será que posso me tornar um mendigo ou uma pessoa amargurada pelo passado? Quem sou eu, uma imagem criada pela mídia, uma pessoa que fica enganando os outros, roubando, seqüestrando?

Fica evidente que esse trabalho realizado com jovens em processo de definição profissional transcende a questão de encontrar uma profissão a seguir. Notamos que os jovens estão sensíveis aos diferentes modos de se relacionar na vida. Podemos lembrar o jeito dissimulado do alpinista enganando a peruá, ora mostrando-se amigo dela, ora sendo o seqüestrador de sua filha. Temos ainda o investigador interessado em cobrar caro e o turista passando propina para os funcionários da aduana.

Em clima de muita diversão, os jovens apresentaram de modo quase humorístico e irreverente esse cenário, que traz exatamente a dureza do nosso cotidiano, que podemos ver no sofrimento da jovem mãe-peruá, no desespero do impasse de um seqüestro. Percebemos que os jovens parecem conhecer o ambiente onde vivem, mas ronda o desafio de escolher o que fazer no futuro e que adulto ser. Talvez, no fundo, subjaz a dúvida acerca de querer crescer e ter que lidar com relações superficiais, correndo o risco de se perder, de se tornar uma imagem criada pela mídia e vazia de princípios ou um pobre mendigo, personagem recorrente em diferentes grupos.

Em ambiente lúdico e em clima descontraído, os jovens conversam sobre a vida, sobre quem querem ser ou não, sobre possibilidades de atividades a realizar, sobre o futuro. As dramatizações permitem uma conversa lúdica entre os participantes através dos dramas encenados e durante os quais são abordados temas variados, situações diversas, que necessariamente dizem

respeito às possibilidades de futuro para cada um e ao que eventualmente imaginam para si<sup>62</sup>.

Dessa forma, nos distanciamos de uma intervenção que privilegia a razão, o intelecto, a reflexão, o pensar, a atividade mental, que, com o tempo, pode cair no esquecimento, mas proporcionamos uma experiência viva, carregada de sentido e emoção, criada pelos próprios jovens, com os temas que eles mesmos escolheram, capaz de ficar gravada no íntimo de cada um, servindo efetivamente de referência em momentos de escolha e tomada de decisões.

## **Diferentes usos das dramatizações**

Dramatizações vêm sendo empregadas amplamente em orientação profissional já há bastante tempo. Podemos citar o trabalho pioneiro de Carvalho (1995) com grupos, usando dramatizações, bem como Bohoslavsky (1977/2003), em atendimentos individuais, e Zimmerman, Osório e cols. (1997)

---

<sup>62</sup> Guichard (1995) fala em projeto de vida propondo intervenções em orientação profissional que buscam ajudar os jovens a refletirem acerca de onde querem chegar, quem querem ser e o que pretendem para si. A partir do momento em que os jovens definissem seus projetos de vida, seria então possível delinear um plano de ação para alcançar os objetivos desejados. Embora possa ser valiosa essa possibilidade de reflexão acerca de um projeto de futuro, nos diferenciamos desse modo de trabalhar propondo uma intervenção clínica baseada no *holding*, que, em ambiente lúdico com uma materialidade *formless*, procura favorecer que a escolha da profissão possa acontecer como gesto espontâneo.

em grupos, dramatizando conversas, situações e diferentes papéis profissionais<sup>63</sup>.

Pelletier, Noiseux e Bujold (1974)<sup>64</sup> também são autores que procuraram oferecer aos jovens situações experienciais que, muitas vezes, incluíam dramatizações, no intuito de ajudá-los a desenvolver e exercitar habilidades consideradas necessárias à realização de tarefas, favorecendo desse modo a exploração e cristalização de preferências, facilitando o processo de escolha profissional.

Observamos que as dramatizações podem ser usadas para atender a diferentes objetivos: treinar capacidades, desenvolver habilidades, proporcionar aprendizado (Pelletier, Noiseux e Bujold, 1974), acessar conteúdos latentes, inconscientes, fazendo entrar em ação uma energia presa em algum conflito. É fundamental, então, estarmos atentos aos referenciais teóricos a partir dos quais essas propostas de uso de dramatizações se baseiam.

No meio psicanalítico, reconhecemos duas dimensões fundamentais no brincar, identificadas por Aiello-Vaisberg (2004e) como possibilidade de

---

<sup>63</sup> A proposta de uso de dramatizações articulado ao referencial psicanalítico já vem sendo adotada por diferentes autores (Bustos, 1982; Naffah Neto, 1990; Levinzon, 2001). Entre eles, Tofolo (1994) e Aiello-Vaisberg e Machado (2005) empregaram de forma produtiva procedimentos psicodramáticos tanto em contexto didático quanto no desenvolvimento de pesquisas clínico-interventivas, evidenciando essa possibilidade de articulação de dramatizações e Psicanálise.

<sup>64</sup> Pelletier, Noiseux e Bujold (1974) propõem o modelo da ADVP, Ativação do Desenvolvimento Vocacional e Pessoal, que consiste em um modelo inspirado no pensamento de Super (1963) acerca das fases do desenvolvimento da escolha profissional e cujo objetivo seria desenvolver uma maturidade vocacional, propondo atividades que ajudariam a ativar esse desenvolvimento no indivíduo. Para Super (1963), o desenvolvimento da escolha da profissão resulta da interação do indivíduo com o meio e acontece em cinco fases: crescimento, exploração, fixação, manutenção e declínio.

comunicação emocional, servindo de substituto à associação livre e como forma de favorecer um desenvolvimento pessoal.

De modo geral, o brincar aparece nos trabalhos psicanalíticos como movimento de sublimação da pulsão sexual (Freud, 1980), como modo de viver simbolicamente as fantasias ou ainda como meio de explorar e tentar dominar o mundo interno e a própria ansiedade (Klein, 1931/1975). No contexto da escolha da profissão, as dramatizações empregadas segundo um referencial freudiano ou kleiniano remeteriam a conflitos internos que estariam dificultando uma tomada de decisão, oferecendo uma possibilidade de elaboração do material trazido à tona por meio da história representada ou de outros procedimentos expressivos. Seria então possível reconhecer desejos, trabalhar os lutos, as fantasias inconscientes, ajudando a resolver os conflitos trazidos em cena e a favorecer que a energia então presa volte a circular e possa ser empregada na busca de informação e na definição de uma carreira a seguir.

Embora ao longo da história da Psicanálise tenha-se dado mais ênfase à possibilidade de promover a comunicação do paciente, no intuito de acessar o que permanece inconsciente, encontramos em Winnicott (1971/1975) uma valorização dessa segunda dimensão inerente ao brincar (Aiello-Vaisberg, 2004e). Observando que o brincar é natural do ser humano e é universal, Winnicott (1971/1975, p.63) explica:

O brincar facilita o crescimento, e, portanto, a saúde, o brincar conduz aos relacionamentos grupais, o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia, finalmente, a Psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros.

Portanto, além de facilitar o desenvolvimento pessoal, o brincar diz respeito a uma experiência de fruição de ser, a uma vivência que permite aproximar-se de si<sup>65</sup>. Sendo espontâneo e criando cada momento do brincar, as pessoas podem experimentar a satisfação de se sentirem vivas e autênticas, afinadas com o que existe de mais verdadeiro nelas. Esse brincar proposto por Winnicott (1971/1975) diferencia-se de manifestações aparentemente entendidas como lúdicas, que se caracterizam por movimentos de sublimação e de intensa projeção pessoal e que são, na verdade, expressão de falso *self*, desprovidas de espontaneidade, afastadas de um viver criativo, evidenciando falta de liberdade pessoal, prisão em si mesmo.

O modo como propomos as dramatizações em nossos atendimentos inspira-se então no pensamento winnicottiano, afastando-nos do modelo psicanalítico pulsional. Propomos uma abordagem intersubjetiva, usando o teatro espontâneo como procedimento capaz de favorecer um diálogo no grupo que permita aos jovens aproximarem-se de si e arriscarem seus movimentos, resgatando um viver mais livre e criativo. Não se trata, portanto, de treinar ou ensinar os jovens, nem tampouco de promover a emergência de conteúdos latentes, no intuito de interpretá-los ou resolver conflitos, mas de buscar favorecer um movimento autêntico do jovem para além das dificuldades e situações trazidas em cena.

---

<sup>65</sup> Huizinga (2001) observa que são diversas as funções que uma atividade lúdica pode ter e chama a atenção para a possibilidade de, através dela, se alcançar um estado de ser mais leve e feliz. Atento a essa característica que encontramos no brincar despreocupado das crianças, ele observa também que, muitas vezes, as pessoas atribuem às atividades lúdicas uma qualidade mágica e transformadora, oferecendo oportunidade de “expressar, e talvez resolver, os intrincados problemas da vida” (Huizinga, 2001, p.140).

Em um universo fantástico de personagens e possibilidades que os jovens encontram e criam com objetos da mala, torna-se possível usufruir momentos mágicos de surpresa diante de cenas ou falas inesperadas, de trocadilhos espirituosos e divertidos, que mudam o rumo das dramatizações, levando a novos desfechos para as questões transicionalmente colocadas em cena por meio desse brincar com a mala. Nesse ambiente humano, a comunicação emocional articula-se ao brincar proporcionando momentos de surpresa que aparecem refletidos no brilho do olhar dos jovens, no encantamento e na satisfação de se perceberem capazes de expressar e circunscrever os dramas vividos sob o gesto criativo, conferindo-lhes novos destinos.

No contexto dos atendimentos direcionados aos jovens em busca de uma definição profissional, a partir do momento em que estão mais perto de si e do que os encanta e os atrai, reconhecendo em meio ao brincar proposto os seus sonhos<sup>66</sup>, torna-se mais fácil identificar possíveis caminhos a seguir, que façam sentido, deixando de lado opções que, mesmo sendo socialmente valorizadas, são vividas como pouco pessoais ou surgem como estratégias defensivas diante de um ambiente sentido como invasivo ou hostil.

Assim sendo, penso que a experiência de brincar em um mundo transicional, em que os jovens encontram e criam personagens de acordo com o que os toca, os atrai, ou causa desconforto, repulsa, medo, deve anteceder a

---

<sup>66</sup> Como Winnicott (1971/1975) entendemos o sonhar como continuidade do viver, como possibilidade de contato consigo mesmo.

apresentação de temas relacionados ao trabalho, às profissões, às possibilidades de carreiras, ao mercado de trabalho...

Respeitando o tempo e o ritmo de cada adolescente e confiando na capacidade criativa de cada um, em uma experiência transicional fundamentada no *holding*<sup>67</sup>, procuramos favorecer momentos de surpresa e de satisfação diante de um viver mais próximo de si, que permite ações mais autênticas, espontâneas e criativas. Quando o jovem experimenta esse sentimento de presença e de liberdade de movimentação em sua vida, torna-se capaz de caminhar criativamente em busca do que o encanta, desencadeando aquele processo de engajamento, de mudança e ação, identificado por Boursier (2001), e tão esperado pelos profissionais que trabalham com jovens nesse momento de definição acerca da profissão a seguir e dos projetos de futuro. Poderá, então, naturalmente fazer o seu movimento singular e espontâneo em busca dos conhecimentos que julgar importantes para o seu desenvolvimento profissional. Certamente, sentindo-se estimulado nessa busca, o adolescente poderá chegar a obter mais dados sobre o tema que está investigando do que poderíamos lhe oferecer.

Em nosso trabalho, focalizamos, portanto, o ser e a possibilidade de um amadurecimento pessoal que ofereça os fundamentos de uma posição existencial mais autêntica, a partir da qual o jovem, no momento de sua escolha

---

<sup>67</sup> Para Lehman (1996) a orientação profissional pode ser entendida como um *holding* na adolescência ou como espaço de acolhimento para lidar com a fragmentação e a imprevisibilidade do mercado de trabalho. No entanto, seu trabalho difere do nosso por estar voltado ao acesso de material inconsciente, cabendo ao terapeuta fazer pontuações e interpretações capazes de fazer circular os conteúdos inconscientes, promovendo associações (Lehman, Uvaldo e Silva, 2006).

profissional, possa se sentir suficientemente próximo de si, à vontade e estimulado a fazer o seu movimento no encontro e criação de seus reais interesses. Segundo esse ponto de vista, fica claro que não se trata de uma proposta pautada na transmissão de informações relacionadas a profissões, trabalho, etc., para um adolescente que ainda está se sentindo perdido em relação às carreiras existentes e às possibilidades de caminhos profissionais a seguir.

As peças de teatro do espontâneo produzidas nos grupos acabam, naturalmente, incorporando ao brincar temas relacionados ao universo do trabalho e às profissões. No entanto, mesmo brincando com temas que remetem a trabalho, cursos, profissões, a intenção nunca é a de informar o jovem acerca desses assuntos, mas de ajudá-lo a apropriar-se de modo criativo de seu viver e do universo que se apresenta como possibilidades de carreiras, cursos e profissões. As informações, eventualmente apresentadas durante nossos encontros, através do brincar proposto, devem, portanto, ser apresentadas com cuidado, evitando o desenvolvimento de estratégias defensivas, respeitando o ritmo de cada um.

Assim, os adolescentes aproximam-se do mundo em que vivem, de modo singular e paulatino, criando e encontrando o que delicadamente lhes é apresentado, em doses, ampliando a confiança que têm em sua capacidade criativa pessoal e no mundo, ajudando-os a trilharem um caminho singular, no ser.

## A mala e outros procedimentos brincantes

É comum, em nosso meio, ouvirmos falar em “técnicas”<sup>68</sup> a serem empregadas nos programas de orientação vocacional para jovens. No entanto, quando falamos em “técnica” fica implícito um procedimento que pode ser repetido diversas vezes, de um mesmo modo, com grupos ou pessoas diferentes, bastando, aparentemente, conhecer bem os passos dessa “técnica” para “aplicá-la”<sup>69</sup> adequadamente, independentemente das pessoas presentes e de quem está propondo a atividade. Atentas a essas questões, Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio (2003) preferem evitar empregar o termo “técnica”, que, freqüentemente, está vinculado à noção “de um bem fazer que independe da personalidade de quem o pratica”.

Em função dessas observações, propomos o uso de algumas dessas técnicas como procedimentos dialógico-transicionais<sup>70</sup>, se empregadas no sentido de facilitar a comunicação emocional e o brincar no grupo, fazendo parte da relação estabelecida entre as pessoas presentes, e seguindo um outro paradigma, que não o de sujeito-objeto, numa relação intersubjetiva<sup>71</sup>.

---

<sup>68</sup> Encontramos na literatura relacionada à orientação profissional uma vasta variedade de “técnicas” a serem empregadas no trabalho com os jovens como, por exemplo, as sugeridas por Levenfus, Soares e cols (2002).

<sup>69</sup> Este modo de trabalhar deixa transparecer um olhar que coloca o jovem na posição de alguém sobre quem operamos, a quem “aplicamos” uma “técnica”.

<sup>70</sup> Na “Ser e Fazer”, temos empregado recursos, que chamamos de dialógico-transicionais, como facilitadores da comunicação emocional, no contexto de uma concepção clínica que valoriza a possibilidade de encontro e de compartilhamento de experiências no grupo, visando promover um posicionamento existencial mais integrado e genuíno (Camps e Vaisberg, 2006a).

<sup>71</sup> Safrá (2005) propõe uma releitura dos testes, sugerindo que sejam empregados como procedimentos segundo outro paradigma que não o de uma relação sujeito-objeto, mas como fazendo parte da relação que se estabelece com o outro durante a sessão.

Na obra de Winnicott (1971) encontramos o termo técnica quando o autor se refere ao seu trabalho com o Jogo de Rabiscos. Contudo, observamos que ele mesmo deixa claro que se trata de uma atividade que não tem uma regra definida, e que nunca acontece do mesmo modo a cada vez. Notamos, ao longo das consultas terapêuticas que realizou na clínica infantil, que o autor permanece aberto a outras formas de comunicação que possam surgir durante o brincar com o paciente, tornando cada Jogo de Rabiscos singular. Não há, portanto, uma rigidez no tocante às atividades que propõe, o que exige do psicanalista que pretende trabalhar segundo o modelo do Jogo de Rabiscos certa maleabilidade para poder moldar-se ao que surge no momento e às necessidades dos jovens presentes.

Nessa perspectiva, para cada encontro com os jovens, penso de antemão em alguns procedimentos que poderia propor ao grupo como recurso dialógico-transicional facilitador da comunicação emocional, promovendo um ambiente em que o brincar aconteça. Não costumo seguir um roteiro preestabelecido, deixo que o atendimento vá acontecendo e, conforme o que for surgindo na interação com o grupo, proponho os procedimentos que considero interessantes e adequados para o momento, mantendo-me sempre aberta às sugestões dos jovens acerca do modo como preferem brincar.

O uso de procedimentos que visam facilitar transicionalmente a comunicação emocional faz sentido no contexto de uma concepção clínica que valoriza a possibilidade de encontro e de compartilhamento de experiências no

grupo, visando promover um posicionamento existencial mais integrado e genuíno.

A partir da leitura de Winnicott, Sirota (1998) também reconhece a importância de se oferecer oportunidades de compartilhamento de experiências em atendimentos grupais, propondo a criação de *espaços culturais intermediários*. Em um ambiente capaz de acolher a expressão pessoal, na presença de outros, surge a possibilidade de construção conjunta de sentidos para as experiências vividas, permitindo a elaboração de dúvidas e dificuldades vividas no cotidiano e favorecendo o estabelecimento de novas relações com o mundo.

Como esclarece Aiello-Vaisberg (2004a), não estamos interessados em promover uma conversa grupal de cunho interpretativo, com o objetivo de informar o paciente sobre si, incrementando o seu autoconhecimento. Entendemos que a possibilidade de mudança e de tomada de decisões acontece antes em função do encontro inter-humano que naturalmente é acompanhado de articulação simbólica e não em função de um aumento de saber sobre si, que muitas vezes pode acontecer de modo dissociado do viver.

Entre os procedimentos empregados<sup>72</sup> em atendimentos direcionados a jovens em momento de escolha profissional, temos proposto o procedimento de

---

<sup>72</sup> Entre os autores que têm nos inspirado, podemos citar Bohoslavsky (1977/2003) e Bock (2002), que idealizaram atividades tais como a “técnica da realidade ocupacional” e o “jogo do governo”, que temos empregado de modo singular como recurso dialógico-transcendental nos nossos atendimentos voltados a jovens em processo de definição profissional (Camps e Aiello-Vaisberg, 2006a).

Desenho-Estória com Tema<sup>73</sup>, idealizado por Aiello-Vaisberg (1997), que tem se mostrado muito fecundo em diversos contextos<sup>74</sup>. Por meio desses procedimentos, podemos cuidar da criação de condições favoráveis ao brincar e propiciar uma aproximação do mundo do trabalho, favorecendo que impressões e expectativas a respeito deste momento de escolha e das possibilidades de profissões possam ser compartilhadas no grupo.

Durante todos os encontros com os jovens, a mala está sempre presente, mesmo se fechada ou em um canto da sala. Ela fica à disposição, reiterando o convite permanente à criação de personagens e à dramatização. Muito freqüentemente, os jovens pegam um chapéu, um lenço, o microfone ou algum outro adereço que consideram interessante para caracterizar uma personagem criada no grupo. Os jovens retomam alguns objetos da mala, criam novas personagens e situações que surgem a partir do que está acontecendo no grupo. A realização do procedimento de Desenho-Estória com Tema, por exemplo, ajuda a estabelecer um ambiente lúdico em que os jovens se sentem à vontade para compartilhar as suas impressões, sentimentos e idéias diante do material produzido no grupo. Nesse contexto, naturalmente, surgem conversas sobre personagens e situações relacionadas ao trabalho e às profissões,

---

<sup>73</sup> Nesse procedimento, idealizado a partir do procedimento de Desenho-Estória de Trinca (1996), convidamos os jovens a desenharem uma “pessoa trabalhando” e, no verso da folha de papel, escreverem uma história a respeito da figura desenhada. Os desenhos e as histórias obtidos são tratados como produção coletiva, como manifestação da personalidade coletiva constituída pelos participantes do grupo (Camps e Aiello-Vaisberg, 2006a).

<sup>74</sup> Temos empregado o procedimento de Desenho-Estória com Tema em pesquisas sobre o imaginário de coletividades (Aiello-Vasiberg e Camps, 2006a, 2006c, 2002; Vitali e Aiello-Vaisberg, 2006; Micelli-Baptista, 2003), em consultas terapêuticas individuais e familiares (Borges, 1998), como também, mais recentemente, como recurso dialógico em entrevistas iniciais na clínica infantil (Ribeiro, 2008). Uma relação mais abrangente desses trabalhos pode também ser encontrada em: <http://www.ip.usp.br/servicos/serefazer/index.htm>.

trazendo, deste modo, mais uma oportunidade de brincar com a mala e de criar uma dramatização a partir dos temas abordados.

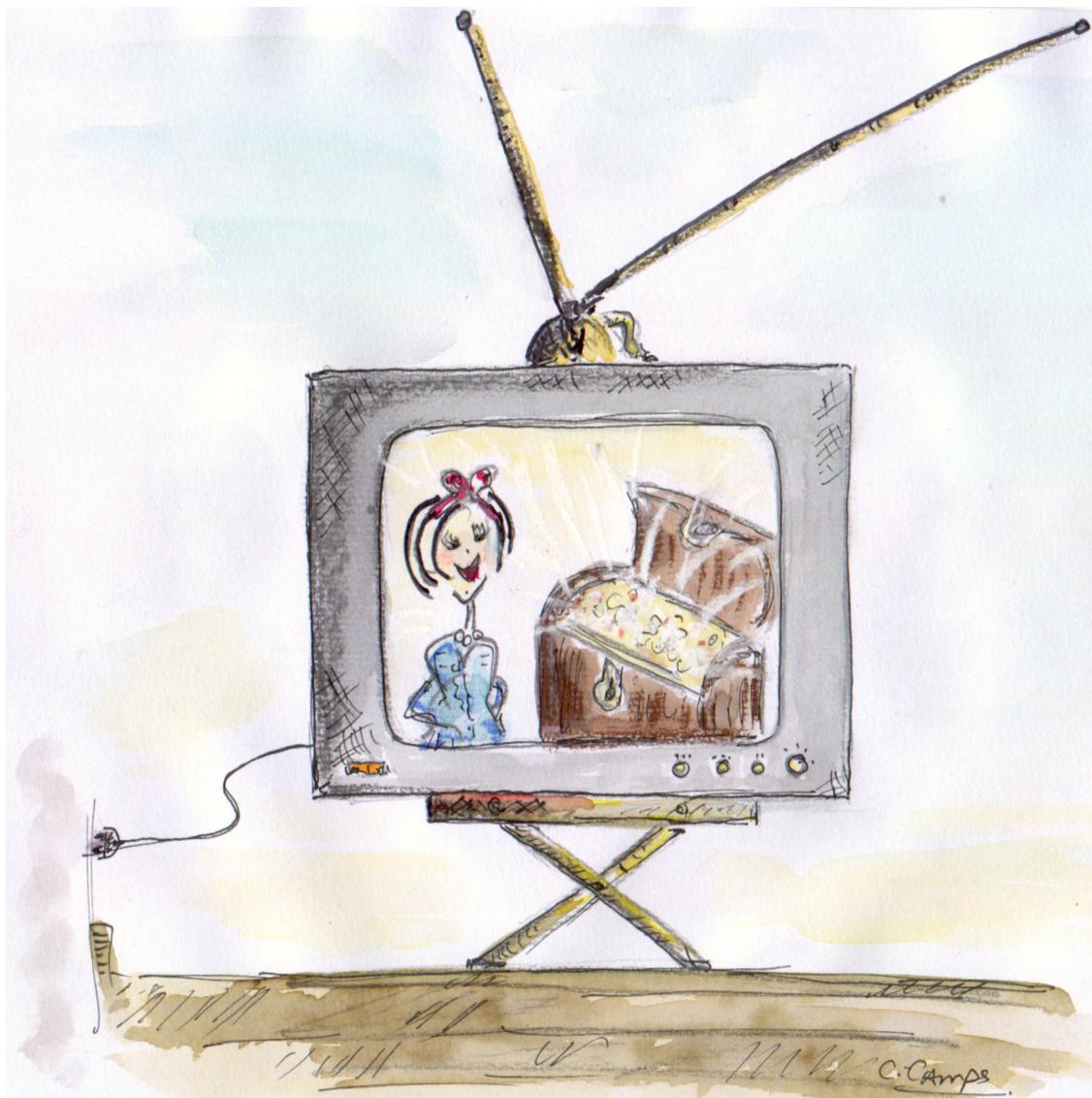
Em um trabalho realizado em ambiente escolar<sup>75</sup>, com alunos do terceiro ano do ensino médio, encontramos desenhos e histórias com personagens ora felizes e satisfeitas em suas atividades, com desenhos sugerindo ação e liberdade, ora muito sofridas, despreparadas para exercer um trabalho sentido como muito duro, arriscado, rígido e racional, remetendo, em alguns momentos, a negócios obscuros e ilícitos. Um terceiro conjunto de produções mostrava desenhos e histórias com personagens superativas, envolvidas em diversas atividades ao mesmo tempo, trabalhando dia e noite, remetendo ao ritmo acelerado dos dias de hoje, e sugerindo personagens aprisionadas, capturadas por esse dinamismo, com dificuldade de estabelecer vínculos, correndo o risco de se perder no meio de tanta agitação.

Depois de conversarmos sobre essas personagens e histórias e de compartilharmos impressões acerca desse material produzido no grupo, um dos rapazes colocou uma máscara de diabo e se cobriu com uma capa preta dizendo que tinha virado o empresário malvado de um dos desenhos-história. Essa personagem, segundo os jovens, seria sarcástica, maldosa, manipuladora e teria enriquecido por meios ilícitos, como podemos observar a seguir, na dramatização criada no grupo.

---

<sup>75</sup> Uma apresentação mais detalhada deste trabalho encontra-se em Camps e Aiello-Vaisberg (2006a).

*Entra em cena o apresentador de televisão Silvio Santos, que recebe em seu programa uma noiva à procura de um marido. Ela teria que escolher entre o empresário rico e maldoso e o pedreiro pobre e sofrido, mas feliz.*



*A moça escolhe o pedreiro, mas este diz que já é casado, que tem dezessete filhos e não quer nada com ela. A noiva fica triste, ela não quer ficar com o empresário malvado, mas só sobrou ele, não tem nenhuma outra*

*opção!... O pedreiro conta que virou segurança, e mais tarde engenheiro. Ele apresenta-se como o engenheiro que construiu o canal de televisão do Silvio Santos.*

*O programa continua, e Silvio Santos, diante de uma jovem na platéia que parece infeliz, sugere que ela compre um carnê do baú da felicidade e do milhão.*

*Entra em cena uma bailarina, e enquanto a moça dança, a noiva queixa-se novamente de ter poucas opções de escolha para marido; ela reclama que só sobrou uma alternativa, o tal empresário obscuro. O show acaba com uma dupla sertaneja cantando.*

O tema da escolha aparece de forma muito clara nessa dramatização, com a noiva tendo de escolher entre o empresário malvado e o pedreiro pobre e feliz, remetendo à questão da escolha profissional e sugerindo que, para esse grupo, o dinheiro não necessariamente parece ser o que traz felicidade. Entre um companheiro diabólico, aparentemente pouco feliz, e o pedreiro pobre, mas cheio de vida e entusiasmado para o trabalho, a noiva escolhe o pedreiro. Mas o pedreiro já está comprometido com outra mulher, frustrando os planos da jovem moça. O clima artificialmente festivo do programa de Silvio Santos contrasta com a infelicidade de uma telespectadora. Silvio Santos oferece o carnê do baú da felicidade e do milhão, como se dinheiro e superficialidade pudessem comprar a felicidade. Chama a atenção o contraste entre felicidade e infelicidade, riqueza e pobreza como tema relevante no contexto da escolha da profissão desses jovens.

De modo geral, observo que, do momento em que a possibilidade de dramatizar encontra-se sempre presente, qualquer conversa ou procedimento dialógico-transicional proposto no grupo pode levar a uma nova dramatização. Certa vez, em um encontro em que propus o “jogo do governo”<sup>76</sup>, os jovens rebelaram-se contra o tal governo autoritário, que definia as profissões que cada um deveria exercer na vida, oferecendo apenas uma única oportunidade para pleitear uma mudança de atividade profissional e, ainda assim, sendo necessário passar por um julgamento.

A partir dessa situação experimentada no grupo, naturalmente, surgiu uma peça de teatro cuja narrativa completa encontra-se nos anexos com o título de “Liberdade X Autoritarismo” (p. 188). Nessa peça de teatro espontâneo deparamos com uma situação clara de competição quando os jovens dramatizam a disputa de candidatos à presidência do país. O debate político retrata relações tensas e conflitos ideológicos e de interesses. Notamos, igualmente, um desconforto em relação a ações autoritárias, impostas, que tolhem a possibilidade de escolha e impõem um modo de viver. Contudo, ao longo dessa dramatização, o grupo também não conseguiu estabelecer um regime democrático e pudemos sentir a tensão sempre presente entre atitudes autoritárias e violentas e a busca de maior liberdade, de possibilidade de diálogo e expressão pessoal.

---

<sup>76</sup> Nessa atividade proposta por Bock (2002), convidamos os jovens a se imaginarem em uma sociedade em que o governo determina a ocupação das pessoas oferecendo possibilidade de mudar de profissão uma vez por ano diante de um tribunal constituído pelos demais participantes do grupo. Essa situação pode ser dramatizada no grupo, tendo aquele que solicitou a mudança de profissão explicar o porquê de sua decisão, respondendo às perguntas dos colegas.

Presenciamos ainda, nessa peça, o assassinato de um dos candidatos pelo seu oponente. Essa ação lembra a “Morte no museu<sup>77</sup>”, quando a artista plástica foi apunhalada pelas costas pelo crítico de arte. Esses movimentos dos jovens podem ser entendidos como expressão de vitalidade e mobilidade<sup>78</sup>. No entanto, em algumas peças, impressiona a violência e a falta de escrúpulos levando-nos a pensar em questões existenciais e angústias profundas sendo expressas, que quando encontram oportunidade e expressão, trazem um alívio grande e liberam os jovens para novas experiências, resgatando a vitalidade e a criatividade.

Observamos que, mesmo apresentando cenas fortes de assassinatos, seqüestros e roubos, esses episódios acontecem em meio a muita vivacidade e descontração, evidenciando a satisfação dos jovens em encontrarem uma oportunidade para viver esses confrontos. Vemos, nesses momentos, o quanto essa proposta de uso do teatro espontâneo numa perspectiva winnicottiana pode ser fecunda, ocasionando momentos valiosos de liberdade e expressão em que se pode brincar de ser assassino, ladrão, terrorista, reforçando a confiança em si e no ambiente.

Assim como no Jogo de Rabiscos, os procedimentos dialógico-transicionais que propomos nunca acontecem do mesmo modo nos diferentes grupos, segundo um modelo padronizado, pois, cada grupo de jovens traz

---

<sup>77</sup> A narrativa completa dessa dramatização encontra-se na página 181.

<sup>78</sup> Para Winnicott (1950/2000), a agressividade está intimamente relacionada à possibilidade de ação e à necessidade de encontrar algo que propicie o desenvolvimento pessoal. Diferentemente, em um referencial freudiano ou kleiniano, a agressividade se refere a energias pulsionais intrínsecas ou a conteúdos internos irrompendo sem controle.

situações particulares, novas, eventualmente inesperadas e surpreendentes. Portanto, cada encontro é único, sendo necessárias sensibilidade e abertura para acolher o que surge no grupo e, também, mobilidade para, eventualmente, alterar a atividade proposta ou sugerir novo procedimento, de modo a sustentar a continuidade da experiência vivida no grupo. Como no Jogo de Rabiscos, o uso do teatro espontâneo e de outras brincadeiras, do modo como temos empregado, subentende a sustentação<sup>79</sup>, que oferece condições para que o jovem "... retome seu potencial criativo e espontâneo, dando um sentido único e verdadeiro à sua existência" (Aiello-Vaisberg, 2004a, p.30).

Temos empregado o termo encontro para melhor transmitir essa qualidade de abertura para o outro, numa relação inter-humana e de possibilidade de comunicação emocional, que caracterizam nossos atendimentos. No entanto, talvez essa idéia de encontro mereça um olhar mais minucioso.

Moreno (1975) desenvolveu um conceito de encontro vinculado à possibilidade de viver uma experiência télica. Segundo ele, numa relação télica haveria uma percepção<sup>80</sup> mútua profunda, livre de projeções pessoais, em que a comunicação fluiria sem distorções.

---

<sup>79</sup> Aiello-Vaisberg (2004a) esclarece que a sustentação não é algo de comportamental. "O sustentar, enquanto fenômeno existencial que designa o encontro humano singular e autêntico, pode presentificar-se de muitas e diferentes maneiras, que podem incluir a conversa, o silêncio, o olhar, etc." (Aiello-Vaisberg, 2004a, p.58).

<sup>80</sup> Do ponto de vista moreniano, essa percepção télica se daria de forma objetiva diante do que acontece e do que se desenrola entre as pessoas, deixando transparecer a influência do pensamento positivista predominante na época, em que se considera sujeito e objeto separados.

Freud (1980) entendia que o analista deveria buscar estado semelhante, desenvolvendo uma atenção flutuante, mantendo-se livre de concepções teóricas e de pensamentos, em um estado vazio de si que lhe permitiria estar mais próximo do paciente e aberto ao que este trazia nas sessões. Enquanto o analista buscava manter esse estado, ao paciente era pedido que associasse livremente, deixando fluir os pensamentos, as imagens que eventualmente surgissem, as idéias, os sentimentos. O trabalho terapêutico acontecia, então, focalizando os movimentos transferenciais<sup>81</sup> do paciente, que faziam alusão a aspectos inconscientes, não resolvidos, que estariam sendo reeditados no *setting* terapêutico, na presença do analista.

Essas descobertas de Freud continuam sendo muito valiosas na clínica contemporânea. No entanto, percebemos em Winnicott (1955) um modo diferente de entender a transferência, relacionando-a à possibilidade de acontecer na presença de um outro, de realizar o seu potencial pessoal, remetendo a uma experiência em que seja possível viver o que ainda não foi vivido e entrar em contato com aquilo que já estava presente enquanto possibilidade para acontecer, aguardando oportunidade para aparecer no mundo.

Nas *Consultas Terapêuticas na Clínica Infantil*, Winnicott (1971) relata diversos atendimentos durante os quais, por meio do uso do Jogo de Rabiscos, estabelecia um ambiente lúdico de comunicação com os seus pacientes.

---

<sup>81</sup> Para Moreno (1975), a transferência subentende projeção pessoal, o que impediria o estabelecimento de uma relação télica, de comunicação verdadeira, impedindo o encontro e caracterizando-se como patologia.

Conversava através do desenho, criando uma relação muito próxima e afinada, em que os temas que apareciam na sessão eram tratados transicionalmente, ocasionando surpresa e integração de aspectos pessoais ainda dissociados.

Esse modo de estar junto na sessão parece, de certa forma, aproximar-se dos conceitos morenianos de tele e encontro, revelando, diferentemente de Moreno, uma inspiração fenomenológica.

Nos atendimentos com a mala, adotamos como paradigma o Jogo de Rabiscos e, por meio do brincar proposto no grupo, observamos esses estados de proximidade e de comunicação que encontramos nas consultas terapêuticas de Winnicott (1971). Em um ambiente humano, no qual o que se cria e encontra é sentido como algo que acontece naquele momento, para o grupo em questão, temos a possibilidade de encontro, remetendo a uma vivência na qual o brincar flui de forma mais livre e espontânea, oferecendo condições para o estabelecimento de uma comunicação muito próxima.

No contexto da busca de uma definição acerca da profissão a seguir, essa proposta de atendimento clínico, usando o teatro espontâneo em uma perspectiva winnicottiana, contribui para que os jovens alcancem uma condição emocional a partir da qual se sintam capazes e motivados para criar e encontrar possibilidades diante de momentos de escolha, de crise, de ruptura e desafio, sem por isso ficarem paralisados ou recorrerem a ações *falso self*.

## **O acontecer clínico**

Para investigar a potencialidade mutativa desse enquadre clínico diferenciado, que se baseia em um brincar de dramatizar com uma materialidade *formless*, em ambiente de *holding*, apresentamos aqui as narrativas de algumas peças de teatro espontâneo, criadas por um mesmo grupo de sete jovens de classe média da cidade de São Paulo, em processo de escolha profissional. O atendimento se deu em cinco encontros de aproximadamente três horas de duração cada<sup>82</sup> e aconteceu em ambiente de consultório, em um período de duas semanas.

Ao longo desses encontros foram criadas no grupo quatro dramatizações denominadas: “Uma convidada inesperada” (primeira sessão), “Entre livros e chocolates” (segunda sessão), “Reconhecendo limitações” (quarta sessão) e “Tudo por dinheiro” (quinta sessão). As narrativas são apresentadas a seguir na mesma seqüência em que foram produzidas no grupo, de modo a permitir acompanhar o movimento dos jovens ao longo do atendimento. As dramatizações, no entanto, não correspondem a atendimentos realizados imediatamente um após o outro. Posteriormente, as narrativas serão analisadas no sentido de identificar campos psicológicos vivenciais não conscientes que remetem à questão da escolha profissional, ao contexto vivido.

---

<sup>82</sup> Encontramos em Carvalho (1995) a proposta de atendimento em cinco sessões grupais de três horas de duração, que adotei para este grupo. Não necessariamente sigo sempre esse mesmo modelo de atendimento, ficando aberta a outras possibilidades de organização do número e da duração das sessões grupais. Por exemplo, em um atendimento em uma escola particular da cidade de São Paulo, foram realizados 16 encontros grupais com uma hora de duração cada.

Durante o atendimento, aconteceram conversas e também propus diversos procedimentos brincantes seguindo o espírito do uso paradigmático do jogo do rabisco, estando, no entanto, sempre pronta a aceitar outras sugestões vindas dos jovens. Nunca sigo um roteiro pré-fixado, mas proponho ou deixo emergir propostas de atividades de acordo com o acontecer grupal. Embora também participe nesses outros procedimentos brincantes com o meu “rabisco” pessoal, estando presente não apenas como pessoa, mas como materialidade, procuro deixar clara a proposta de possibilidade de dramatização e de uso da materialidade mala a qualquer instante de nossos encontros. A mala fica sempre à disposição dos jovens, sem que, no entanto, sejam constrangidos a brincar de dramatizar, assim como, do mesmo modo, o paciente winnicottiano jamais era constrangido a brincar do jeito de Winnicott.

Seguem, então, essas quatro narrativas das peças criadas por esse grupo de jovens.

## **Uma convidada inesperada**

*Um empresário multibilionário conta que foi mendigo e que, para chegar aonde chegou, teve que roubar muito, assaltou bancos. Ao seu lado, uma empresária rica e perua diz que trabalhou muito na vida montando sua empresa de aplicações financeiras. Sua filha apresenta-se como estilista pessoal, que acompanha clientes ao shopping, ajudando a escolher e comprar roupas. A*

*moça explica que cobra bem caro pelo serviço, uma porcentagem de trinta por cento sobre tudo que é gasto. Aparece também em cena um cowboy também muito rico, dono de fazendas no Texas. Tudo que ele tem veio de heranças, e o que gosta mesmo de fazer é curtir o seu cigarro, beber o seu whisky e ficar observando do terraço de sua mansão as suas cabeças de gado.*

*Estamos todos no casamento do empresário multibilionário. A estilista pessoal e sua mãe criticam o vestido da noiva, que acham brega, mas o noivo não se importa com os comentários e parece feliz. A noiva o ajuda a arrumar a sua gravata. Surge na festa uma conversa sobre gente que enriqueceu roubando, trapaceando, lembram episódios de políticos e banqueiros desonestos.*

*No meio dos convidados, um espectro apresenta-se como sendo o cavaleiro negro do senhor dos anéis. Ele quer roubar o anel da noiva, pois, com ele, conseguirá poder, riqueza e tudo o que quiser. O cavalo que o espectro usa foi comprado do cowboy, que se gaba por ter os melhores cavalos do mundo. O espectro, usando uma capa preta, que o cobria por completo, deixando apenas aparecer os olhos, acompanhou toda a festa como um encosto silencioso e atento a todos os movimentos.*

*Apareceu, também, uma jovem penetra, que veio porque soube que teria comida e bebida boa na festa. Mas a empresária e sua filha insinuam que a comida não está tão boa e acham que alguém deveria ter um chique diante de tal comida pouco fina. As duas voltam a falar do véu da noiva démodé. O noivo desaprova os comentários das duas mulheres e chama o segurança,*

*ameaçando expulsá-las da festa. A tal perua acaba se acalmando, pois não quer aparecer na coluna social criando caso em festa.*



*Entra na festa uma mendiga mal vestida e encurvada. O noivo olha para ela e diz: “mamãe... oh!, mamãe, venha cá”. O noivo abraça a senhora e a apresenta a seus convidados.*

*A mulher, um pouco assustada diante da recepção inesperada, diz que tem fome. A turma fica paralisada, ninguém mostra sinal de qualquer iniciativa. A mulher volta a falar de sua fome, insiste que está com muita fome. A empresária aproxima-se dela e diz que vai fazer uma caridade e lhe dá alguns trocados. A mendiga explica que tem filhos, a empresária dá mais algum dinheiro, a mendiga agarra-se ao braço da empresária, que meio sem graça resolve levá-la para sua casa. Mas a filha da empresária fica brava e diz que, se a mãe levar a mendiga para casa, ela vai embora. A mãe tenta argumentar junto à filha.*

*O cowboy acha que a festa virou bagunça, os convidados se dispersam, decidem que cada um tem que voltar para a sua casa, e a mendiga vai mesmo voltar para a esquina da Henrique Schaumann, onde costuma pedir esmola.*

## **Entre livros e chocolates**

*Uma das jovens diz que montou uma empresa de chocolates e resolve contratar uma firma de marketing para melhorar as vendas de seus produtos. Enquanto ela e um agente de propaganda conversam, outro jovem apresenta-se como excelente vendedor de uma rede de livrarias. O vendedor conversa*

*com uma cliente, que por sua vez trabalha com mercado de ações. Ela explica que compra e vende ações na bolsa de valores. A cliente fica sabendo que a livraria vai muito bem, tem crescido muito, então, sugere à dona da livraria lançar no mercado ações da livraria. A dona da rede de livrarias responde que vai avaliar a proposta, pois sente que pode ser interessante.*

*O vendedor resolve mudar de emprego e vai trabalhar na empresa de chocolates. Entre as novas campanhas para aumentar as vendas dos chocolates, sugerem divulgar um anúncio em revista com uma etiqueta com cheiro de chocolate. Diante dessa idéia de um dos colegas, o empresário de marketing diz que, no trabalho dele, ele rouba a idéias dos outros. Resolvem distribuir amostras de chocolates em alguns pontos da cidade. Todos parecem gostar dessa idéia, pensam em distribuir nos supermercados, na frente de escolas. O vendedor sai então para distribuir chocolates na frente de um dos supermercados Pão de Açúcar.*

*Nesse meio tempo, a dona da livraria vai às compras com uma amiga e dá de cara com o vendedor distribuindo chocolates. Ela o reconhece e pergunta o que ele faz ali. Ele explica que agora trabalha em outra empresa. A dona da rede de livrarias ressent-se por ele ter largado o serviço, ter saído da empresa sem avisar, ter mudado de emprego sem comunicar nada... Mas o vendedor reclama que não recebeu o salário devido, nem o décimo terceiro salário e nem comissões a que tinha direito. Ele diz ainda que a livraria está crescendo muito e que só ele trabalhava, fazendo de tudo, desde cuidar do estoque até das*

*vendas. A discussão fica acalorada, todos dão palpites, uns acusando o vendedor e outros defendendo-o.*

*A coisa vai parar no tribunal. Aparece um advogado para defender o vendedor, mas ele já chega tentando oferecer alguma grana de suborno para resolver a situação do cliente dele. Dão risadas e a discussão continua. As alegações são contraditórias. A acionista da livraria, então cliente da livraria, acusa o vendedor de roubo, de abandono do trabalho; dizem também que ele teria depredado as dependências da livraria, acusam-no por desonestidade, por não ter cumprido o aviso prévio... Ao mesmo tempo, dizem que querem o vendedor de volta, pois ele era mesmo um bom vendedor, vendia muito.*

*Mas a dona da fábrica de chocolates também quer o vendedor trabalhando em sua equipe de vendas. Uma das jovens, que diz trabalhar na administração da fábrica de chocolates, observa que os representantes da rede de livrarias, ao mesmo tempo em que acusam o vendedor, também o querem de volta. Ela acha isso muito estranho e se pergunta por que o querem de volta se ele foi assim tão mau funcionário.*

*A essas alturas, surge um juiz, que também não consegue resolver o impasse. Ele propunha a condenação do réu, mas o grupo nem ligou para o veredicto dado e a discussão continuou. Entra em cena um segundo juiz para substituir o anterior, que acusam de ter um caso com a dona da fábrica de chocolates. As acusações continuam, dizem agora que o vendedor teria sumido com setenta e cinco livros. Este novo juiz também não consegue resolver a situação, pois a cada momento surgem mais argumentos contra o vendedor.*

*Não se sabe mais ao certo o que está sendo julgado, se o roubo, a mudança de empresa, o porquê da mudança, o vendedor.*



*O próprio vendedor assume ter levado os livros; ele explica que pegou os livros porque precisava de grana para ajudar a pagar o tratamento da mulher que estava doente e que acabou morrendo. Ele ressenete-se da empresa onde trabalhava, a rede de livrarias, por não oferecer aos seus funcionários um plano*

*de saúde. Ele conta que sua mulher acabou morrendo por falta de atendimento. Como ele não tinha auxílio saúde, ela não foi atendida nos hospitais e ele não teve como cuidar dela, pois não tinha dinheiro para pagar os tratamentos necessários. Para levantar alguma grana, ele pegou alguns livros. Mas, infelizmente, a esposa acabou morrendo mesmo assim.*

*A dona da livraria, surpresa e sensibilizada ao ouvir tal depoimento, diz que ele deveria ter ido conversar com ela, deveria ter explicado a situação e pergunta por que ele não foi falar com ela. Ela diz que o teria ajudado, teria dado algum adiantamento, teria dado o que ele precisasse para ajudar no tratamento da esposa.*

*Chegam à conclusão que o vendedor é um cara legal, além de excelente vendedor. A dona da fábrica de chocolates sugere que o vendedor trabalhe no período da manhã na livraria até vender os tais setenta e cinco livros que deve à livraria e que, à tarde, trabalhe vendendo chocolates. Mas ela esclarece que, como ele vai trabalhar somente meio período para ela, ele também vai receber metade do salário. O vendedor diz que vai ser fácil vender esses livros, pois ele vendia essa quantidade de livros por dia, portanto, em duas manhãs ele terá vendido os setenta e cinco livros! Depois de acertada a situação com a livraria, o vendedor passaria a trabalhar na venda dos chocolates por período integral, recebendo o salário integral também. Quanto ao dinheiro que o vendedor deveria receber da livraria, assim que ele cumprisse seu trabalho de vender os setenta e cinco livros, ele receberia o seu décimo terceiro salário e tudo o mais que lhe devem.*

## Reconhecendo limitações

*Um rapaz se diz dentista e atende a sua cliente sentada na poltrona reclinável de seu consultório. Ele descuidadamente fura o canal de sua cliente e se justifica dizendo que a cliente é uma chata e que, para atendê-la, precisa amarrar uma de suas mãos, que ele não controla, para não fazer bobagem. Ele também conta que sente que está ficando depressivo e que precisa de um médico.*



*Ao seu lado, uma jovem surda diz que foi trabalhar em uma relojoaria. Ela não se incomoda com o barulho das máquinas e conta que tem precisão no olhar, o que a ajuda em seu trabalho. Ela pensa em amputar um de seus braços e colocar um braço mecânico para poder trabalhar melhor. Outra jovem se diz cega, ela vai trabalhar em uma rádio, pois sua voz é muito sedutora. Ela também digita em braile, mas acaba trabalhando de recepcionista em uma clínica de estética.*

*Aparece uma mulher que se diz louca. Ela já tomou remédios e ficou boa, mas sente que pode ter recaídas e que não é confiável para ajudar a cuidar dos outros. Temos também um ET e um jovem que conta que não tem*

*braços. Este último toca bateria amarrando as palhetas no coto que lhe sobra dos braços.*

## **Tudo por dinheiro**

*Surge um casal de namorados, ele é um jogador de futebol que dizem ser meio bobo, embora famoso, e ela é uma cantora falida interessada no dinheiro dele. A cantora sai com um grupo de aventureiros, cai em uma pedra e é salva por um dos aventureiros. A moça se apaixona pelo jovem que a salvou. No fundo, ela se ressentida de não receber atenção do jogador de futebol, mas gosta do dinheiro dele.*

*No salão de cabeleireiros, a fofoca do novo romance da cantora se espalha, e o jogador não toma nenhuma atitude, ele está mais ligado no futebol. A cantora, por sua vez, processa o ex-namorado jogador de futebol por perdas e danos morais, acusando-o de promover as fofocas. Em função dessas fofocas, sua imagem ficou abalada e ela perdeu dinheiro com isso. O jogador de futebol pensa em dar o dinheiro e sumir nas montanhas, mas o grupo ficou muito incomodado com essa forma de lidar com a situação.*

*A discussão vai para o Programa do Ratinho<sup>83</sup> e todos aparecem em entrevista na televisão, trocando acusações, conjecturando acerca do que é ou*

---

<sup>83</sup> Programa de televisão que apresenta ao público casos polêmicos que geram muita briga e discussão.

*não para ser pago à cantora, ninguém se entende, todos falam ao mesmo tempo, uma gritaria...*



*O jogador começa a pensar e resolve deixar de ser bobo. Ele decide conversar com o seu amigo Silvio Santos para lhe pedir para convidar a sua ex-namorada a participar do programa Casa dos Artistas<sup>84</sup>. Ele explica que sabe que todo mundo que aparece nesse programa depois desaparece, some da mídia. Segundo ele, quem não tem conteúdo desaparece. Isso feito, ele retoma o futebol, vai jogar nos Estados Unidos e na Europa, enquanto a moça cantora e oportunista acaba caindo mesmo no esquecimento.*

<sup>84</sup> Programa em que diversas pessoas são convidadas a conviver por um certo período de tempo sem contato com o mundo exterior, enquanto que os telespectadores acompanham o que acontece na casa onde estão.

## **Revisitando o acontecer clínico**

Neste capítulo apresentamos uma reflexão teórico-clínica realizada a partir das quatro narrativas de peças de teatro espontâneo criadas por esse grupo de sete jovens em processo de definição profissional.

Relembrando que o interesse desta pesquisa é investigar a potencialidade mutativa do enquadre “Ser e Fazer na escolha profissional”, retomamos a leitura das narrativas acima buscando evidências de experiências transformadoras, que, na perspectiva winnicottiana, acontecem no sentido de superação de dissociações e do distanciamento de si.

Na companhia de Bleger (1963/1989), buscamos identificar campos psicológicos vivenciais não conscientes, que remetem a determinantes lógico-emocionais, a partir dos quais os dramas encenados pelos jovens foram criados e encontrados. Entendemos que, em alguns dos momentos em que identificamos mudanças no campo do acontecer dramático, podemos reconhecer movimentos dos jovens que sugerem integração pessoal e busca de ação mais espontânea no mundo.

No contato com as narrativas das peças de teatro espontâneo, identificamos quatro campos que aqui denominamos: “Miséria e riqueza”, “Desonestidade e oportunismo”, “Fragilidade e sofrimento”, “Realização pessoal”. Sabemos, no entanto, que qualquer aproximação desse material não consegue dar conta da riqueza e da complexidade dos momentos vividos nos grupos, oferecendo oportunidade de criar e encontrar diversas outras leituras

possíveis a partir das peças que apresentamos em forma de narrativas psicanalíticas. Para facilitar, exibimos abaixo um quadro com o nome das peças, quando foram encenadas e quais campos encontramos de modo mais evidente em cada uma delas.

NOME DA PEÇA	SESSÃO NA QUAL FOI ENCENADA	CAMPOS SUBJACENTES
Uma convidada inesperada	1ª sessão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Miséria e riqueza</li> <li>- Desonestidade e oportunismo</li> </ul>
Entre livros e chocolates	2ª sessão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desonestidade e oportunismo</li> <li>- Fragilidade e sofrimento</li> <li>- Realização pessoal</li> </ul>
Reconhecendo limitações	4ª sessão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fragilidade e sofrimento</li> </ul>
Tudo por dinheiro	5ª sessão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fragilidade e sofrimento</li> <li>- Realização pessoal</li> </ul>

Por sua própria natureza, o acontecer clínico não é uma "coisa" passível de ser capturada e aprisionada em espaços ou tempos absolutamente delimitados e estanques. Entretanto, tendo em vista atender à necessidade humana de localização na complexidade constituída pelas narrativas apresentadas e pelas análises empreendidas, oferecemos o quadro acima, recomendando um uso prudente. Lembramos, entretanto, que assim como

permanecem vestígios das peças já encenadas na memória do grupo, outras, por inventar, talvez já pré-existam, de algum modo, no imaginário dele. Na mesma linha, provavelmente os campos apreendidos ganham e perdem pregnância ao longo dos encontros.

## **Miséria e riqueza**

Constatamos nessas peças um primeiro campo psicológico-vivencial que denominamos “Miséria e riqueza”, que se organiza a partir da crença de que escapar da miséria e ficar rico é condição essencial para uma vida respeitável.

Esse campo aponta para uma preocupação desses jovens em obter sucesso financeiro a qualquer custo e, ao mesmo tempo, evidencia um forte receio de algum dia virem a se perceber mendigos. Aparentemente, no universo desses adolescentes, miséria e riqueza são compreendidas como fatores indicativos de fracasso ou de sucesso pessoal, remetendo diretamente à capacidade de cada um de conseguir ou não alcançar um padrão financeiro elevado e socialmente valorizado. Segundo essa perspectiva, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso financeiro recai sobre cada um isoladamente, aproximando o processo de definição e inserção no mundo profissional a uma verdadeira prova de fogo, em que as qualidades e capacidades dos jovens parecem “em xeque”, podendo ocasionar sentimentos

de desvalorização e inadequação diante de dificuldades e de projetos malsucedidos.

Essa cobrança pessoal em relação ao êxito financeiro nos faz pensar em uma visão restrita e individualista do viver, que desconsidera a multiplicidade de fatores que influenciam as situações experimentadas no dia-a-dia. Aparentemente, a interdependência e inter-relação essencial fundamental que faz da humanidade uma unidade em constante transformação não é vislumbrada, pois nesse campo afetivo-emocional cada um vive fechado em si mesmo, voltado para “o próprio umbigo”, ocupado em tentar garantir seus interesses em um ambiente contemporâneo marcado pelo dinamismo e pela instabilidade.

Em “Uma convidada inesperada” os jovens trazem em cena um mundo endinheirado, com pessoas muito ricas e supostamente bem sucedidas, que contrasta com a figura da mendiga. Notamos que essa personagem causou desconforto no grupo, alguns a acolheram bem, como a “perua” que até pensou em levar a mendiga para casa, afinal esta era a mãe do noivo. Mas outros diziam que a festa tinha virado uma bagunça e, finalmente, acabaram encerrando a dramatização com cada um voltando para o seu canto<sup>85</sup>.

Tal contraste entre diferentes condições financeiras também aparece na peça “Entre livros e chocolates”, na figura do vendedor que busca trabalho com melhor remuneração e para quem o décimo terceiro salário e as comissões

---

<sup>85</sup> Interessante lembrar que também encontramos mendigos em outras dramatizações, em outros grupos, como, por exemplo, nas narrativas apresentadas nas páginas 09 e 100, remetendo, em muitos casos, a esse medo de perceber-se nessa condição.

fazem muita diferença, contrapondo-se às personagens das empresárias. Deparamos aqui com a dura realidade de muitos brasileiros, que enfrentam dificuldades financeiras que lhes impossibilitam receber um atendimento de saúde satisfatório.

As empresárias disputavam o bom vendedor, enquanto este, na intimidade de sua família, sofria a perda da esposa por falta de poder aquisitivo e de atendimento adequado. Nesse episódio, o grupo parece sensível às dificuldades experimentadas por muitos brasileiros no dia-a-dia, como, por exemplo, quando têm de depender de serviços públicos de baixa qualidade, trazendo em cena um olhar voltado para os outros, que contrasta com comportamentos individualistas observados acima.

Talvez pelo fato de reconhecerem essas dificuldades vividas por grande parte da população, esses jovens se sintam, em alguns momentos, atravessados por sentimentos como o de querer se virar da melhor forma possível para evitar tal condição para si, aproximando-se do registro do “salve-se quem puder”, do “cada um por si”. Ou talvez os jovens que participaram desse grupo também se percebam com hábitos dispendiosos, tendo, então, de ganhar um bom dinheiro para poder continuar mantendo o mesmo padrão econômico oferecido pelos pais até então.

Entretanto, é curioso observar como esses jovens, oriundos de famílias bem estabelecidas do ponto de vista financeiro, mostram-se tão receosos quanto à possibilidade de ficarem sem dinheiro. Aparentemente, reconhecem sua própria fragilidade diante de um futuro que lhes é desconhecido e incerto,

no qual ronda sempre a possibilidade de virem a se encontrar em situação semelhante à do vendedor de livros e chocolates. Levando em conta o momento em que se encontram, de transição para a vida adulta e de inserção no mundo do trabalho, é, no entanto, lícito pensar que a preocupação em conseguir manter-se financeiramente e constituir um patrimônio remeta a sentimentos relacionados ao desejo de alcançar independência e êxito na consolidação de um bom padrão de vida.

A angústia derivada do ter de ganhar dinheiro a qualquer custo, que aparece de modo mais evidente e forte na primeira peça apresentada, leva-nos a refletir acerca do que a geração dos pais e a sociedade contemporânea estão conseguindo passar para os jovens. Enquanto nos preocupamos em promover uma trajetória profissional que possa acontecer como gesto espontâneo, parece que esses jovens estão falando em medo da miséria e em busca de enriquecimento a qualquer custo, não importando o caminho escolhido para alcançar tal objetivo, mesmo que isso possa significar trilhar um caminho profissional que não necessariamente esteja afinado com interesses pessoais verdadeiros.

Embora a preocupação com o êxito financeiro não seja em si mesma algo que conduza à busca de opções de ocupações *false self*, observamos na peça “Uma convidada inesperada” a tendência a considerar que a realização profissional corresponde tão somente à obtenção do sucesso financeiro. Isso parece indicar uma evidente desvalorização dos interesses pessoais como critério para a escolha profissional. Esses jovens, vindos de escolas

particulares, mostram-se aparentemente pouco livres para escolher, convidando-nos a nos perguntar se de fato podem escolher e sugerindo que essa necessidade tão evidente de enriquecimento talvez esteja relacionada ao receio de se enxergarem em desamparo, este último associado à dependência do adulto.

## **Desonestidade e oportunismo**

O campo psicológico-vivencial, que identificamos como “Desonestidade e oportunismo”, articula-se a partir da crença de que, para ser bem sucedido, para se crescer financeiramente e até profissionalmente, a regra é ser esperto, oportunista. É bom aquele que rouba, trapaceia, que é malandro.

Esse campo apresenta-nos um cenário em que as pessoas buscam sempre o benefício próprio em detrimento de outros, envolvem-se em relações pouco éticas no intuito de ganhar mais dinheiro e sempre levar vantagem em tudo. Entramos aqui no mundo da competição acirrada da busca de poder e riqueza a qualquer custo, que observamos em diversas peças de teatro espontâneo apresentadas ao longo deste trabalho<sup>86</sup>, e que parece ganhar tamanha importância a ponto de permitir que um verdadeiro “vale tudo” seja a lei.

---

<sup>86</sup> Podemos aqui lembrar das personagens do empresário rico e maldoso do programa Silvio Santos (p. 120), do candidato envolvido no caso da bolsinha de dólares (p.188) e do alpinista dissimulado mancomunado com o detetive oportunista (p. 100), que também fazem alusão a esse lado sombrio e desonesto e que encontramos em peças criadas por outros grupos.

A ocorrência desse campo é preocupante, na medida em que sinaliza a vigência de um regime moral frouxo e distanciado de perspectivas éticas de respeito à alteridade. Essas dramatizações nos fazem pensar na decadência das instituições, na falta de referências claras de moralidade, remetendo à sociedade atual, na qual convivemos com situações semelhantes às apresentadas pelos jovens em suas peças de teatro espontâneo. Torna-se, no entanto, urgente perguntarmo-nos acerca da influência, na vida dos jovens e da população de modo geral, dessas histórias amplamente divulgadas pela mídia, delatando pessoas que enriqueceram ilicitamente.

Em que medida a nossa sociedade da informação tem contribuído para criar esse tipo de imaginário coletivo, de que “vence na vida, é bom, aquele que rouba, trapaceia, é malandro...”, dando a entender que, para se alcançar sucesso financeiro e, como vimos no campo anterior, talvez pessoal, seja necessário ser desonesto, competitivo, focado apenas em si?

Esse campo nos dá indicações acerca de como esses jovens sentem as relações estabelecidas entre as pessoas no ambiente em que vivem. Vemos isso na apresentação de personagens desonestas, superficiais e fúteis, que encontramos nas figuras da estilista particular que se aproveitava das clientes, das empresárias peruas criticando o vestido da noiva e a comida da festa que consideravam “pouco finas” ou na figura das fofoqueiras no cabeleireiro falando da vida alheia. Temos, também, aqueles que não trabalham muito, como o empresário multibilionário, que ganhou dinheiro roubando e o *cowboy* que herdou a sua fortuna sem ter que trabalhar e que gosta de tomar o seu *whisky*

enquanto observa seu patrimônio. Lembramos, também, da ex-namorada do jogador de futebol. Surpreende aqui o modo como essas personagens enriqueceram, seja roubando ou sem ter de trabalhar muito. Fica a impressão de um ambiente marcado por sentimentos de inveja, competição, arrogância, que nos convida a rever em que medida nosso ambiente contemporâneo tem permitido esse tipo de comportamento e levado esses adolescentes a pensarem tanto em dinheiro.

Nessa nossa sociedade da informação, em que todo tipo de assunto é muito ventilado, talvez valha a pena nos perguntarmos se nossas crianças estão mesmo se beneficiando com tudo isso, se não estariam perdendo um pouco da ingenuidade, da pureza, da espontaneidade dos primeiros anos de vida, afastando-se muito precocemente de um mundo mais protegido do brincar, da fantasia e imaginação.

Na peça “Entre livro e chocolates” encontramos um publicitário que rouba idéias, um advogado que tenta passar propina e um juiz mancomunado com a dona da fábrica de chocolates, retomando a idéia de relações meio obscuras e interesseiras permeando o viver no mundo contemporâneo. Presenciamos, ainda nessa mesma peça, a disputa pelo bom funcionário. Mas notamos que, no final da história, o vendedor tem de trabalhar duro para compensar as perdas na livraria, para só depois disso poder receber o que lhe é devido, ou seja, aquilo a que já tinha direito. Combinam que vai receber salário justo, em função do tempo que ele trabalhar. Mesmo sendo um excelente funcionário, ninguém pensou em lhe oferecer alguma vantagem ou procurou facilitar a sua

situação no tribunal. Ao contrário, o veredicto dos juízes pendia sempre contra ele. Surpreende perceber que, no final dessa dramatização, o bom vendedor vira réu e é obrigado a pagar dívidas e trabalhar dobrado. O esforço, o trabalho responsável e apaixonado aparecem aqui na figura de um sujeito que até parece meio ingênuo, deixando a sua vitalidade ser roubada por empresárias que o querem apenas para garantir o cumprimento de suas metas empresariais.

Esse predomínio de interesses particulares em detrimento de outros e do coletivo sugere a existência de dois caminhos a seguir: o do bem, do correto, do trabalho honesto e respeitável, e o do “salve-se quem puder”, da desonestidade, das propinas, dos jogos de interesses. Reconhecemos nas peças essa tensão entre bem e mal, entre ética e perversão, entre forças que, aparentemente, são consideradas boas e construtivas, contrapondo-se a outras obscuras e maléficas. Bem e mal parecem, eventualmente, confundirem-se, pois quem é mau também é bom e quem é bom pode ser mau em alguma outra situação, sugerindo um limite tênue entre esses dois pólos, revelando a dualidade na qual estamos envolvidos:

Na dramatização “Uma convidada inesperada”, encontramos no casamento do multibilionário a personagem do espectro, uma presença impactante que remete à idéia de “encosto” e assombração. Toda vestida de preto e com o rosto semiescondido, ela parece trazer em cena esse lado sombrio das relações humanas, quando o desejo de poder e de riqueza sufoca qualquer outra possibilidade de um viver mais harmonioso. Talvez, no fundo, os jovens estejam apresentando nessas dramatizações um questionamento acerca

do que de fato é bom ou é mau, investigando e perguntando-se que adulto querem ser e qual caminho pretendem seguir, se o caminho da desonestidade, do oportunismo malandro ou do trabalho dedicado e honesto que encontramos na figura do vendedor trabalhador.

## **Fragilidade e sofrimento**

O campo psicológico-vivencial, que chamamos de “Fragilidade e sofrimento”, organiza-se a partir da crença de que as contingências do mundo contemporâneo não permitem, ou dificultam, encontrar um viver criativo, transformador da condição vivida, levando as pessoas a trilharem uma vida *falso self*.

Nesse campo, encontramos sentimentos de impotência, despreparo e dúvida em relação às capacidades pessoais e às possibilidades de caminhos a seguir, podendo levar os jovens a experimentarem momentos de desamparo e de falta de ação, colocando em xeque projetos e sonhos de futuro. Considerando o contexto de busca de definição profissional, parece que o ambiente contemporâneo tende a exacerbar ainda mais esse tipo de sentimento, visto que apresenta um cenário de descontinuidade e agilidade que carece de referências claras, de instituições seguras e de oportunidades para se elaborar um sentido para a própria existência. Observamos pessoas se

sentindo sozinhas, mesmo quando rodeadas de outras, com dificuldade de encontrar um abrigo seguro, tendo de se virar por conta própria.

Esse campo coloca em evidência a fragilidade humana, que, diante de situações disruptivas, como, por exemplo, uma alteração climática mais marcante, uma falta de energia elétrica prolongada, a perda do emprego ou uma desvalorização descontrolada da moeda, sofre sérias conseqüências que podem até chegar a ameaçar o conforto alcançado ou mesmo a sobrevivência. Esse receio de sucumbir ao desconhecido, ao inesperado, coloca em pauta questões muito profundas acerca de quem somos, onde estamos, o que estamos fazendo no nosso dia-a-dia. Agarrar-se a uma idéia de si de sucesso, de poder e controle sobre as coisas que nos circundam talvez surja como um meio de aplacar sentimentos como de medo e de vulnerabilidade em face do desconhecido e inesperado, “varrendo para debaixo do tapete” questões que incomodam, assustam e se constituem como verdadeiros desafios para a humanidade, pois colocam em evidência a nossa pequenez diante do todo do qual somos apenas uma mínima parte infinitesimal.

Reconhecemos esse campo “Fragilidade e sofrimento” quando entramos em contato com personagens como a mendiga que passa fome ou como o vendedor que perdeu a sua esposa por falta de recursos financeiros para pagar o tratamento necessário. Também podemos pensar no jogador de futebol, considerado bobo e despreparado para lidar com situações desafiadoras, que ficou paralisado diante das ameaças de sua ex-namorada. Temos ainda o vendedor que acabou assumindo toda culpa diante do desentendimento

acontecido, sujeitando-se a trabalhar em dobro para resolver a situação. Aparentemente, tanto o jogador de futebol como o vendedor nos apresentam um modo quase que submisso de lidar com os impasses representados em cena, sugerindo tentativa de temporização e até ações *falso self*, abrindo mão de si no sentido de diminuir o desconforto sentido no grupo.

Em “Reconhecendo limitações” observamos o campo “Fragilidade e sofrimento” na figura de personagens debilitadas, doentes ou deficientes físicos, sugerindo sentimentos de incapacidade, despreparo e fragilidade. Encontramos um dentista que considera a sua cliente uma chata e que por isso precisa amarrar uma de suas mãos, que ele não consegue controlar, para não fazer bobagens, fazendo alusão a aspectos inconscientes ou fora de controle que podem interferir em sua atividade profissional. Temos, também, uma moça louca que precisa de cuidados, lembrando a namorada oportunista do jogador de futebol quando se apresenta como carente e em busca de alguém que lhe dê carinho e atenção. A loucura, aqui, talvez possa ser pensada como receio de eventualmente virem a se perceber pouco verdadeiros, distantes de um viver mais espontâneo e autêntico e aprisionados em um *falso self*, que ocasionaria uma vida marcada pelo tédio, pela falta de ação, pelo desânimo<sup>87</sup>.

Curioso observar como o grupo ficou paralisado diante dessas personagens debilitadas, ficando impossibilitado de seguir criando uma dramatização. No entanto, os jovens reconheceram a estranheza das personagens trazidas em cena, todas com limitações e envolvidas em

---

<sup>87</sup> Vale lembrar aqui a personagem “Cópia autenticada” (p.47), tolhida em sua possibilidade de expressão singular, sem existência própria e vivendo distante de si até que vem a morte.

atividades que não necessariamente seriam as mais adequadas às condições apresentadas por elas. A partir dessa experiência, puderam compartilhar sentimentos de insegurança e dúvida relacionados a esse momento de escolha profissional, ao mesmo tempo em que também observaram a capacidade de algumas dessas personagens de transcender as limitações vividas, encontrando em meio às dificuldades um modo de seguir fazendo o que gostam, como, por exemplo, o moço que tocava bateria amarrando a palhetas em seus cotos.

Podemos pensar que esses jovens talvez se sintam despreparados, em dúvida quanto às suas capacidades pessoais ou assustados diante do desafio de encontrar uma profissão que lhes agrade e de se inserir no mercado de trabalho. Também os acompanha o temor de, eventualmente, não conseguirem realizar suas potencialidades. A combinação desse tipo de personagem com representações nas quais o mundo aparece marcado pelo oportunismo, pela desonestidade e pela competição, leva-nos a cogitar sobre a possibilidade de relação entre esses dois tipos de concepções. Vale dizer sobre a possibilidade de o sentimento de despreparo ter como origem a percepção das dificuldades existentes em relações profissionais fundamentalmente competitivas. Podemos ainda nos perguntar que relação pode ter esse desânimo e essa falta de ação, que acometeu os jovens por um momento, com o panorama contemporâneo vivido.

Notamos que os jovens reconhecem as dificuldades e características do ambiente em que estão, mas talvez se sintam roubados em seus sonhos de

mudanças, percebendo-se incapazes, surdos, cegos ou mudos e com dificuldade de transformar as situações desafiadoras em momentos de presença, autenticidade e felicidade, sem com isso se tornarem desonestos, oportunistas, malandros, ladrões, terroristas...

## **Realização pessoal**

Esse último campo psicológico-vivencial que chamamos de “Realização pessoal” organiza-se a partir da crença de que é possível encontrar um trabalho que faça sentido e que traga alegria e satisfação.

Nesse campo, as personagens mostram-se felizes em suas atividades profissionais, envolvidas em suas tarefas, bem dispostas e interessadas no que estão fazendo. Aparentemente, os jovens vislumbram aqui a possibilidade de um trabalho afinado com seus interesses e singularidades, permitindo que se reconheçam na atividade realizada.

Encontramos nas peças criadas por esse grupo de jovens que participou da pesquisa o jogador de futebol apaixonado pela sua profissão e o vendedor de livros e chocolates, que, embora atravessado por dificuldades financeiras e doença na família, mostra-se orgulhoso e empolgado diante do trabalho que realiza. Temos ainda as empresárias da fábrica de chocolates e da livraria comprometidas em desenvolver suas empresas, sendo interessante notar a atividade desta última, que articula comércio e conhecimento, mostrando a

possibilidade de criar e encontrar atividades muito variadas, combinando interesses pessoais<sup>88</sup>.

As personagens relacionadas a esse campo “Realização pessoal” apresentam condições de vida muito diversas, pois algumas são ricas e famosas enquanto outras são mais sofridas e enfrentam dificuldades financeiras. No entanto, independentemente do dinheiro que cada uma delas tem, elas parecem felizes e satisfeitas em suas atividades diárias. Aparentemente, não encontramos aqui a equivalência entre realização profissional e sucesso financeiro sugerida no campo “Miséria e riqueza”, e que apareceu de forma muito forte na primeira peça, “Uma convidada inesperada”.

Esse campo faz alusão à possibilidade de um trabalho acontecendo como viver criativo, integrado ao ser, no qual o gesto se dá de forma espontânea, criando e encontrando aquilo que já estava lá para ser encontrado e que tem “a cara” daquele que o realiza. Os sentimentos que surgem nesse campo psicológico-vivencial da “Realização pessoal” parecem ser de confiança em si e no mundo, revelando um estado de ser mais tranqüilo e relaxado, a partir do qual os jovens arriscam seus movimentos de criação singular, inovando e abrindo novos horizontes diante do que se apresenta para eles. Encontramos aqui aquele engajamento tão buscado, pois reconhecemos um

---

<sup>88</sup> Retomando algumas peças apresentadas ao longo deste trabalho e criadas por outros grupos, também encontramos personagens que ilustram esse campo “Realização pessoal” como, por exemplo, o pedreiro feliz do programa Silvio Santos (p. 120), o engenheiro falando em entrevista a jornalistas a respeito de seus projetos e construções (p. 185) ou ainda a artista plástica orgulhosa de seus trabalhos (p. 181).

movimento pessoal em direção ao que interessa, encanta, enriquecendo a vida de sentido.

Esse campo nos faz lembrar da personagem Ana<sup>89</sup>, que buscava um viver que fizesse sentido para ela, que queria seguir uma carreira na qual pudesse sentir-se viva e real, próxima de si. Questões relacionadas à escolha de uma profissão e à possibilidade de realização pessoal, que carregam em si temas como a busca de autenticidade no viver, de contato consigo e procura de um “Ser e Fazer” no mundo de acordo com o que existe de mais sagrado e singular em si parecem se colocar de forma mais evidente na adolescência, no momento em que os jovens preparam-se para se inserir no mundo do trabalho. No entanto, notamos que essas preocupações de cunho existencial acompanham as pessoas ao longo de suas vidas, de forma mais ou menos intensa, dependendo de cada um e das situações que se apresentam, das escolhas que têm de fazer. A qualquer instante, podemos ser atravessados por pensamentos e sentimentos que revêem as escolhas feitas, que checam o quanto estamos ou não vivendo no ser, se nossas ações estão mesmo afinadas com o que sentimos existir de verdadeiro em nós.

Sendo assim, mais do que uma questão ligada à escolha de uma profissão, estamos diante de temas mais amplos, que ultrapassam o universo adolescente, fazendo alusão a uma condição existencial a partir da qual seja possível escolher, mantendo-se próximo de si e presente no viver, realizando o seu potencial pessoal.

---

<sup>89</sup> Encontramos essa personagem na narrativa que se encontra na página 17 e cuja dramatização foi criada por um grupo de jovens em ambiente de cursinho pré-vestibular.

Vale observar que o fato de se optar por um curso superior, ou uma carreira socialmente valorizada, não necessariamente significa uma ação autêntica do *self*. Às vezes, confundem-se aquisições sociais, tais como um bom emprego ou uma determinada formação superior, como sinal de bem-estar, de maturidade, de conquista de um estado de ser autêntico, centrado em si. No entanto, condutas muitas vezes compreendidas como adequadas podem, na verdade, ser sintomáticas, remetendo a ações *false self*, que ocasionam sentimentos de desconforto, inadequação, de afastamento de si, de falta de presença no viver.

O campo “Realização pessoal”, no conjunto das peças realizadas, parece, no entanto, ter ficado em último plano para os jovens. Aparentemente, eles estão bem mais preocupados com posição social, poder e dinheiro, demonstrando uma certa desesperança na possibilidade de expressão de suas potencialidades. Em sua tese de livre docência, investigando o imaginário de alunos de psicopatologia acerca da loucura, Aiello-Vaisberg (1999) observa fenômeno semelhante quando assinala uma íntima conexão entre a violência decorrente de desencontros e contrariedades da vida amorosa, ocasionando uma dramática fatalista que chega a incluir homicídios, apontando não apenas para uma desesperança, mas também para uma sensação de vazio e uma superficialidade no modo de encarar a vida e o mundo. Nas peças apresentadas ao longo deste trabalho, encontramos cenas de violência que

parecem diferir do que Winnicott (1950/2000)<sup>90</sup> falava a respeito da agressividade como expressão de vitalidade, sugerindo aqui uma relação entre essa violência observada em algumas dramatizações e sentimentos de desesperança, vazio e superficialidade, que assustam e desafiam a possibilidade de um viver mais harmonioso.

---

<sup>90</sup> Vale a pena lembrar que Winnicott abordou o tema da delinquência e da violência em um contexto histórico ligado à segunda guerra mundial. Pelo fato do autor não ter conhecido formas extremas e radicais de violência que parecem ter emergido mais recentemente, somos levados a considerar que sua teorização, que privilegia o aspecto vital da violência, faz sentido em certos contextos sócio-culturais, mas que talvez precise ser revista no mundo atual.

## **Potencialidade mutativa – Transição entre** **campos**

Notamos que, no fundo, todos os campos apresentados parecem inter-relacionados. A preocupação com o sucesso financeiro e o medo de se tornar um mendigo acirram sentimentos competitivos e individualistas, configurando o pano de fundo para ações oportunistas e desonestas. Ao mesmo tempo em que o mundo fica dividido entre boas e más ações, em que os jovens aproximam-se de diferentes possibilidades de ser e de estar no mundo, surge o sentimento de impotência e desânimo diante de um cenário contemporâneo que talvez roube dos jovens um pouco de sua vontade de mudanças, de seu ímpeto de inovação. No entanto, também notamos que a esperança da possibilidade de um viver mais harmonioso e feliz resiste às eventuais dificuldades e dúvidas encontradas no dia-a-dia, preservando a vitalidade dos jovens, acenando para a possibilidade de um viver criativo.

Os campos apresentados como achado a partir da experiência vivida com esses jovens já se constituem como uma pesquisa acerca do imaginário coletivo de adolescentes em processo de escolha profissional. No entanto, lembrando que o objetivo deste estudo é o de investigar a potencialidade mutativa do enquadre clínico diferenciado “Ser e Fazer na escolha profissional”, cabe verificar o quanto os adolescentes que participaram do estudo puderam ou não se beneficiar com mudanças de um ponto de vista afetivo-emocional,

contribuindo para a criação e o encontro de uma carreira que os agrade e faça sentido em suas vidas.

Para tanto, torna-se importante rever os movimentos dos jovens ao longo dessas dramatizações, identificando transformações nos campos observados. No contexto da escolha da profissão, entendemos que a experiência mutativa significa a saída de campos psicológicos fechados e restritivos e a conquista de campos que permitem escolhas condizentes com o gesto espontâneo, que sempre leva em conta o *self* e o mundo.

Chama a atenção na primeira peça, “Uma convidada inesperada”, o modo como os jovens trazem o contraste entre riqueza e pobreza. Predomina o campo “Miséria e riqueza”, revelando preocupação com o dinheiro e a vontade de enriquecer a qualquer custo. Ao longo dos encontros, e nas peças seguintes, notamos que esse campo reaparece, no entanto, de modo diferente visto que encontramos também o campo “Realização pessoal”, com personagens satisfeitas em seus trabalhos e não necessariamente em condição financeira confortável. De um campo onde a escolha profissional parecia limitada e relacionada a uma ação *falso self*, passamos para outro campo, da “Realização pessoal”, em que o trabalho surge como integrado ao viver criativo da pessoa que o realiza, sugerindo uma apropriação pessoal da própria existência.

Observamos essa possibilidade de gesto para além dos impasses vividos e trazidos em cena na última dramatização, quando o grupo procura criar e encontrar nova possibilidade de desfecho para a história trazida em cena,

evitando que o jogador de futebol sucumbisse às exigências de sua ex-namorada.

Nessa peça “Tudo por dinheiro” encontramos o campo “Desonestidade e oportunismo” na figura da moça interessada em arrancar a qualquer custo algum dinheiro de seu ex-noivo. No entanto, enquanto nas dramatizações anteriores os jovens até riem diante das tentativas de suborno do juiz ou achavam bacana a estilista gananciosa, nesta peça, os jovens se mostraram muito incomodados diante da situação encenada, com a moça tentando extorquir o jogador de futebol. O desconforto foi tanto que a questão foi parar no Programa do Ratinho! A princípio, o jogador de futebol tinha pensado em fugir para as montanhas e chegou a cogitar dar tudo à sua ex-namorada. É interessante observar que o jovem que fez a personagem do jogador de futebol é o mesmo que fez o vendedor em “Entre livros e chocolates”, que acabou assumindo o roubo dos livros e aceitando mansamente as condições definidas pela empresária dos chocolates, o que incluía trabalhar dobrado e receber o que lhe deviam somente depois de regularizada a situação na livraria.

Mas, desta vez, o grupo não aceitou que ele assumisse uma atitude conciliadora. Aparentemente, buscavam outro desfecho para a história dramatizada, com o jovem tomando uma atitude mais firme no sentido de se defender das acusações infundadas de sua ex-namorada. O grupo se inflamou levando o jogador de futebol a reavaliar a situação e a buscar outra saída para o drama que estava vivendo. Incomodado com a falta de reação do jogador de futebol diante das tramóias interesseiras de sua ex-noiva, o grupo, acabou

criando e encontrando um desfecho considerado mais adequado para a situação, que não prejudicasse o jogador.

Esse movimento dos jovens em direção ao campo “Realização pessoal” sugere abertura para novas possibilidades de ação e maior liberdade para criar e encontrar formas mais adequadas para lidar com as situações vividas em cena.

Na primeira peça, o contato com a mendiga fez o grupo encerrar a dramatização. Na segunda dramatização, o vendedor acabou assumindo toda a culpa e trabalhando em dobro. Já em “Tudo por dinheiro” o grupo se deu conta do incômodo causado pelo processo movido indevidamente pela cantora contra o jogador de futebol e buscou uma forma mais feliz para encerrar a dramatização, sugerindo a aproximação de uma condição existencial mais madura a partir da qual o gesto espontâneo pôde acontecer.

Após essa última dramatização, uma das moças do grupo, por iniciativa própria, chamou a atenção dos demais colegas sobre a recorrência do campo “Miséria e riqueza”, observando que em todas as dramatizações criadas por eles a questão do dinheiro aparecia de modo muito marcante. Essa observação causou certa surpresa no grupo, ao mesmo tempo em que permitiu aos jovens reconhecerem o quanto se preocupam com a independência financeira.

Como Winnicott (1971/1975), consideramos preciosos esses momentos em que os jovens surpreendem-se diante de seus gestos e das cenas criadas no grupo, pois, desse modo, aproximam-se de si e da dramática existencial vivida. Ao relatar algumas das consultas terapêuticas que realizou na clínica

infantil, Winnicott (1971) apresenta-nos a menina Eliza, com quem estabeleceu uma comunicação através do Jogo do Rabisco. Os desenhos que ambos produziram no encontro permitiram à menina reconhecer o seu sonho em um dos desenhos, como se fosse a primeira vez que tivesse pensado nele.

Em momentos como o que observamos na peça “Tudo por dinheiro”, em que os jovens criam e encontram algo que já era deles, a satisfação e a alegria estampadas em seus rostos parecem assegurar a lembrança de uma experiência viva de um modo de ser especial, mais livre, confiante, e menos angustiado. São, de fato, experiências valiosas, especialmente em um momento em que muitos jovens se sentem inseguros e incertos quanto à profissão a seguir, pois permitem viver situações brincantes com momentos de liberdade para criar e encontrar possibilidades para si, num resgate da espontaneidade e da autenticidade pessoal.

Transicionalmente, por meio das dramatizações, cada grupo de jovem conversa sobre a vida e se aproxima do universo adulto do trabalho. Dramatizando cenas do cotidiano, que remetem a momentos diversos do acontecer humano e da atividade profissional, os adolescentes reapresentam de modo peculiar suas aspirações e sonhos, bem como preocupações, dúvidas e dificuldades do dia-a-dia, que chamam a atenção.

Encontramos, também, uma mudança, quando os jovens, do campo “Miséria e riqueza”, que traz um mundo fantasioso de riqueza e aparências, passam para o campo “Fragilidade e sofrimento”, sugerindo que puderam entrar em contato com sentimentos de fragilidade e impotência, que parecem remeter

à insegurança sentida nesse momento de transição para o mundo do trabalho, ao receio de eventualmente se perderem ou enlouquecerem, deixando de realizar seus potenciais criativos. Essa possibilidade de aproximação de si por meio do enquadre clínico proposto ajuda a favorecer um movimento do jovem mais afinado com seus sentimentos e pensamentos, criando condições para que a escolha da profissão aconteça como gesto espontâneo.

Podemos lembrar da personagem do espectro, que, além de sugerir aspectos pouco virtuosos das relações humanas, remetendo ao campo “Desonestidade e oportunismo”, talvez também aponte para uma eventual dificuldade de encontrar um viver mais feliz, referindo-se a uma existência amargurada e presa ao desejo de enriquecimento a qualquer custo. Como diz o próprio espectro, ele busca riqueza e vive como “encosto”, aparentemente, sem brilho próprio. Reaparece a questão do perder-se em meio a um ambiente que invade, cobra e obscurece a visão sobre o que de fato interessa e faz sentido para si, levando as pessoas a viverem como espectros ou sem rumo, sentindo-se debilitados e impotentes.

Os campos encontrados configuram, em conjunto, desde uma perspectiva psicológica, um contexto concreto evidentemente problemático, na medida em que parecem não favorecer escolhas pessoais mais integradas e emocionalmente amadurecidas, mas, ao contrário, provocar reações submissas e pouco criativas (Winnicott,1971).

Em função disso, parece-nos lícito colocar questões, para futuras pesquisas, relativas ao quanto a atual tendência de aumento de desemprego,

de empobrecimento crescente da classe média, de instabilidade contemporânea nos planos social, econômico, cultural e político podem se constituir como o pano de fundo dos dramas encenados. Possivelmente, os jovens, no momento atual, acrescentam às preocupações próprias da entrada na condição de adulto o desafio de lidar com um ambiente social instável, marcado por rupturas e transformações constantes, que ameaçam o sentimento de segurança pessoal, mesmo se relativo, mas que poderia ser vivido em condições sociais mais propícias.

## **Considerações finais**

Tendo em vista os achados desta pesquisa, quando existe uma demanda clínica relacionada à escolha da profissão, o que nos parece importante é que essa escolha possa acontecer como gesto espontâneo. Nesse sentido, não se trata de encontrar um caminho “certo”, visto que não existe uma verdade a ser descoberta ou decifrada pelo orientador ou pela pessoa que buscou atendimento.

Com Winnicott, para quem a vida é feita enquanto é vivida, entendemos que a melhor escolha é aquela que acontece quando a pessoa que a faz se sente viva e real. Portanto, é aquela que é feita quando o jovem encontra-se em contato consigo mesmo; ou seja, quando está presente no momento de sua tomada de decisão, com sua sensibilidade, emoção e pensamento. Nessa perspectiva, a questão da escolha profissional apresenta-se como uma questão clínica que revela a importância do gesto espontâneo, colocando em pauta a posição existencial básica, seja ela autêntica ou dissociada, a partir da qual a vida e as escolhas acontecem, levando à definição da atividade profissional, ao tipo de pessoa que se deseja ser, com quem conviver.

Tendo como fundamental promover ou resgatar a possibilidade de os jovens alcançarem um estado de ser que favoreça a escolha como gesto espontâneo, o enquadre diferenciado proposto, usando a mala como materialidade mediadora, apresenta sinais de que contribui nesse sentido,

instaurando um campo brincante em que os participantes podem experimentar momentos de ação criativa e de maior proximidade com eles mesmos.

Dramatizando diversas situações do universo do trabalho e da vida de modo geral, os jovens identificam seus interesses, o que os encanta, atrai, e quais as possibilidades de carreira a seguir. Mostram, então, uma certa independência para buscar e investigar o que existe como cursos e profissões, deixando transparecer não apenas uma apropriação pessoal de seus sentimentos e interesses no que diz respeito às possibilidades de carreiras, mas de suas vidas de modo geral, mostrando iniciativa, movimento, empolgação para ir atrás do que os encanta.

Chama a atenção que os jovens chegam a essas impressões de um modo que remete a uma vivência muito intensa, em que os dramas encenados no grupo ganham principal importância, favorecendo uma compreensão de si por meio de uma aproximação pessoal que não é intelectual, favorecendo um movimento de integração no qual afeto, compreensão e iniciativa articulam-se de modo indissociável.

Atento ao espírito lúdico presente nas artes, Huizinga (2001) reconhece o caráter sagrado dessas atividades que são capazes de proporcionar experiências que transcendem as limitações do intelecto. Por meio da poesia, da música, do teatro, da dança, da linguagem, etc., as pessoas podem viver experiências que as aproximam do que é belo, abandonando razão e lógica e abrindo espaço para novas idéias, inspirações, para a inovação, a audácia, o improviso. Esse caráter arrebatador e transcendente, que uma experiência

estética pode oferecer e cujo alcance não podemos circunscrever racionalmente, transparece nas palavras do autor acerca das formas musicais, como sendo “determinadas por valores que transcendem as idéias lógicas, que transcendem até nossas idéias sobre o visível e o tangível” (Huizinga, 2001, p.177).

Pensamos que o atendimento psicológico de jovens em processo de escolha profissional, no enquadre das “Oficinas Psicoterapêuticas de Criação Ser e Fazer”, favorece experiências semelhantes, nas quais, através do brincar proposto nos grupos, os adolescentes têm a oportunidade de ultrapassar os limites do meramente racional, alcançando esse estado de abertura a novas formas, possibilidades, sentimentos e impressões.

Esses encontros brincantes parecem se constituir como hiatos no tempo e no espaço, durante os quais somos transportados para esse mundo mágico transicional das dramatizações, que valoriza o viver e o sentir (Aiello-Vaisbeg e Ambrósio, 2006). Por alguns momentos, deixamos em suspensão a correria do dia-a-dia, as exigências sociais e pessoais, o ambiente marcado por rupturas e desafios e nos entregamos a um brincar que tem hora para acabar. Essa certeza de começo, meio e fim que acontece no grupo permite arriscar e experimentar situações e personagens diferentes com tranquilidade<sup>91</sup>. Os jovens brincam de ser terroristas, empresários, assassinos, negociantes, milionários, mendigos, artistas, etc. e criam cenas que, mesmo remetendo ao

---

<sup>91</sup> Seguindo precisas indicações de Winnicott (1941/2000), entre nós Safrá (1999) aponta que a noção de começo, meio e fim é fundamental para que o fenômeno transicional aconteça e para que se possa usufruir o brincar no tempo do faz-de-conta.

mundo contemporâneo em que vivemos, aparentemente, acontecem em uma outra dimensão. Eles brincam com o que conscientemente pensam como opção profissional a seguir e também com o que nem imaginam, ou nem sabem ao certo se gostariam de fazer no futuro, resgatando um brincar mais antigo, mais infantil, que talvez esteja na raiz da escolha profissional.

Em oficinas de velas artesanais, em ambiente hospitalar, com pacientes soropositivos para HIV-1, Mencarelli (2003) observou que seus atendimentos constituíam-se como momentos de repouso diante do sofrimento vivido, da dureza do tratamento a ser seguido, da situação que cada participante dos grupos enfrentava no cotidiano. Lembrando Herrmann (1983), que entende a interpretação como qualquer movimento do analista que favoreça uma ruptura de campo e não como sentença interpretativa, Mencarelli (2003) observa que o que acontecia em seus grupos era uma ruptura do campo da agonia<sup>92</sup>, permitindo, por algum momento, deixar em suspensão angústias e sofrimentos vividos.

Embora o contexto vivido pelos jovens em processo de escolha profissional seja muito diferente, nossos encontros também se constituem como momentos de descanso e ruptura diante de um campo em que rondam sentimentos de indefinição, desconforto, incerteza, ansiedade, ligados à questão da escolha profissional, bem como à vida agitada, que cobra

---

<sup>92</sup> Para Winnicott (1945) o campo da agonia diz respeito a uma experiência de quebra de continuidade de ser, capaz de ocasionar uma organização *falso self* ou estar na origem do surto psicótico. Entendemos que a todo instante existem vários campos e não apenas um, visto que o que acontece ultrapassa nossa capacidade de consciência. Assim sendo, adotamos na Ser e Fazer o conceito de campo como inconsciente relativo circulando, acontecendo no momento. (Aiello-Vaisberg, 1999).

resultados, chegando a ameaçar a integridade das pessoas, podendo lançá-las em atividades que não necessariamente fazem sentido para elas. A ruptura desse campo na situação brincante instaura um outro, de descanso e suspensão, no qual se torna possível afastar-se, mesmo que momentaneamente, de um registro intelectualizado e desse ambiente acelerado, repleto de estímulos, que, embora eventualmente instigante e interessante, pode chegar a ameaçar o sentimento de continuidade, de presença e autenticidade no viver.

Ajudamos os jovens a chegarem a esse campo brincante, entendido como um mundo criado, encontrado e vivido no grupo, através do *holding*. A sustentação se dá tanto brincando de dramatizar com os jovens, quanto, em alguns momentos, não brincando, mas estando com eles, acompanhando-os em todos os instantes. Quando o campo brincante está plenamente instalado, a dramatização flui por si mesma, cabendo apenas estar junto aos jovens, sustentando o brincar que se desenrola, como o *terapon* que acompanha o herói em suas façanhas.

Como destaquei anteriormente, se, eventualmente, sinto que está mais difícil de se chegar a um campo brincante, procuro, então, trazer o grupo para uma posição em que o brincar possa acontecer. Nesses casos, a sustentação compreende uma maior intervenção da minha parte no sentido de buscar aproximar os jovens do material apresentado, convidando-os a experimentarem e explorarem esse campo brincante. Proponho a dramatização usando a mala, brinco com os jovens de dramatizar, exploro junto com eles as possibilidades de

combinação e uso das vestimentas e dos acessórios, mas também me mantenho aberta a qualquer outra sugestão de atividade que os jovens apresentam no grupo tais como, por exemplo, brincar de outra coisa ou conversar.

Estando instalado ou não o campo brincante, o psicólogo está sempre presente como pessoa real, como ambiente que proporciona a experiência em curso e também como mala, com objetos que carregam seu *self*. No sentido winnicottiano, tanto ele como a mala e o ambiente proporcionado são apresentados de modo a serem usados pelos jovens para que eles possam ser eles mesmos, encontrando um viver mais autêntico e espontâneo. Usando a mala, o tempo, o lugar e ao analista, eles têm a oportunidade de viver uma experiência ilusória onipotente, criando e encontrando o que já estava lá para ser encontrado, que lhes pertence e que tem a “cara” deles. Esse enquadre clínico diferenciado encerra a possibilidade de os jovens experimentarem a sensação de criar onipotentemente a mala e as dramatizações, bem como a sala, o encontro e a brincadeira vivida, que por meio do *holding* e da materialidade são oferecidos ao grupo pela terapeuta. Observo ainda que, quando os jovens podem expressar um gesto espontâneo, o acontecer clínico parece se dar a partir deles, e a sustentação torna-se leve.

Por meio desse enquadre clínico diferenciado, oferecemos a possibilidade de experiência onipotente ilusória sem que seja necessária uma regressão nos moldes que Winnicott (1954/2000) colocou para se resgatar o gesto espontâneo em pessoas regredidas. Embora o contexto do atendimento

de jovens em processo de escolha profissional seja muito diferente do referido pelo autor, essas considerações nos permitem esclarecer o alcance desse atendimento como oportunidade de regressão a uma experiência ilusória onipotente de criação e encontro em campo brincante. Essa perspectiva favorece alcançar uma condição existencial mais madura, próxima de si, de modo que a escolha da profissão possa vir a acontecer como gesto espontâneo.

No final do atendimento, os jovens costumam dizer o que perceberam ao longo das dramatizações, observam que brincando sentiram que tal atividade os atrai ou não, se dão conta de que o que de fato querem é tal carreira e não outra. Os achados dessa pesquisa sugerem que tais sentimentos dos jovens não decorrem de uma articulação intelectualizada de possibilidades de carreiras a seguir ou de resultados observados em inventários de interesses e questionários. Embora a articulação entre representações acerca de si e informações sobre possibilidades de profissões também aconteça, fazem parte de uma experiência mais ampla vivida no grupo, que transcende o registro fundamentalmente intelectual, representacional.

Lembrando que a conduta<sup>93</sup> é unitária, e que naturalmente se faz acompanhar pela reflexão e pela articulação simbólica, Aiello-Vaisberg, (2004) reconhece que o valor do trabalho realizado está em promover mudanças

---

<sup>93</sup> A conduta como conceito de gestualidade, não diz respeito a um movimento qualquer, mas se dá em um campo intersubjetivo, diante de um outro e em um contexto amplo influenciado por fatores sociais, políticos, econômicos, culturais. (Bleger, 1963/1989).

existenciais que ultrapassam uma dimensão meramente psíquico-representacional. Para a autora,

Não se trata, portanto, de resgatar ou promover um autoconhecimento, mas de promover uma experiência emocional significativa, situada no âmbito de um sentir, que é fundamentalmente um sentir-se vivo, real e atuante diante da alteridade do mundo. A articulação simbólica ocorrerá naturalmente, porque é própria da natureza humana (Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio, 2003/2004, p.97).

O enquadre aqui proposto, usando a mala como rabisco, privilegia o sentir e a vivência de uma experiência emocional significativa, favorecendo o sentimento de realidade e de presença no viver. Estimula, também, a capacidade pessoal de movimento e de ação no mundo, ajudando a promover uma escolha profissional a partir de um estado de ser mais harmonioso, integrando sensibilidade, pensamento e capacidade emocional e de ação e tomada de decisões. Afastamo-nos, portanto, de um trabalho que prioriza o registro intelectual, por perceber que, muitas vezes, embora o jovem diga que chegou a uma definição acerca da profissão que pretende seguir, essa decisão pode estar fundamentada em um processo racional, acontecendo apenas na esfera intelectual. Nesse caso, a escolha pode não corresponder ao que de fato o jovem busca para si, se dando de modo dissociado, desvinculado do sentir.

Importante ainda esclarecer que não significa que buscamos proporcionar um leque amplo de situações e dramatizações de modo a oferecer aos jovens oportunidades variadas de experimentação diante das diversas possibilidades de atuação profissional. Cada grupo traz as personagens que fazem sentido para os seus participantes. Pode ocorrer de um jovem resolver seguir uma profissão que nem foi representada ou que teve pouco destaque

nas dramatizações do grupo. Também ocorre o contrário – certa vez, por exemplo, um jovem brincou muito de ser jornalista, mas ao término dos encontros grupais, revelou que não queria seguir essa profissão, pois escrever artigos diariamente seria um sofrimento para ele. Outros dramatizam diversas personagens relacionadas aos seus interesses como, por exemplo, uma moça que foi artista plástica, professora de artes, dona de museu e que no final dos encontros reconheceu sua paixão pelas artes e disse que gostaria muito de seguir uma carreira que estivesse intimamente ligada a essa área, de modo geral. Acontece também de algum jovem precisar de mais tempo para que uma escolha seja possível. Nesses casos, ofereço a possibilidade de continuarmos a nos ver em sessões individuais, acompanhando-o até que se sinta suficientemente pronto para fazer a sua escolha como gesto espontâneo.

Embora este trabalho tenha focalizado o processo de escolha profissional de jovens de classe média, reconhecemos que esse modelo de atendimento rompe com o estereótipo da orientação profissional voltada para quem ingressa em um curso superior (Lehman, Uvaldo e Silva, 2006), podendo ser empregado em outros ambientes e com grupos diferentes, adaptando-se a frequência e a duração das sessões de acordo com a situação<sup>94</sup>.

A mala com suas vestimentas e acessórios, de característica amorfa se presta à criação de personagens muito variados, atendendo a diferentes

---

<sup>94</sup> Encontramos em Camps (2003) um exemplo de atendimento diferenciado em oficinas de teatro espontâneo em uma perspectiva winnicottiana, que se durante os horários vagos decorrentes da falta de professores. Também vale lembrar o atendimento realizado em um abrigo da cidade de São Paulo para meninos de rua para ilustrar a fecundidade deste enquadre com diferentes grupos.

populações e garantindo mobilidade em um universo de possibilidades que não se restringe às carreiras oferecidas na universidade. Não se trata, também, de necessariamente se dramatizar todas as possibilidades de profissões, mas de brincar livremente com temas relacionados a trabalho, permitindo ao jovem recuperar algo que já é dele, que já o atravessa enquanto potencialidade que existe como possibilidade de acontecer no mundo.

Nesse sentido, talvez possamos pensar a questão vocacional como abertura pessoal, sensibilidade e interesse para aspectos do mundo, que chamam a atenção e que remetem ao *self*. Estamos diante do paradoxo de recuperar o que já estava lá e que aparece para a pessoa em um determinado momento, em um contexto histórico, cultural e político. Esse modo de pensar a escolha da profissão como algo que recuperamos e que aparece diante nós em um tempo e um espaço contextualizado afasta-se da idéia de habilidades para se referir a uma experiência no mundo, que permite essa aparição que o jovem reconhece como fazendo parte dele, em um processo de apropriação de si e de sua vida.

Podemos afirmar então, à luz da presente pesquisa, que o enquadre clínico diferenciado aqui proposto, usando a mala como materialidade mediadora, é eficaz e muito adequado em momento de escolha profissional, pois oferece oportunidade e sustentação para que cada jovem desenvolva sua capacidade de criar e encontrar o que já é seu, resgatando ou desenvolvendo a sua capacidade de ação criativa em busca do que o interessa e encanta. Ao

proporcionar uma regressão<sup>95</sup> que promove o viver criativo, favorecemos que a escolha profissional aconteça como gesto espontâneo e não a partir de um entendimento intelectualizado dos interesses e do estilo pessoal. Reconhecemos, também, na sucessão de peças apresentadas, um movimento do grupo no sentido de experimentar campos menos fechados e restritivos, como o campo “Realização profissional”, que nos apresenta a possibilidade de se trilhar um percurso profissional que traga satisfação, felicidade e que proporcione o sentimento de se estar próximo de si, vivendo e sendo o *self* verdadeiro.

Nos encontros brincantes com a mala, o encantamento e a empolgação dos jovens durante as dramatizações são marcantes. Seus olhos brilham diante das falas divertidas que surgem no grupo, das cenas inesperadas, das personagens criadas<sup>96</sup>. Para um clima de alegria e de satisfação que indicam momentos de encontro verdadeiro, pois, quando não há contato de verdade as pessoas se sentem frustradas em suas aspirações, expectativas e busca de sentido. No enquadre clínico aqui apresentado, os jovens brincam livremente em um ambiente confiável, em que se sentem compreendidos e podem conversar sobre a vida.

---

<sup>95</sup> Para Winnicott (1954/2000), a regressão é entendida como parte de um processo de cura, como fenômeno normal que pode acontecer com pessoas saudáveis em um movimento de busca do verdadeiro self.

<sup>96</sup> A narrativa da peça, que chamei “A festa” e que foi criada por outro grupo de jovens, também em processo de escolha profissional, encontra-se na página 190. Essa dramatização acabou sendo uma festa de despedida que ilustra bem essa alegria e o envolvimento dos jovens em relação a essa proposta de atendimento diferenciado usando o teatro espontâneo em uma perspectiva winnicottiana.

A mala como procedimento dialógico-transicional parece fazer sentido para os jovens, atendendo às suas necessidades expressivas, indo ao encontro de suas expectativas e de seus sonhos, resgatando um brincar talvez perdido, deixado de lado, ou quem sabe nem mesmo bem desenvolvido.

Em um tempo em que tudo já aparece pronto e padronizado, restringindo o espaço ocupado pelo mundo fantástico das histórias infantis, dos sonhos, da imaginação, esses grupos convidam os jovens a se lançarem no universo mágico do faz-de-conta, retomando, em ambiente protegido e sustentado, a experiência ilusória onipotente e resgatando o espírito lúdico, que, segundo Huizinga (2001), vem se perdendo no mundo contemporâneo e que certamente ajuda a alcançar estados mais sensíveis e próximos de si.

## Anexos

### **Terror no ar, no mar e na ilha**

*Estamos todos em um avião indo para Paris. As cadeiras e poltronas da sala foram ajeitadas uma atrás das outras, imitando a disposição dos assentos em um avião. Os passageiros sentaram-se na parte traseira do avião e o piloto ajeitou-se na poltrona da frente. Uma aeromoça servia os passageiros, usando uma prancheta transformada em bandeja. Escondido dentro da mala, debaixo da mesa, um dos jovens diz que é um terrorista no bagageiro do avião. Eu virei uma passageira que estava viajando como turista.*

*O piloto avisa que vamos passar por turbulência, ele finge tensão ao pilotar, a turma toda se chacoalha, ouvem-se gritos apavorados, a aeromoça passa água com açúcar para acalmar os passageiros. O piloto fala em inglês para os passageiros apertarem seus cintos e explica que em caso de necessidade, máscaras de oxigênio cairão automaticamente à nossa frente... As máscaras de oxigênio caem, o clima é de tensão, a brincadeira é muito boa!... Todos fingem estar em pânico. E, Ufa!... Finalmente, o piloto consegue estabilizar o avião. A aeromoça volta a oferecer água com açúcar. Digo que vou ao toalete, levanto da minha poltrona e vou para o fundo do avião, em um canto da sala atrás da mesa já empurrada para o canto. Nesse meio tempo, o terrorista que saiu da mala, aproveita para ocupar o meu lugar. Volto e vejo*

*alguém no meu assento. Quando me aproximo com a aeromoça desse novo passageiro, ele, o terrorista, salta da poltrona e agarra o pescoço da aeromoça, ameaçando cortar-lhe a garganta com uma faca. Cria-se um clima de suspense, um impasse, começo a falar alguma coisa e o terrorista logo me mata com uma facada na barriga e volta a agarrar a aeromoça pelo pescoço. Ele a arrasta para a cabine do piloto enquanto eu caio morta no chão entre as poltronas do avião. Uma das passageiras, que tinha se apresentado como mágico, aproxima-se de mim, faz uma mágica e me ressuscita. Enquanto isso, o terrorista, segurando a aeromoça pelo pescoço, exige do piloto que mude a rota do avião para Bagdad, caso contrário, ele vai degolar a aeromoça. O Piloto prontamente desvia o avião de seu destino original e ruma para Bagdad. Mesmo assim, o terrorista degola a aeromoça que cai no chão ao lado do piloto. O clima é de surpresa. Por que ele matou a aeromoça? Afinal de contas, o piloto havia obedecido ao seu pedido! O mágico aproxima-se da aeromoça e também a ressuscita. O piloto, os passageiros e a tripulação se perguntam o quê fazer diante dessa situação. Decidem atacar o terrorista, é luta no avião, reação de todos contra o terrorista. Todo mundo se empenha em trancá-lo no banheiro, o empurram para o banheiro detrás da mesa a pancadas. Mas, quem está pilotando o avião? Não tem ninguém pilotando o avião!... O avião cai desgovernado, com todo mundo em pânico, em algum lugar, em um mar, entre Paris e Bagdad.*

*Dizem que o terrorista morreu e o próprio terrorista reconhece que morreu. O resto do grupo conseguiu chegar em uma ilha (o Divã). Éramos quatro empoleirados no divã: o mágico, o piloto, a turista e a aeromoça. Mas, a*

*ilha é muito pequena, falta espaço, todos reconhecem que está muito apertado para os quatro... Estava mesmo meio apertado. Enquanto isso, o terrorista diz que voltou em forma de tubarão, ameaçando quem se atrevesse a sair da ilha. Estávamos presos, em uma ilha minúscula, apertados, e sem comida. O que íamos comer? O piloto sugere que um de nós tem que virar comida. Mas, quem? Dizem que nessas histórias a aeromoça sempre leva a pior, então o piloto corta o braço da aeromoça, repartindo pedaços do braço da moça com os demais na ilha. Confesso que fiquei meio impressionada com essa opção, meio sem fala até. Lembrei dos sobreviventes dos Andes, imaginei que talvez o mágico pudesse ter feito alguma mágica nesse instante... Não consegui participar do banquete, mas também não falei nada, pois senti que essa era a história que estava rolando. A aeromoça, com um braço para trás, fingindo estar sem este braço, se queixa de ter perdido o braço, de terem feito isso com ela, diz que vai se jogar no mar. O tubarão anima-se e se prepara para a refeição. O piloto continua dizendo que vão ter que cortar a perna dela para a próxima refeição. Que horror!... Também pensei que um dia a carne da aeromoça iria acabar, e aí? Quem será que vão comer depois? Eu? A aeromoça joga-se ao mar e o tubarão a devora. Os sobreviventes na ilha perguntam-se, novamente, o quê fazer e decidem fazer uma fogueira. Ufa! Pelo menos não era para almoçar mais um de nós mesmos! Eu fiquei com a impressão de que seria a próxima... Juntamos almofadas e objetos que encontramos por ali como os fones do piloto, lenço, prancheta, etc., para fazer a nossa fogueira.*

*Enquanto os sobreviventes na ilha fazem a fogueira, a aeromoça volta como uma bola Wilson, como no filme do Náufrago. Ela senta-se na cadeira ao lado do divã, fingindo-se de bola. Mas, depois de um tempo, ela resolve juntar-se ao tubarão e diz que o espírito da aeromoça voltou como tubarão para atacar os sobreviventes na ilha. É a vingança da aeromoça. Eles atacam a ilha, tem luta, eu sou morta pelo tubarão e viro um fantasma pairando ali em volta. A luta continua entre o piloto e o tubarão, mas o piloto tem uma faca e mata o tubarão.*



*Dizem que o tubarão e a aeromoça foram para as profundezas do mar. Discute-se sobre a coitada da aeromoça, que afinal de contas não era ruim,*

*tinha se juntado ao tubarão por ter sofrido a amputação de seu braço pelos outros sobreviventes na ilha. Fica combinado que a aeromoça retornaria ao mundo dos bons espíritos. Sobram na ilha o piloto e o mágico (uma moça). Eles constroem uma barca (o divã) e voltam remando para o continente. No final, o terrorista-tubarão diz que, como no final dos filmes, o casal sobrevivente tem que se beijar.*

## **Morte no museu**

*Uma artista plástica famosa vem chegando ao museu. A dona do museu prepara-se para recebê-la, ela quer tratá-la bem pois tem interesse em exhibir as obras dessa artista conhecida em seu museu. O assessor de imprensa da artista toma a palavra, ele explica que a entrevista coletiva será breve pois a cliente dele está muito ocupada e também cansada dos muitos compromissos que tem. A artista instala-se na poltrona e abre um rolo de cartolina com uma de suas obras. Ela mostra o seu trabalho que, segundo ela, fala de amor e liberdade. A platéia observa com admiração o belo trabalho da artista. Contudo, o crítico de arte que se encontra por ali pergunta se, por acaso, a produção que ela está apresentando não tem alguma relação com a morte do cachorrinho dela. A artista, indignada com tal pergunta, responde que o trabalho dela fala de liberdade e não do cachorro dela. Mas, em seguida, chora dizendo que o*

*cachorro morreu na véspera. Ao invés de dar ração para o seu cão, ela enganou-se e deu arsênico!...*

*O crítico volta a criticar a arte dela, fala que não gosta de arte abstrata, os dois discutem. A artista desconfia do crítico de arte e se lembra que, em outras histórias (dramatizações), ele já a matou diversas vezes. O clima é de discussão. O assessor de imprensa resolve encerrar a entrevista e encaminha a artista à porta, acompanhando-a até sair da sala, protegendo-a do público que segue atrás dela. Mas, de modo muito rápido e hábil, o crítico chega por detrás da artista e passa uma corda em volta do pescoço dela. A mulher cai morta no chão.*



*O assessor de imprensa também leva uma facada na barriga, mas ele nem sente a facada, nem percebe a agressão e segue participando da história. No meio da confusão, a dona do museu diz que o museu dela é bem conceituado, que não tem essas coisas de assassinatos lá. A artista não morreu dentro de seu estabelecimento, morreu do lado de fora, na calçada.*

## **Negociando com o governador**

*Uma jovem que trabalha para uma montadora de carros japoneses vai para Manaus, acompanhada de sua assistente e tradutora de japonês, para conversar com o governador acerca da possibilidade de instalar uma fábrica da montadora que ela representa na zona franca de Manaus. As duas moças encontram o governador em um restaurante. O governador pede champanhe francês para a garçonete, mas, a garçonete não entende direito o pedido, ela não entende francês. A garçonete conhece apenas os pratos regionais como arroz com feijão, farofa e sucos de frutas. Um outro garçom, com mais conhecimento sobre pratos e bebidas mais chiques, aproxima-se da mesa para pegar o pedido. O governador, novamente, pede o champanhe francês e as moças sakê. O garçom anota o pedido, a refeição vai ser requintada. O governador logo esclarece que quem vai pagar a conta é a moça representante da montadora japonesa. A moça retruca que quem deve pagar a conta é o*

homem. Mas, o governador lembra que ela tem interesse em pagar a conta, senão pode ser que não consiga o que deseja.

A moça entende o recado e fala da intenção de sua empresa em expandir os negócios em Manaus, afinal existem incentivos fiscais interessantes. Ela também ressalta a importância de uma fábrica como essa na região, trazendo oportunidades de trabalho para a população, mais dinheiro de impostos, aquecendo o mercado... O governador não se mostra muito convencido, pois já tem muita empresa instalada lá. Além do mais, tem uma questão de desmatamento e de poluição na região. Mas, a moça continua insistindo e aproveita para mostrar o catálogo de carros e motos produzidos pela sua empresa, com todos os últimos modelos ainda a serem lançados.



*São motos e carros inéditos, super possantes e especiais. O governador fica muito empolgado com os carros e as motos do catálogo, ele quer muitos carros e muitas motos para si. Começam falando de 10 carros e 10 motos para o governador, mas, acabam achando esse número um pouco exagerado. Fica combinado que o governador poderia escolher duas motos e dois carros. O governador faz questão de ter um dos carros esportivos mais rápidos e modernos. Todo mundo fica satisfeito e brinda o negócio fechado, a construção da nova fábrica em Manaus.*

## **Conversando sobre construções e desvendando ligações terroristas**

*Um engenheiro estrangeiro muito famoso está sendo entrevistado. Um jornalista faz perguntas a respeito do trabalho dele, onde trabalha e que obras realizou. Ele conta que já lançou muitos prédios, que tem muita experiência, trabalha com responsabilidade e garante que seus prédios não caem. Uma tradutora ao lado traduz tudo errado. Ela fala que um prédio caiu, depois tenta ajeitar a sua tradução diante dos protestos do engenheiro. A tradutora segue falando de hambúrgueres enquanto tratava-se do trabalho realizado na obra. Falam de torres muito altas na Malásia, em Hong-Kong e no Japão. Perguntam*

*se o projeto do World Trade Center foi dele. Ele responde que esse projeto foi do irmão dele e que é por isso caiu.*

*Decidem que a entrevista com o engenheiro deve aparecer no noticiário da noite, no Jornal Nacional. Uma dupla de apresentadores prepara-se e fica combinado que um “cameraman” iria comandar o momento do início da apresentação, cortar para os anúncios e retomar a programação. Começa o jornal: “Boa noite! E os principais destaques de hoje são: bomba no Iraque mata 12, entrevista com engenheiro especialista em construções, novas propostas para o uso da água neste verão, exposição de arte acontecendo na cidade”. Pausa para anúncios de sorvetes e biscoitos. Voltam os apresentadores, desta vez, anunciando a entrevista com o engenheiro e já adiantando algumas das realizações dele. A tela deixa de focalizar os apresentadores e passa a exibir a entrevista com o engenheiro. O “cameraman” focaliza o engenheiro que fala de seu trabalho.*

*A imagem muda de novo. Agora, para mostrar os gols da rodada. Dessa vez, passam imagens ao vivo de um jogo de futebol. A câmera acompanha o chute a gol do craque de futebol. Um dos rapazes filma e outro se coloca no papel de jogador de futebol, faz o gol e o grupo festeja. Interrompem a programação para um furo jornalístico, com notícias recém chegadas da casa branca. Investigações indicam ligações do irmão do engenheiro ao atentado do World Trade Center.*



*O tal irmão tem, de fato, um nome suspeito. Ele chama-se Ali Mohamed e, aparentemente, é um muçulmano ligado à rede Al-Quaeda. Apresentam a enviada especial no Afeganistão, Nila Mohamed. Em meio a bombas e ameaças de morte (almofadadas, pranchetadas...) ela fala que está faltando água, ela descreve as difíceis condições de vida lá. Mas, ninguém quer saber disso, querem saber do irmão do engenheiro. Ela confirma que este último teria mesmo alguma ligação com os atentados de 11 de setembro de 2001. Volta a imagem para os apresentadores que encerram o programa: “Boa noite a todos e até amanhã”.*

## **Liberdade X Autoritarismo**

*Um dos jovens diz que tinha se tornado piloto de caça e que iria jogar uma bomba no palácio do governo. Ele diz que jogou a bomba e se tornou presidente. Os demais colegas no grupo argumentam que ele não pode ocupar o cargo de presidente assim, que eles precisam fazer eleições para saber quem vai ser o presidente. O piloto insiste que ele foi o salvador da pátria, que todos o querem e que por isso ele tem que ser o presidente. Mas, acaba surgindo um outro candidato, um jogador de futebol famoso e bem conhecido. Resolvem, então, promover um debate com os dois candidatos à presidência.*

*Arrumamos o cenário, os dois candidatos sentam-se um ao lado do outro, uma jornalista faz perguntas enquanto outra coordena o debate contando o tempo que cada um tem para suas perguntas e respostas. Assim que os candidatos se ajeitaram no sofá, o piloto se volta para o jogador de futebol e o mata com várias facadas no estômago. O candidato jogador de futebol cai para o lado... Mas, não tinha nem começado o debate!... O resto do grupo não fica satisfeito com esse desfecho para a história e resolve que o assassinato do candidato, de fato, não havia acontecido, talvez somente na imaginação do piloto. Os dois candidatos ajeitam-se novamente no sofá para o início do debate.*

*Começam as perguntas sobre propostas de governo. O piloto mostra-se objetivo, apresenta alguns planos de governo e diz contar com o reconhecimento do povo pela sua ação que derrubou o antigo regime. O*

*jogador de futebol também apresenta um discurso consistente, com propostas para a educação. Ele é cativante, carismático. O piloto compara o jogador de futebol ao Lula, dizendo que ele tem carisma mas não tem conteúdo. No entanto, o jogador de futebol continua seu discurso de modo aparentemente sincero e cuidadoso em relação a questões sociais. Quanto ao piloto, mostrava-se bem objetivo e sério. Chega a hora da votação, cada um exprime sua opinião acerca de quem deve se tornar presidente. O piloto consegue obter mais votos, fica então decidido que ele será o novo presidente.*

*Mas, descubrem ao lado do piloto recém eleito presidente uma bolsinha. Era a bolsinha de uma das meninas, que o piloto, de brincadeira, havia escondido. Dizem que na bolsinha tem dólares, que o presidente está envolvido no caso do dossiê da bolsinha de dólares.*



*O Presidente fica sem graça. De fato, ele tinha escondido a tal bolsinha, tinha alguma culpa nessa história de bolsinha escondida nas almofadas atrás dele, debaixo do casaco dele. Ele se explica dizendo que não tinha pensado nas repercussões desse seu ato. Resolvem, então, que ele não pode mais ser o presidente e quem assume a presidência é o jogador de futebol. O ex-piloto e presidente, de novo, não agüenta a situação, e mata o jogador de futebol. Ele assassina o presidente e assume o poder.*

*A jornalista e a cineasta revoltam-se contra o regime autoritário que se instalou no país e dizem que fugiram e agora vivem exiladas no exterior.*

## **A festa**

*Estamos todos na praia, é a inauguração do barzinho do empresário de algumas de nossas dramatizações que sonhava em abrir um barzinho na praia. O dono do bar recebe os amigos. Estão todos presentes: o engenheiro, o turista, a artista plástica, a professora, o governador, a aeromoça, o piloto, os jornalistas, o piloto, o mágico, o guarda-costas, o empresário, a freira, o cozinheiro, o segurança, o detetive, o alpinista, o dentista, o médico, a enfermeira, a perua, a mendiga...*

*Na festa, servem um rodízio de sushis. O dono do bar diz que o sushi é muito bom, que é feito com peixe de primeira, super fresco e que por apenas R\$ 20,00 come-se sushi à vontade. Todo mundo se serve de sushi, a festa é animada, tem muita gente.*



*Mas, no meio da festa roubam a bolsa de alguém, será que é aquele candidato à presidência que apareceu por aí? A festa fica um pouco tumultuada, chamam o segurança e logo tudo volta ao normal. A festa continua e, de repente, uma das convidadas cai morta no chão, ela foi assassinada enquanto dançava!... Novo tumulto, as pessoas ficam em volta do corpo, vem um médico que realiza procedimentos que ressuscitam a moça. Ela levanta-se, sente-se bem, e volta para a festa que continua muito animada, agora com um DJ. Todos dançam a Macarena ao som do celular de uma das meninas. Dançamos, novamente, essa mesma música em ritmo bem acelerado, todos juntos, enfileirados, com muita alegria e animação, tentando fazer os gestos de modo bem rápido. Aparece um roqueiro na festa, ele faz uma apresentação,*

*outro toca guitarra enquanto uma das moças canta. A festa vai até o amanhecer. Ninguém quer ir embora!... Paira uma alegria de estar juntos, de terem vivido esses momentos intensamente. Mas, também ronda a tristeza de tudo isso acabar. Toca o telefone de um dos jovens, já está na hora de ir embora, é o final desses encontros. Todos se despedem, se abraçam, trocam e-mails, telefones e saem juntos. Ouço a conversa animada continuando no corredor enquanto aguardam o elevador.*

## **Cenas do cotidiano do trabalho**

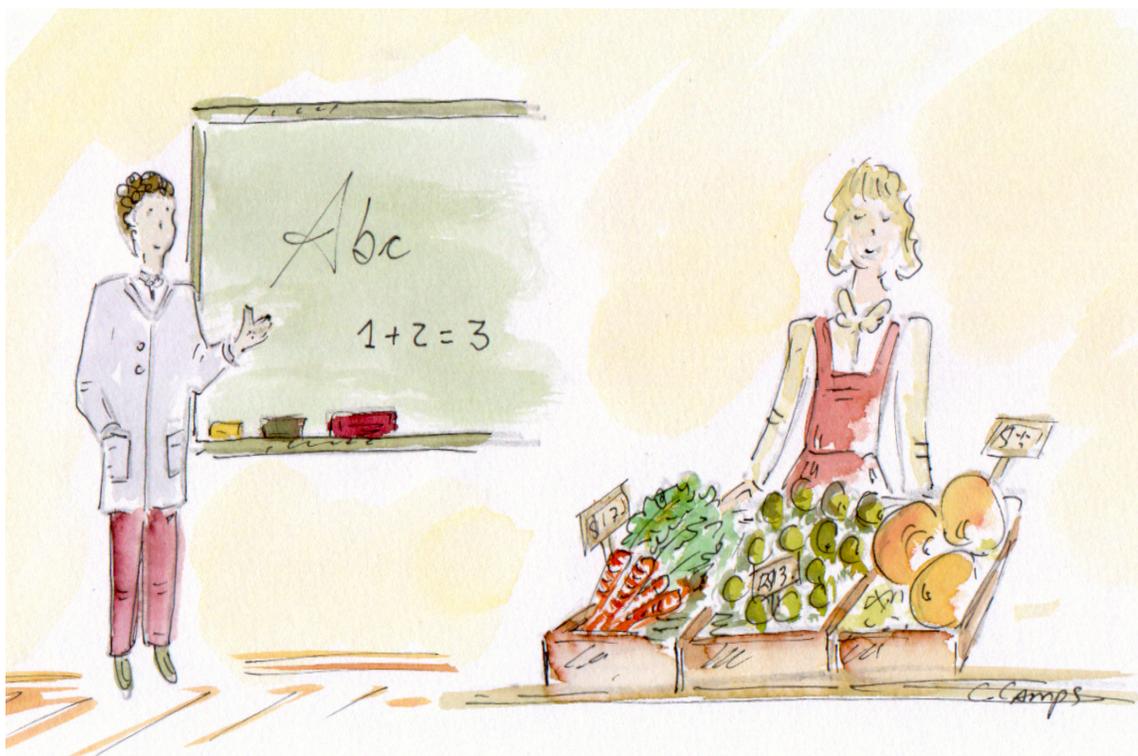
- 1) Um médico cirurgião e seu assistente preparam o centro cirúrgico e acomodam a pessoa que será operada. Começa a cirurgia, eles usam instrumentos variados para cortar, costurar... De repente, o paciente tem uma parada cardíaca, há um momento de correria, tentam reanimar o paciente, há necessidade de usar um aparelho de choque para ressuscitar o doente, mas esse procedimento não dá resultado. Estão todos aflitos, o tempo está passando, o assistente acaba apelando para uns tapas na cara do paciente na tentativa de fazê-lo voltar à vida. O tal assistente também dá uns chutes no coitado do doente, que continua inerte sobre a mesa de operação. Todos acham graça do jeito do atendente, da situação, que faz pensar em um programa humorístico.*

- 2) *Um dentista recebe o seu cliente e o convida a se sentar em sua poltrona reclinável. Ajustam a poltrona bem inclinada para trás. O paciente abre a boca e o dentista trata de seus dentes.*



- 3) *Um jogador de basebol prepara-se para dar a sua tacada. Ele recebe a bola e a lança longe. O juiz pára o jogo, chama a atenção do jogador, mostra a ele como deve rebater. O jogador se irrita, sente-se ofendido com a intromissão do juiz. Ele fica muito bravo e parte para cima do juiz, dando-lhe um soco na cara. O juiz não aceita a agressão e devolve o soco. Vira luta livre, parece que estamos em um ringue de boxe ou assistindo a uma luta de artes marciais, mas não, é pancadaria mesmo!*

- 4) *Entra em uma loja um cliente insatisfeito trazendo de volta o que comprou na véspera. Ele reclama do produto com a vendedora. A vendedora tenta argumentar, mas não consegue acalmar o cliente nem tampouco convencê-lo a trocar de mercadoria. A vendedora chama a gerente, que conversa com o cliente e lhe mostra novos produtos, oferecendo outra mercadoria em troca. O cliente se acalma, aceita a troca, se despede e sai da loja aparentemente satisfeito.*



- 5) *Temos como cenário uma escola. A professora escreve na lousa enquanto o aluno sentado em uma das carteiras se esforça para copiar o que lê à sua frente. O aluno chama a professora, ele tem dúvidas, a professora aproxima-se dele, olha seu trabalho, explica a lição, o aluno*

*continua a trabalhar de modo aplicado. Uma cena seguinte mostra a formatura do jovem alguns anos mais tarde. A professora está presente, o jovem recebe seu diploma, ele e a professora festejam o seu sucesso.*

- 6) *Uma atriz prepara-se para as filmagens de um filme. O câmara começa a filmar a primeira cena. De tempos em tempos, o diretor de produção interrompe a filmagem e explica à atriz como ela deve atuar. A filmagem retoma e a atriz segue as indicações do produtor.*

## Referências

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. A psicopatologia como teoria do sofrimento humano no pensamento de D.W.Winnicott. In: MOTTA, I. F. **Psicanálise no século XXI: As conferências brasileiras de Robert Rodman**. Aparecida: Idéias e Letras, 2006b. p 265-284.

\_\_\_\_\_. **Arteterapia para crianças**. In: \_\_\_\_\_. **Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana**. São Paulo: Idéias e Letras, 2004e. p. 173-184.

\_\_\_\_\_. Da questão do método à busca do rigor. In: \_\_\_\_\_. **Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana**. São Paulo: Idéias e Letras, 2004c. p. 119-128.

\_\_\_\_\_. **Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia**. 1999. 197f. Tese (Livre-Docência) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

\_\_\_\_\_. **Évaluation des effets de l'art thérapie winnicottienne**. Congrès International d'Art-Thérapie de la Association Française de Recherche et Applications des Techniques Artistiques en Pédagogie et Medecine. Tours, 2006a.

\_\_\_\_\_. Investigação de representações sociais: projeção e transicionalidade. In: TRINCA, W. **Formas de investigação clínica em Psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997. p 103-127.

\_\_\_\_\_. O ser e o fazer na clínica ampliada e a radicalidade psicopatológica do pensamento de D.W.Winnicott. In: CALDERONI, D. (Org.). **Psicopatologia: Clínicas de Hoje**. São Paulo: Via Lettera, 2006c. p. 109-120.

\_\_\_\_\_. Os enquadres clínicos diferenciados e a personalização/realização transicional In: AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBRÓSIO, F. F. (org.) **Ser e Fazer: O Brincar**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2004b. p. 06-17.

\_\_\_\_\_. Os monstros, o método e o estabelecimento da capacidade ética In: AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBRÓSIO, F. F. (org.) **Ser e Fazer: Reflexões éticas na clínica contemporânea**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005. p. 09-26.

\_\_\_\_\_. O uso do objeto teoria. In: \_\_\_\_\_. **Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana**. São Paulo: Idéias e Letras, 2004d. p. 185-203.

\_\_\_\_\_. Ser e fazer: interpretação e intervenção. In: \_\_\_\_\_. **Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana**. São Paulo: Idéias e Letras, 2004a. p. 23-58.

\_\_\_\_\_. Sofrimento e práticas clínicas diferenciadas In: AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBRÓSIO, F. F. (org.) **Trajeto do sofrimento: desenraizamento e exclusão**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2002. p.06-14.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBRÓSIO, F. F. Imaginários coletivos como mundos transicionais. In: AIELLO-VAISBERG, T.M.J; AMBRÓSIO, F.F. (org.) **Ser e Fazer: Imaginários**

**coletivos como mundos transicionais.** São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006. p. 05-08.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J., CAMPS, C. I. C. M. Representações sociais de professores sobre o adolescente problema. **Revista de Ciências Humanas.** Santa Catarina, v.1, n.1, p.353 - 361, 2002.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Transitionnalité et enseignement de la psychopathologie: réflexion sur les "cours pratiques" à partir de Winnicott. **Le Coq Héron,** Paris, n.180, p. 146-153, 2005.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AMBRÓSIO, F. F. (2003) A alma, o olho e a mão: Estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social winnicottiana. In: AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana.** São Paulo: Idéias e Letras, 2004. p. 89-101.

\_\_\_\_\_. Sofrimento, sentido e absurdo: ilusão criativa e ação sobre o mundo. In: AIELLO-VAISBERG, T.M.J; AMBRÓSIO, F.F. (org.) **Ser e Fazer: Trajetos do sofrimento, rupturas e (re)criações de sentido.** São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 40-55.

AMBROSIO, F. F. **Ser e Fazer – Arte de Papel uma oficina inclusiva.** 2005. 179f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo. 2005.

AUDI, D. A. **A adolescência e as expectativas quanto à inserção no mundo do trabalho.** 2006. 102f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006

BARUS-MICHEL, J. Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. In **Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente,** São Paulo. 2005. ([http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000100018&lng=en&nrm=isso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100018&lng=en&nrm=isso)).

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 190p.

BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **Individualization.** London: Sage, 2002. 221p.

BENJAMIM, W. O Narrador: Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem, e Política.** Tradução de Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. p. 27-57.

BLEGER, J. (1967) Psicoanálisis del enquadre Psicoanalítico. In: \_\_\_\_\_. **Simbiosis y Ambigüedad – Estudio Psicoanalítico.** 3ª Edição. Buenos Aires: Paidós, 1975. p. 237-250.

\_\_\_\_\_. (1958) **Psicoanálisis y dialéctica materialista.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1988. 242 p.

\_\_\_\_\_. (1963) **Psicologia da conduta.** Tradução de Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 244 p.

\_\_\_\_\_. **Psico-higiene e psicologia institucional.** Tradução de Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. 138 p.

BOCK, S.D. **Orientação profissional – A abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2002. 188 p.

BOHOSLAVSKY, R. (1977) **Orientação profissional**. Tradução de José Maria Bojart. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 218 p.

BORGES, T. W. **O Procedimento de Desenhos-Estórias como modalidade de intervenção nas consultas terapêuticas infantis**. 1998. 230 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.

BOURSIER, S. Pour une conception expérientielle et opportuniste de l'orientation professionnelle. In: **L'orientation scolaire et professionnelle**. Actes du colloque international: Éduquer en orientation: enjeux et perspectives. INETOP-CNAM, Paris, v. 30, hors-série, 2001. p. 139-147.

BUSTOS, D. M. **O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. Tradução de Lúcia Neves. São Paulo: Summus, 1982. 230 p.

CAMPS, C.I.C.M. **A hora do beijo: Teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana**. 2003. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

\_\_\_\_\_. **A hora do beijo: Teatro espontâneo com adolescentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 152 p.

CAMPS, C.I.C.M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Ateliers Psychothérapeutiques de théâtre spontané pour adolescents: une proposition winnicottienne. In: **Ixth. Congress of EUSARF**, 2005, Paris. Proceedings of Ixth Congress of EUSARF, Nantere: Université de Paris X, 2005.

\_\_\_\_\_. Encontrando o Almeida: sofrimento emocional no trabalho, uma intervenção clínica em ambiente hoteleiro. In: RAMOS, C.; SILVAS, G.G.; SOUZA, S. (Org.). **Práticas psicológicas em instituições: uma reflexão sobre os serviços-escola**. São Paulo: Vetor, 2006c, v. 1, p. 127-144.

\_\_\_\_\_. Encontro na praça: Teatro espontâneo com estudantes numa perspectiva winnicottiana. In: AIELLO-VAISBERG, T.M.J; AMBRÓSIO, F.F. (org.) **Ser e Fazer: Apresentação e materialidade**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003a. p. 82-89.

\_\_\_\_\_. La práctica del procedimiento de dibujos-cuentos com tema como recurso dialéctico transicional en la clínica de la orientación vocacional. In: **XIII Congresso Latinoamericano de Rorschach y Métodos Projectivos**, 2006, Lima. Anais XIII Congresso Latinoamericano de Rorschach y Métodos Projectivos, 2006a.

\_\_\_\_\_. Oficinas de teatro espontâneo e outras brincadeiras para adolescentes. In: AIELLO-VAISBERG, T.M.J; AMBRÓSIO, F.F. (org.) **Ser e Fazer: Trajetos do sofrimento: Desenraizamento e exclusão**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002. p. 84-86.

\_\_\_\_\_. Propondo intervenções clínicas psicanalíticas em ambiente de trabalho. **Revista Diálogo**, Universidade Estadual de Londrina, v. 3, n. 1, p. 11-18, 2003b.

\_\_\_\_\_. Teatro espontâneo na escolha profissional numa perspectiva winnicottiana. In: **14º Encontro Serviços-Escolha de Psicologia do Estado de São Paulo**, 2006. Saberes e

fazerem: Os caminhos da integração. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006b. p. 54-54.

CAMPS, C.I.C.M.; MEDEIROS, C., AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Trabalho criativo: Um herdeiro do brincar. In: AIELLO-VAISBERG, T.M.J; AMBRÓSIO, F.F. (org.) **Ser e Fazer: O Brincar**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004. p. 50-57.

\_\_\_\_\_. Quando um clínico vai brincar em um escritório: Um atendimento ético em ambiente corporativo. In: AIELLO-VAISBERG, T.M.J; AMBRÓSIO, F.F. (org.) **Ser e Fazer: Reflexões éticas na clínica contemporânea**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005. p. 68-78.

CARVALHO, M.M.M.J. Orientação Profissional em Dinâmica de Grupo. In: \_\_\_\_\_, **Orientação profissional em grupo – Teoria e técnica**. Campinas: Psy, 1995. 260 p.

CIVITATE, H. **Jogos de salão: recreação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. 87 p.

\_\_\_\_\_. **Jogos recreativos para clubes, academias, hotéis, acampamentos, spas e colônias de férias**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001. 96 p.

CRITES, J. O. **Psicologia Vocacional**. Buenos Aires: Paidós, 1974. 718p.

DEVEREUX, G. (1967) **De la ansiedad al método en las ciencias del comportamiento**. 2ª Edição. Madrid: Siglo Veinteuno, 1977. 147 p.

FERREIRA, J. C. **Encontrando a mulher. A Psicanálise do self na abordagem de um singular plural**. 2005. 179p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

FRANCISCATO, I. Tutoria: resgatando uma antiga estratégia para aprender na escola. In: MALUF, M. R. (Org.) **Psicologia educacional: questões contemporâneas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.123-161.

FREUD, S. (1900) **L'interprétation des rêves**. Tradução de I. Meyerson. Paris: Presses universitaires de France, 1975. 573 p.

\_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de José Luís Meurer. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v.

FRITZEN, S.J. **Dinâmicas de recreação e jogos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000a. 70 p.

\_\_\_\_\_. **Jogos dirigidos para grupos, recreação e aulas de educação física**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000b. 113 p.

GIL, C. A.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Oficina psicoterapêutica de cartas, fotografias e lembranças: desafio e esperança no contexto do hospital psiquiátrico. In: **V Jornada Apoiar Saúde Mental nos ciclos da vida**, 2007, São Paulo. Caderno dos anais da V Jornada Apoiar do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia clínica social. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007. p. 333-342.

GUICHARD, J. Problemáticas sociales, modelizaciones teóricas y finalidades de la orientación. In: ELIZALDE, J. H.; RODRÍGUEZ, A. M. **Creando proyectos en tiempos de incertidumbre**. Buenos Aires: Psicolibros, 2002. p. 12-39.

GUICHARD, J.; GUILLON, V. L'orientation scolaire et professionnelle. In: **Actes du colloque international: Eduquer em orientation: enjeux et perspectives**. INETOP-CNAM, Paris, v. 30, hors-série, 2001. p. 13-14.

GRANATO, T. M. M. **Encontros terapêuticos com gestantes à luz da preocupação materna primária**. 2000, 106f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

\_\_\_\_\_. **Tecendo a clínica winnicottiana da maternidade em narrativas psicanalíticas**. 2004, 266f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GREENBERG, J.R.; MITCHELL, S.A. **Relações objetais na teoria psicanalítica**. Tradução Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 328p.

HELLER, A. (1970) **O cotidiano e a história**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992. 121p.

HERRMANN, F. **O que é Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 90 p.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2001. 243p.

KLEIN, M. (1932) **Psicanálise da criança**. Tradução Póla Civelli. São Paulo: Mestre Jou, 1975. 394p.

LASH, S. (2002) **Critique of information**. London: Sage, 2002. 234p.

LEHMAN, I.P. O processo de orientação profissional como um holding na adolescência. In: CATAFESTA, I.F. (Org.) **D.W.winnicott na Universidade de São Paulo**. São Paulo: Lemos, 1996. p. 277-289.

LEHMAN, I.P.; UVALDO, M.C.C.; SILVA, F. F. O jovem e o mundo do trabalho: Consultas terapêuticas e orientação profissional. **Imaginário**, Universidade de São Paulo, vol. 12, n.12, p. 81-96, 2006.

LEMONS, C.G., FERREIRA, M.F. Geração *Zapping* e escolha profissional. In: VASCONCELOS, Z.B.; OLIVEIRA, I.D. (Orgs). **Orientação Vocacional: Alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 51-60.

LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. & COLS. **Orientação vocacional ocupacional – Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 239 p.

LEVINZON, G. K. Dirigindo a cena: a dupla analítica no palco das emoções. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 977-988, 2001.

MARX, K. (1844) **Economia política e filosofia**. Tradução Sylvia Patrícia. Rio de Janeiro: Melso, 1963. 317p.

MAY, R. (1953) **O Homem à procura de si mesmo**. Tradução Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971. 230 p.

- MENCARELLI, V. L.. **Em defesa de uma clínica Psicanalítica não convencional: Oficinas de velas com pacientes soropositivos**. 2003. 101 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.
- MICELLI-BATISTA, A. **Consulta Psicoprofilática ao residente de medicina. Proposta de um enquadre diferenciado à luz da perspectiva winnicottiana**. 2003. 128f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.
- MONTEIRO, R. F. **Jogos dramáticos**. 4. ed. São Paulo: Ágora, 1994. 110 p.
- MORENO, J. L. **O teatro da espontaneidade**. Tradução de Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo: Summus, 1984. 150 p.
- \_\_\_\_\_, **Psicodrama**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975. 492 p.
- NAFFAH NETO, A. **Psicodramatizar**. 2. ed. São Paulo: Ágora, 1990. 104 p.
- NEIVA, K. M. C. Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP). In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. & COLS. **Orientação vocacional ocupacional – Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 239 p.
- PELLETEIR, D.; NOISEUX, G.; BUJOLD, C. (1974) **Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal – Enfoque operatório**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2ª Edição, 1979. 241 p.
- POLITZER, G. (1928). **A crítica dos fundamentos da psicologia: A Psicologia e a Psicanálise**. Tradução de Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba: Unimep, 1994. 194 p.
- RIBEIRO, D. P. S. A. **Transicionalidade e uso do procedimento de Desenhos-Estórias com Tema nas primeiras entrevistas clínicas**. 2008. 173f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 2008.
- ROUSSILLON, R. Atualité de Winnicott. In: CLANCIER, A.; KALMANOVITCH, J. **Le paradoxe de Winnicott: de la naissance à la création**. [S.l.]: Inpress, 1999. p. 9-26.
- RUSS, J. **La Pensée éthique contemporaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. 124 p.
- SPOLIN, V. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- TACHIBANA, M. **Rabiscando desenhos-estórias: encontros terapêuticos com mulheres que sofreram aborto espontâneo**. Campinas, 2006. 167f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Orientador: Tania Maria Jose Aiello Vaisberg. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.
- TOFOLO, T.M.J.A. Representações sociais de portadores de deficiências e do papel profissional. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. XLIV, n. 100/101, p. 55-60, 1994.
- UVALDO, M.C.C.; SILVA, F.F. Orientação profissional: Uma experiência na escola. **Labor. Revista do laboratório de estudos sobre trabalho e orientação profissional**, São Paulo, n. 0, p. 77-84, 2001.

- SAFRA, G. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco, 1999. 168 p.
- \_\_\_\_\_. **A Po-Ética na clínica contemporânea**. São Paulo: Idéias e Letras, 2004. 160 p.
- \_\_\_\_\_. **Método de pesquisa: do projeto a elaboração do texto final**. DVD de aula ministrada no curso de pós-graduação em Psicologia Clínica da USP em 16 de março 2005. São Paulo: Sobornost, 2005.
- SENNET, R. (1998) **A corrosão do caráter**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002. 214p.
- SILVA, G. F. **"Ser e fazer" em grupo: proposta de uma leitura winnicottiana com fundamentação teórica do uso de "técnicas" grupais**. 2000. 119f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.
- SILVA, M. E. **Investigação e Psicanálise**. São Paulo: Papyrus, 1993. 171 p.
- SIROTA, A. Des espaces culturels intermédiaires. In: BARUS-MICHEL, J.; GIUS-DESPRAIRIES, F. (Org). **La scène sociale: crise, mutation, émergence**. Paris: Eska. 1998. p.91-108.
- SUPER, D. E. (1953) A Theory of vocational development. **The American Psychologist, American Psychological Association**, Washington: The Association, n. 8, p. 185-190, 1953.
- TRINCA, W. **Investigação clínica da personalidade: O desenho livre como estímulo de apercepção temática**. Belo Horizonte: Interlivros, 1996. 174p.
- VITALI, L. M. **Flor-Rabisco: Narrativa psicanalítica de uma experiência surpreendente**. 2004. 189f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.
- VITALI, L. M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é... O uso de consultas terapêuticas coletivas na abordagem do sofrimento emocional vivido pelos profissionais de saúde em ambulatórios de cuidados paliativos. In: AIELLO-VAISBERG, T.M.J; AMBRÓSIO, F.F. (org.) **Ser e Fazer: Imaginários coletivos como mundos transicionais**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006. p.61-79.
- \_\_\_\_\_. "Flor-rabisco": a oficina de arranjos florais. In: AIELLO-VAISBERG, T.M.J; AMBRÓSIO, F.F. (org.) **Ser e Fazer: Apresentação e materialidade**. São Paulo: Cadernos Ser e Fazer, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p.141-152
- VITALI, L. M., AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; BULLE, A. S.; GABBAL, A. A. Doença crônica, evolutiva e fatal: consultas terapêuticas coletivas no cuidado emocional dos profissionais de saúde. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**. 2003
- WEIL, S. (1941). A vida na fábrica. In: BOSI, E. (Org.). **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Tradução de Therezinha G.G. Langada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 399p.

WINNICOTT, D. W. (1950). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 288-304.

\_\_\_\_\_. (1958). A capacidade de estar só. In: **O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 31-37.

\_\_\_\_\_. (1949). A mente e sua relação com o psique-soma. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 332-346.

\_\_\_\_\_. (1941). A observação de bebês em uma situação estabelecida. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 112-132.

\_\_\_\_\_. (1956). A Preocupação materna primária. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.

\_\_\_\_\_. (1954). Aspectos Clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 374-392.

\_\_\_\_\_. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: **O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 79-87.

\_\_\_\_\_. (1945). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 218-232.

\_\_\_\_\_. (1960). Distorção do Ego em termos de falso e verdadeiro "self". In: **O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139.

\_\_\_\_\_. (1955). Formas clínicas da transferência. In: **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 393-398.

\_\_\_\_\_. **La consultation thérapeutique et l'enfant**. Tradução de Claude Monod. Hérissé à Évreux : Gallimard, 1971. 411 p.

\_\_\_\_\_. **Natureza humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 222 p.

\_\_\_\_\_. (1971). **O brincar e a realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 203 p.

\_\_\_\_\_. (1967). O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 3-22.

\_\_\_\_\_. (1965). O valor da consulta terapêutica. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 244-248.

\_\_\_\_\_. (1962). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: **O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 152-155.

\_\_\_\_\_. (1952). Psicoses e cuidados maternos. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 305-315.

\_\_\_\_\_. Sonhar, fantasiar e viver. In: \_\_\_\_\_. **Brincar e realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 45-58.

\_\_\_\_\_. (1970). Vivendo de modo criativo. In: \_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 23-39.

YOZO, R.Y.K. **100 jogos para grupos – uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**. São Paulo: Ágora, 1996. 179p.

ZIMERMAN, D.; OSÓRIO, L.C. e Cols. Grupos de orientação profissional com alunos adolescentes. In: \_\_\_\_\_, **Como trabalhamos em grupo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 289 p.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)